

Peter Mayle
MEMÓRIAS DE UM CÃO



Autor de UM ANO NA PROVENCE

Ilustrações de Edward Koren

Rocco



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MEMÓRIAS DE UM CÃO



Peter Mayle

MEMÓRIAS DE UM CÃO

Ilustrações de
EDWARD KOREN

Tradução de
WALDÉA BARCELLOS



Rio de Janeiro — 1997

Título original
A DOG'S LIFE

Copyright do texto © 1994 Escargot Productions Ltd
Copyright das ilustrações © 1994 Escargot Productions Ltd

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA. Rua Rodrigo Silva, 26, 5º andar
20011-040 — Rio de Janeiro, RJ Tel.: 507-2000 — Fax: 507-2244

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
HENRIQUE TARNAPOLSKY

Orelhas do Livro

MEMÓRIAS DE UM CÃO

É possível a compreensão de nossa verdadeira natureza interior com a ajuda de um vira-lata? A resposta será óbvia se este cão for o proustiano Boy, que aprendeu a filosofar seguindo os passos do novo dono, o escritor Peter Mayle, pelo paraíso da Provence.

Levando-nos mais uma vez à simplicidade de uma das regiões mais belas da França, por ele popularizada em seus livros, Mayle nos apresenta o arguto Boy, capaz de estranhar que os homens vivam tão distantes de sua própria natureza e de apontar cada uma de suas atitudes absurdas, enquanto nos diverte com a diversidade de suas próprias aventuras. Desde as existenciais, como a rejeição que sofreu da mãe, uma cadela que o abandonou depois de obrigá-lo a disputar comida com doze irmãos, aos namoros e experiências sexuais, todos devidamente incompreendidos e desrespeitados pelos entes humanos.

A concepção que Boy tem da humanidade é tão doce que o transforma num filósofo de meiguice apaixonante. Ele não só compreende, como ama e perdoa sempre, concluindo: "Errar é humano, perdoar é canino." Boy é um sábio, e um provável divertido alter-ego de Peter Mayle. Este livro, por sua vez, é o companheiro ideal para quem gosta de cães ou goste de quem gosta deles.

O AUTOR

Peter Mayle é um escritor inglês que se tornou uma celebridade internacional ao se mudar para a França e escrever sobre a Provence. É autor de *Um ano na Provence*, *Toujours Provence* e *Hotel Pastis*, todos publicados pela Rocco.

*Para Jean-Claude Agneau,
Dominique Roizard e Jonathan Turetsky,
três príncipes da veterinária.*

Nota do Autor

Minha história é baseada em fatos reais. No entanto, em consonância com o atual costume autobiográfico adotado pelos políticos nas suas memórias, corrigi a verdade sempre que ela pudesse depor contra minha imagem.





*O destino, a celebridade,
Proust e eu*

A VIDA É INJUSTA, como todos nós sabemos, e é assim mesmo. Se tudo tivesse seguido de acordo com os planos, eu ainda estaria acorrentado do lado de fora de uma casa de lavrador no fim do

mundo, sobrevivendo com uma alimentação insuficiente e latindo para o vento. Felizmente, porém, alguns de nós são escolhidos pelo destino para superar as origens humildes e alcançar o sucesso num mundo competitivo. Ocorre-me a figura de Lassie, por exemplo, e a daquela pequena criatura que parece passar a vida inteira com a cabeça num ângulo pouco natural, ouvindo com atenção um antigo gramofone. Antes ele do que eu, mas imagino que o leque de opções não seja muito amplo para os terriers — uns idiotinhas barulhentos dotados de inteligência limitada, de acordo com minha experiência.

À medida que minhas memórias forem se desenrolando, passarei a descrever com mais detalhes meu progresso pela vida afora — desde o nascimento até minha atual proeminência, sem me esquecer dos tempos de luta, dos meses ao desabrigo, da procura de uma casa, encontros curiosos, pontos marcantes, momentos decisivos e assim por diante. Por enquanto, porém, vamos deixá-los de lado e voltar nossa atenção para questões mais fundamentais: minha ascensão à celebridade e a decisão de expor minhas idéias por escrito.

Tudo começou por acaso, como costuma acontecer com essas coisas. Um fotógrafo havia vindo até a casa à procura de um drinque de graça sob o pretexto de fazer estudos artísticos do canteiro de alfazema. Não lhe dei muita atenção, a não ser por uma farejada superficial, mas ele largou o copo pelo tempo suficiente para tirar algumas fotos informais. Lembro-me de estar em silhueta, com o sol atrás de mim — *contre-jour*, como dizemos na França — e o ouvi murmurar alguma coisa sobre o nobre selvagem quando parei para regar um gerânio.



Um encontro casual.

Naquela época, não pensei mais no assunto. Alguns de nós são fotogênicos; outros não. Algumas semanas mais tarde, porém, lá estava eu numa revista: em cores, com os bigodes eriçados, o rabo empinado — a perfeita imagem do destemido cão de guarda. E dizem que a fotografia não mente jamais. Não sabem de nada.

A partir daí, nunca mais parou. Outras revistas ou, pelo menos, aquelas com a inteligência para reconhecer a qualidade do astro vieram à minha procura. Jornais, equipes de televisão, vários admiradores de locais próximos e distantes e um casal furtivo que tentou vender ração para cães vencida — todos eles apareceram, e eu me esforcei ao máximo para atendê-los. Foi então que começaram a chegar as cartas.

Não sei se vocês já receberam algum dia uma carta de um perfeito desconhecido a lhes fazer perguntas sobre seus hábitos pessoais. Eu devo ter recebido centenas delas, e algumas até bem

impertinentes. Chegaram a me oferecer sexo seguro com uma rottweiler (nem pensar, se vocês querem saber, não com aquelas mandíbulas). Seja como for, logo ficou óbvio que o mundo estava à espera de alguma mensagem da minha parte — uma declaração de princípios, talvez, ou o que é conhecido hoje em dia como “manual de estilo de vida”. Refleti muito sobre isso.



A qualidade do astro.

Ora, ao longo dos anos, desenvolvi uma preferência por Proust. Ele tem a propensão de se estender um pouco para meu gosto, mas nós dois temos algumas características em comum. Somos franceses, é claro. Temos uma natureza reflexiva. Os dois, grandes admiradores de biscoitos — *madeleines* no caso dele e o modelo supercrocante, enriquecido com cálcio e em formato de osso no meu caso. Assim, pensei com meus botões, se ele pode externar suas opiniões sobre a vida, o amor, sua mãe, guloseimas servidas com chá e a busca da felicidade, por que eu não posso? Não que no

fundo me lembre assim tão bem da minha mãe, porque ela foi embora pouco depois de ter a mim e a mais doze. Dadas as circunstâncias, não posso dizer que a culpa, embora o fato na época tivesse exigido muito da minha fé no instinto materno. Aqueles foram de fato dias sombrios e sedentos, como veremos.



A literatura chama.

Já estou divagando. A literatura chama, e preciso tentar organizar meus pensamentos. No todo, foi uma vida protegida como que pela magia, apesar da minha origem carente. O santo padroeiro dos cães — são Bernardo, para quem não sabe — foi bom para mim. Mesmo assim, a experiência fez com que eu desenvolvesse certas opiniões, e os leitores de uma disposição mais suscetível podem se sentir ofendidos pelos comentários aleatórios sobre bebês, gatos, higiene, *poodles* e veterinários que insistem em medir a febre do jeito antiquado. Por esses comentários sinceros, não apresento desculpas. De que valem memórias deste tipo se não revelam o autor como ele é?



Em apuros

A FESTA DO MEU NASCIMENTO estava cheia demais, e eu não teria convidado nenhum dos presentes. De início, eu não os via porque os olhos demoram alguns dias para abrir, mas eles faziam com que sua

presença fosse sentida. Tentem tomar o café da manhã com uma equipe de futebol, todos eles brigando para agarrar uma única torrada, e terão noção das dificuldades que enfrentei. Um pandemônio, cada um por si, cotoveladas por toda parte e a etiqueta à mesa que vá para o inferno. Por ser jovem na época, é claro que eu não podia imaginar que essas atitudes causariam problemas, além de alguns encontrões e empurrões na hora da refeição. Como eu estava enganado!

Éramos treze ao todo, e havia um número limitado de vagas no seio materno. O problema era que apanharam mamãe totalmente desprevenida — primeiro foi meu pai, atrás do celeiro, e depois nossa chegada em tamanha quantidade, quando ela só estava equipada para cuidar de meia dúzia de cada vez. Obviamente, isso significava mamadas divididas a intervalos de poucas horas. Ela estava sempre se queixando de não conseguir dormir o suficiente, de alergia a filhotes e de depressão pós-natal. Voltando os olhos para o passado, não fico surpreso.

Ouve-se hoje em dia todo tipo de bobagem sobre o sofrimento do filho único. As pessoas não param de tagarelar, com ar preocupado, sobre a solidão, a falta de contato com irmãos, o excesso de atenção por parte dos pais, as refeições caladas e solitárias e todo o resto. Para mim, parece o paraíso, o sétimo céu. Melhor isso sob quaisquer circunstâncias do que ter de lutar dez *rounds* com doze adversários com desejo crônico por leite, cada vez que a gente está faminto. Isso deixa a criatura exausta e arrasa com a digestão. As grandes famílias deveriam ser limitadas aos coelhos. Tenho certeza de que Proust estaria de acordo comigo quanto a esse ponto.

E é isso o que minha pobre e exausta mãe deve ter sentido também porque, mal todos estávamos mais ou menos firmes e piscando os olhos para o mundo, ela desapareceu. Simplesmente. Lembro-me bem do momento. Na calada da noite, e eu meio acordado. Rolei à procura de um pouco de nutrição, como se costuma fazer, e acordei sugando com força a orelha do meu irmão. Por sinal, foi um belo choque para ambos, e ele passou a me olhar com suspeita por algum tempo. Eu me interessaria em saber o que os entusiastas do contato entre irmãos teriam recomendado nessa situação. Terapia de grupo, sem dúvida, com uma sessão de treinamento de autoconscientização e uma boa injeção de antibiótico para o ferido.

Nenhum de nós dormiu grande coisa no resto daquela noite, como vocês podem imaginar, e pela manhã os estômagos já roncavam, com os irmãos mais fracos começando a ganir. Por ser um otimista, eu tinha certeza de que a querida mamãe havia apenas saído de mansinho em busca de companhia adulta atrás do celeiro e voltaria com uma expressão risonha a tempo do café da manhã.

Mas nada disso. As horas passaram, os roncos e os ganidos ficaram mais altos, e até mesmo eu comecei a temer o pior. Órfão, cercado por um punhado de fracotes, ainda com o distante sabor da orelha fraterna na boca e sem nenhuma perspectiva imediata de nada mais nutritivo, essa foi minha primeira experiência do lado mais sombrio da vida.

Perguntei-me muitas vezes como conseguimos sobreviver às semanas seguintes. O senhor e a senhora da casa distribuíam um eventual prato de leite ralo e umas migalhas decididamente de segunda mão (até hoje não consegui desenvolver nenhum interesse

por macarrão frio), mas era uma alimentação fraca, insatisfatória. Mesmo assim, seria de pensar que estavam nos dando filé de primeira, pela agitação que demonstravam. A cada dia, eu os via discutindo do lado de fora do celeiro, ela com seus chinelos de tapete e ele de botas. Parte da conversa me escapava, mas não me agradava nada o rumo geral. Bocas demais para alimentar, dinheiro indo ralo abaixo, isso não pode continuar; alguma coisa tem de ser feita; é tudo culpa sua por deixar que ela saísse de casa em noite de lua cheia. Nunca ouvi debates tão acalorados sobre a distribuição de uns ossos velhos de galinha e meia bisnaga que já havia visto melhores dias. Mas era isso ou nada, e nós tínhamos de nos contentar.

Começamos, então, a receber visitas, e o velho hipócrita de botas mudou seu tom. Passou a trazer os amigos para nos ver e falava de nós como se fôssemos bens da família. “Perfeita ninhada de caça”, dizia ele, “de uma longa linhagem de campeões. Genética impecável. Dá para ver pelo formato da cabeça e pela bela curva da cernelha.” Desnecessário dizer que estava inventando tudo aquilo. Eu apostaria que ele sequer havia visto meu pai; eu nunca havia visto. Mas lá seguia ele, acrescentando comentários sobre *pedigrees* e linhagens que remontavam aos tempos de Luís XIV. Uma atuação que faria corar um vendedor de carros usados.

A maioria dos seus amigos percebia a verdade, mas sempre há uns bobos por aí; e um a um meus irmãos foram despachados para novos lares, como se fossem cães de caça puro-sangue. Só serve para demonstrar como a pessoa pode sair impune se souber blefar descaradamente. É uma lição que aprendi bem e que me foi muito útil inúmeras vezes. Lembro-me de um dia em que me deparei

com uma família de javalis na floresta, por exemplo, mas essa já é outra história.

Vocês podem se perguntar como eu me sentia ao ver aqueles que me eram tão íntimos e queridos deixando o lar dos antepassados. Desolado, talvez? Solitário e melancólico? Não exatamente. Todas as situações têm um lado positivo e outro negativo, e eu não demorei muito para concluir que um número menor de bocas a alimentar significava mais comida para os restantes. Desalmado e egocêntrico, podem dizer, mas um estômago vazio muda nosso modo de encarar a vida. Além do mais, sempre me considerei o melhor da ninhada — se vocês tivessem visto os outros, compreenderiam por que motivo — e por isso estava confiante de que um dia assumiria meu papel de direito no esquema das coisas, com três refeições completas por dia e uma cama confortável dentro de casa. Todos podemos nos enganar.

Comecei a prestar mais atenção ao cara de botas, pois estava claro que era ele quem mandava, e eu procurava agradar o grande miserável sempre que ele estava ao meu alcance. Minha técnica naquela época ainda não estava tão elaborada quanto atualmente, mas eu fazia o melhor que podia agitando o rabo e dando ganidos de alegria. E me equivoquei o suficiente para acreditar que estava fazendo progresso. Eu imaginava que em algum ponto por trás daquela aparência sem atrativos havia uma alma bondosa que acabaria por se afeiçoar a mim. Ai de mim, nele havia ainda menos do que o que era aparente. É provável que vocês já tenham ouvido aquela descrição da vida como algo cruel, brutal e inesperado. Bem, assim ele é. Liberal demais no uso das botas, mesmo naquela época,

e é por isso que tenho uma profunda desconfiança de pés desde então.

Um dia, porém, ele me deixou sair do celeiro, e imaginei que a vida ia melhorar. Eu esperava no mínimo um passeio e talvez uma visita de inspeção à nova moradia, com uma refeição decente para celebrar minha chegada à casa da família. Ah, o tolo otimismo dos jovens.

Ele me levou para um trecho imundo do jardim, plantado com ervas daninhas, latas de óleo enferrujadas e um par de antigos pneus de trator, passou um laço na minha cabeça, amarrou a outra ponta da corda no tronco de um plátano e depois recuou para me examinar. Não sei se vocês já ficaram observando as pessoas que tentam se decidir entre a carne de vaca e a de cordeiro num açougue, mas era exatamente essa a sua aparência — pensativo e calculista. Dei pulinhos e tentei uma humilde corridinha, quase me enforcando no laço, depois desisti e me sentei no chão. Ficamos nos encarando. Ele chupava o bigode. Eu ensaiei um ganido de dar dó. Ele resmungou e voltou para a casa. Tal é a comunhão mística entre homem e cão.

E ali fiquei o verão inteiro — amarrado, contrafeito, mal alimentado, aproveitando o conforto possível da sombra do plátano. De quando em quando, ele vinha até ali e me examinava dos pés à cabeça naquele seu estilo pensativo — mas, fora isso, me dava pouquíssima atenção. Eu latia muito, só para fazer alguma coisa, e observava as formigas. Criaturinhas trabalhadoras, as formigas. Elas ainda me fascinam, apressando-se de um lado para o outro, os olhos para a frente, em fileiras de três. Ouvi dizer que as grandes cidades

são assim, milhões de pessoas mudando de um buraco para outro e depois voltando. Um jeito estranho de viver a vida, mas é isso aí.

Estava acostumado a passar a noite enrodilhado num dos pneus de trator; e um dia de manhã, ao acordar, deparei com uma nítida alteração no ar. Era como o cheiro de uma quadra diferente, e havia um forte orvalho cobrindo a borracha. Era o final do verão.

Agora sei, embora na época não soubesse, que o início do outono desperta o impulso primitivo que se esconde no coração da humanidade, especialmente na minha região do mundo. Os homens reúnem-se, armam-se até os dentes e avançam para a batalha com tordos, coelhos, narcejas ou qualquer outra coisa que faça algum ruído suspeito no mato. Sabe-se que eles chegam a atirar uns nos outros, o que é compreensível se a pessoa teve um dia decepcionante com os coelhos e quer alguma coisa para levar para a mulher em casa. Mas estou divagando.

Saí do meu pneu, espreguicei-me, farejei a brisa e estava esperando mais um dia monótono como qualquer outro quando aquilo que só posso descrever como uma aparição saiu marchando da casa. Era o cara de botas. E, em vez da sua habitual camiseta e calças comidas de traça, ele estava usando um traje completo de camuflagem para a selva — boné e jaqueta combinando em tecido mosqueado de verde e marrom, cartucheira a tiracolo, uma bolsa jogada sobre um dos ombros, uma espingarda no outro, Nimrod, o caçador, em traje a rigor.

À medida que ele foi se aproximando, captei um levíssimo cheiro de sangue seco vindo da bolsa — um grande avanço, na minha opinião, ao familiar buquê de alho, tabaco e suor — e pressenti que alguma coisa estava por acontecer. E de fato ele me

desamarrou e indicou, com a bota, que eu deveria entrar com ele na caminhonete. Tenho consciência de que esse pode não parecer o início de um dia perfeito para vocês, mas eu estava amarrado àquela corda há meses, e dá para imaginar que encarei a situação como uma aventura maravilhosa. Afinal de contas, o interesse que se possa sentir pelas formigas tem seu limite.

E lá fomos nós, deixando a estrada depois de algum tempo para seguir aos solavancos por uma trilha acidentada antes de parar. Nimrod desceu mas fez com que eu ficasse no veículo. Ouvi alguns latidos e enfiei o focinho pela janela.

Outras três ou quatro caminhonetes, cada uma com um cão dentro, pelo barulho que se ouvia, estavam estacionadas numa clareira na floresta. Nimrod e seus amigos estavam se pavoneando, dando tapinhas nas costas uns dos outros à moda masculina e comparando armamentos e adereços militares. Uma garrafa não sei do quê foi exibida e passada de um a outro. Um dos guerreiros apanhou uma lingüiça, que foi fatiada com uma faca de tamanho suficiente para estripar uma baleia e depois consumida como se nenhum deles tivesse visto comida dias a fio. Contudo, acabavam de tomar o café da manhã. Houve então mais atividade com a garrafa, os latidos se acalmaram e eu devo ter cochilado.



Escondido debaixo de um arbusto estava o coelhinho.

O próximo passo de que me lembro foi de ser arrancado da caminhonete pelo cangote e receber ordens para entrar na floresta. Os outros cães pareciam saber o que fazer, e eu fui agindo da mesma forma que eles. Levávamos o focinho ao chão e corríamos de um lado para o outro exibindo um ar determinado, enquanto a divisão armada protegia a retaguarda. Eles faziam barulho suficiente para apavorar qualquer coisa que não fosse surda como uma pedra, e qualquer ave com um mínimo de inteligência (o seu faisão, por exemplo) teria levantado vôo em busca de um pouso seguro no telhado da *gendarmerie* muito antes da nossa chegada.

No entanto, nunca dá para explicar o comportamento dos coelhos. Um dos outros cães parou de repente e assumiu a pose que se vê eventualmente em quadros de estilo rústico — a cabeça projetada para a frente, o pescoço, a espinha e o rabo em perfeita linha reta, uma pata dianteira erguida como se o cão tivesse pisado em alguma coisa desagradável. Creio que o termo técnico é *amarrar a caça*. Seja como for, fui até lá para ver o que estava acontecendo; e logo ali, escondido debaixo de um arbusto, estava o coelhinho,

tremendo como gelatina e demonstrando não saber se devia rolar de costas e se fingir de morto, levantar a bandeira branca ou fugir correndo.

Houve grande animação nas tropas que nos seguiam, e várias instruções foram transmitidas, o que ignorei. Afinal de contas, era meu primeiro coelho, e eu queria dar uma olhada melhor. Lembro-me de que um almoço razoável era o que eu tinha em mente quando saltei para pegá-lo, mas ele deve ter lido meu pensamento. Disparou entre minhas pernas, e a Terceira Guerra Mundial começou.

É preciso que vocês compreendam que eu nunca havia participado de um combate, e não estava preparado, portanto, para o barulho horrendo de algumas espingardas sendo disparadas a poucos centímetros da minha cabeça. Vocês não fazem idéia do choque provocado no meu sistema, e por isso não apresento desculpas pelos meus atos. O instinto me dominou, e eu saí da linha de tiro com velocidade ainda maior do que a do coelho. Na realidade, creio que o ultrapassei no caminho de volta à segurança da caminhonete.

Não consegui entrar e me enfiei debaixo dela. Eu acabava de recuperar o fôlego e estava me congratulando pelo sucesso de ter escapado das garras da morte quando percebi que não estava mais só. Pude ouvir o som de risadas e de uma linguagem obscena que reconheci ser proveniente de Nimrod. Ele era o único que não estava rindo.

Nimrod berrava comigo instando-me a sair, mas eu achei melhor ficar onde estava por enquanto e deixar que ele recobrasse seu controle. Ele começou a chutar a lateral do veículo, em meio a

uma alegria cada vez maior por parte dos outros integrantes do grupo. E, quando isso não funcionou, ele se pôs de quatro no chão, fez com que eu saísse cutucando-me com a coronha da espingarda, abriu a porta da caminhonete e me forçou a entrar com uma botinada.



A viagem de volta para casa não foi um grande sucesso social.

A viagem de volta para casa não foi um grande sucesso social. Eu sabia que não havia demonstrado exatamente o talento e destreza esperados de mim, mas afinal de contas era a primeira vez que saía. Como se esperava que eu conhecesse as regras do jogo? Tendo em mente a harmonia e uma vida tranqüila, tentei algumas iniciativas de desculpas, mas tudo que consegui foram sopapos e uma rajada de insultos. O que eu naturalmente não percebia era que o havia feito parecer o imbecil que ele realmente era diante dos seus amigos (que não eram muito melhores, aparentemente, mas pelo menos tinham senso de humor). Descobri que as pessoas se melindram por causa da própria imagem. Uma rachadura ínfima no

espelho do amor-próprio, e elas ficam amuadas horas a fio. Ou descontam sua cólera no objeto disponível mais próximo — nesse caso, em mim.

Portanto, foi de volta à corda e ao ostracismo enquanto Nimrod e eu considerávamos nossas respectivas posições. Era óbvio que ele queria um companheiro de caça, capaz de lidar com aves e tiros. Minhas ambições ficavam mais no setor doméstico, talvez com um leve serviço de guarda e um telhado sobre a cabeça. Não que eu faça objeção à caça por princípios morais, compreendam. No que me diz respeito, um coelho morto é mais fácil de ser agarrado do que um em movimento. É o ruído daquelas espingardas que não consigo tolerar. Meus ouvidos são extremamente sensíveis.

A gota-d'água veio alguns dias depois, quando Nimrod resolveu me fazer passar por um pouco de tirocínio e treinamento prático. Ele saiu da casa brandindo sua espingarda e uma trouxa amorfa de pele. Creio que era uma das suas terríveis camisetas velhas, enrolada, com uma pele de coelho amarrada em volta.

Ele tirou a corda do meu pescoço e empurrou a trouxa no meu focinho por uns segundos, resmungando alguma coisa sobre o cheiro da vida silvestre, esquecendo-se de que estivera usando a camiseta para limpar as mãos enquanto consertava a caminhonete. Não é fácil desenvolver algum entusiasmo verdadeiro por um cheiro forte de óleo diesel, mas eu me esforcei ao máximo para parecer alerta e interessado, e então começou o estágio seguinte da farsa.

Ele atirou a trouxa numa alta moita de ervas daninhas a uns vinte metros de distância e abaixou a mão para me impedir de persegui-la. Eu de fato não tinha a menor intenção de sequer chegar perto dela, não com um velho maluco, sôfrego para dar um tiro,

atrás de mim. Por isso, fiquei imóvel, aguardando os desdobramentos. Ele pareceu considerar essa atitude um ato de controle exemplar e de habilidade prática, e fez uma careta para mim no que imagino que ele pensou ser um sorriso de aprovação. "*Bieng*", disse ele (tinha um sotaque fortíssimo), "*ça commence bieng.*"

E agora? Íamos esperar que a camiseta e seu casaco de pele saíssem da moita e se entregassem a forças superiores? Íamos nos esgueirar até eles e apanhá-los de surpresa? Enquanto decidíamos o que fazer, deitei-me, o que se revelou um erro de avaliação porque inibe a velocidade de partida.

Eu nem estava olhando para ele e não o vi erguer a espingarda. No entanto, quando ela disparou, eu me mandei para dentro de um dos pneus de trator, com a cabeça para baixo e as patas cobrindo as orelhas, num piscar de olhos.

Vocês já viram um homem perder totalmente o controle sobre si mesmo? Não é um quadro bonito, especialmente se ele estiver brandindo uma arma na sua direção e falando com uma fúria desconexa. Por isso, achei que era melhor pôr algo sólido entre nós dois. De um salto, saí do pneu de trator e me postei atrás do plátano antes que ele conseguisse passar a corda pela minha cabeça. Demos voltas e mais voltas na árvore, ele xingando como se possuído por um demônio e eu fazendo o possível para aparentar um arrependimento adequado enquanto recuava a toda velocidade. Posso assegurar que não é fácil, mas considerarei mais seguro do que lhe voltar as costas, embora ele provavelmente tivesse errado o tiro, já que era um fracasso na pontaria.

Tudo poderia ter acabado numa trégua de exaustão não fosse pela chegada de um dos seus amigos, que ficou ali parado com lágrimas a lhe escorrer pelo rosto de tanto rir ao nos ver brincando do que devia dar a impressão de ser uma vigorosa dança de roda em volta do tronco. Agora que penso no assunto, tenho certeza de que foi o ridículo da situação o responsável pela minha subsequente mudança de endereço. Vocês já devem ter chegado à mesma conclusão. Há entre nós quem não consiga tolerar uma piada.

Em seguida, os acontecimentos se desenrolaram com rapidez e de forma dolorosa. Uma vez que havia conseguido me encurralar, ele me deu uns golpes com a ponta da corda e me jogou na parte traseira da caminhonete. Ouvi-o gritar com a mulher — que cruz levava a pobre coitada! — antes de entrar no veículo, rosnando para mim, e saindo como se estivesse atrasado para o enterro do seu melhor amigo e não quisesse perder a festa.

Eu me mantinha bem longe, fora do seu alcance, lá atrás, a meditar. Não estávamos indo caçar de novo, isso eu sabia, porque ele não estava com sua maldita espingarda e seu boné idiota. Estava óbvio da mesma forma que esse não ia ser um passeio agradável. Havia uma rigidez e uma fúria no jeito da sua cabeça e dos ombros, e ele estava dirigindo rápido demais para seus limitados poderes de coordenação motora, buzinando para tudo e para todos e se inclinando nas curvas como um bêbado de uma perna só.



Nós nos olhamos.

Seguimos sempre em frente, a maior parte do tempo em subida, até chegar a uma abrupta depressão fora da estrada. Preparei-me para mais aflições e, quando ele saltou e deu a volta para a traseira da caminhonete, eu me esgueirei para o banco do motorista, pensando na eventualidade de ele ter em mente algum plano de natureza violenta. Nós nos olhamos, ele pela porta traseira aberta, eu por cima do banco.

Eu fiquei à espera de mais um coro de berros, mas em vez disso ele enfiou a mão no bolso e tirou um bom pedaço de lingüiça e me ofereceu. Eu deveria ter imaginado que um calhorda mesquinho como ele não ia de repente ser dominado pela generosidade, mas o fato é que eu estava com fome e fui atingido pela surpresa. Acompanhei, portanto, a lingüiça apresentada. Ele foi aos poucos recuando da traseira da caminhonete, e eu saltei e me sentei na

minha posição mais atraente, com as patas dianteiras unidas, a cabeça inclinada e os sucos digestivos em prontidão.

Ele fez que sim e grunhiu. Segurou então a lingüiça debaixo do meu focinho. Era de porco, eu me lembro, com a quantidade exata de gordura e um aroma de temperos maravilhosos. No entanto, quando me estiquei para apanhá-la, ele se virou e a atirou no meio do mato. E com um belo arremesso, claro, para alguém que estava sempre se queixando de artrite.

Bem, ousou dizer que vocês podem adivinhar o que aconteceu. Fui atrás da lingüiça, concordando que esse era exatamente o meu tipo de caçada, e me enfiei no mato baixo, com o focinho se esforçando ao máximo e sentindo que talvez as coisas estivessem melhorando. A emoção da procura deve ter me dominado porque não percebi nenhum ruído atrás de mim. Além disso, não sou o que se poderia chamar de furtivo, e era provável que estivesse fazendo um bom barulho ao me movimentar dentro da vegetação. Seja como for, depois de dez minutos de busca infrutífera, parei para recuperar meu sentido de direção, olhei para trás e vi que alguma coisa estava faltando.

A paisagem era deserta: nem homem, nem veículo. Ele foi embora enquanto eu me dedicava a outros interesses. E, afinal, nunca cheguei a encontrar a lingüiça.



No limbo

ABANDONADO — FOI ESSA A PALAVRA que acabou me ocorrendo depois que esquadrinhei o horizonte vazio em busca de um vislumbre da caminhonete e de seu proprietário traiçoeiro. Considerei a situação

um indício de que meus serviços não eram mais necessários no Château Desespero e, sem nenhum compromisso urgente, tive tempo para avaliar e ponderar o futuro.

Era um momento decisivo, sem a menor dúvida, e o que descobri sobre momentos decisivos é que eles são o que a gente fizer deles. Há o lado bom e o ruim, o sol e a sombra, o doce e o amargo e assim por diante. O copo está meio cheio ou meio vazio? Será que há bens que vêm para mal? Esse tipo de coisa.

Como mencionei, sou otimista por natureza e comecei a examinar o lado positivo. Eu tinha liberdade para perambular onde meu faro me levasse. Não havia nenhuma ameaça imediata de um chute nas costelas ou de expedições ensurdecedoras com um grupo de idiotas armados. E minhas condições anteriores de moradia e alimentação, como vocês viram, dificilmente poderiam ser piores. Deixá-las para trás não era nenhuma provação.

Havia, porém, um problema que começava a se apresentar, como costuma acontecer. Quaisquer que fossem as capacidades que possuísse, eu não estava equipado por natureza para me virar sozinho. Essa é a diferença entre os cães e os gatos. Minhas primeiras experiências com Hepzibah, que descreverei mais adiante, não haviam despertado em mim um afeto pelos gatos. Jogue um gato no mato (e devo admitir que eu seria o primeiro a ajudar), e antes que você perceba ele estará caindo em cima de uma costeleta de tordo e se fartando com qualquer ninho ou toca de coelho que lhe agrade. Em outras palavras, ele teria respondido ao chamado da vida selvagem tornando-se primitivo e animalesco. Vocês sabem que ele está sempre presente nos gatos, esse instinto? Eles não são

dignos de confiança e, na minha opinião, têm alguns hábitos pessoais repugnantes, mas digo isso de passagem.

Ruminando sobre essas coisas, meus pensamentos se voltaram para a posição do cão no que se chama informalmente de “sociedade civilizada”. Imagino que conheçam a frase que sempre foi uma coleira no nosso pescoço, infelizmente há tantos anos: aquela venerável pérola sobre o melhor amigo do homem — inventada, tenho certeza, por algum velhote simpático com um fraco pelo focinho molhado e pelo olhar de adoração, e eu sou totalmente a favor dela. No entanto, o que as pessoas costumam esquecer quando os olhos se enchem de lágrimas e a melancolia as domina é o seguinte: o acordo entre homem e cão é em parte de natureza prática. Tudo bem com a amizade — se não fossem dois amigos, eu não estaria aqui, afinal de contas — mas não se pode negar a importância de uma cama quentinha, de alimentação abundante e do acesso a uma casa confortável.

Um dos meus antepassados mais talentosos deve ter percebido isso uns milhares de anos atrás e chegado à conclusão de que o homem era seu meio de sustento mais conveniente. Nós, os cães, temos nossos dons e capacidades, é verdade, mas temos condições de assegurar um suprimento regular de comida? Não. Temos condições de construir um abrigo aconchegante, à prova das intempéries? Mais uma vez, não. (Nem os gatos, com toda a sua arrogância insuportável.)

E assim, naqueles tempos primitivos antes da invenção dos *kennel clubs* e dos salões de beleza para poodles, o sábio ancestral tomou a decisão de se tornar um acessório doméstico num lar humano. O homem, por ser altamente suscetível à adulação,

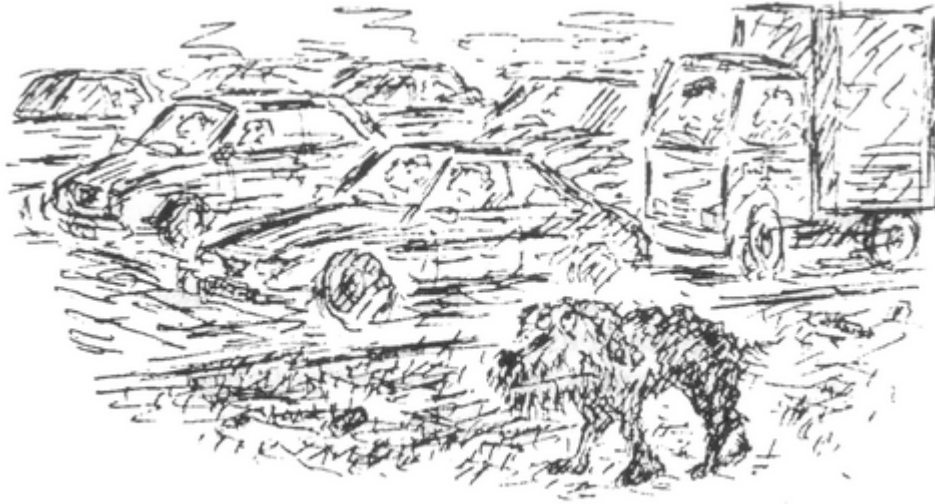
preferiu encarar essa atitude como uma prova de amizade, de fraternidade, de verdadeiro amor e tudo o mais; e assim o mito surgiu. Desde então, os cães tiveram o privilégio de fazer seu próprio horário, de ter moradia e alimentação sem aborrecimentos e, com um pouco de sorte e um esforço mínimo, agrados.

Pelo menos, essa é a teoria, embora minha curta experiência até aquele momento tivesse deixado a desejar sob todos os aspectos, desde as palavras de carinho até o conforto físico. E agora as coisas haviam passado de mal a pior. Tive alguns momentos de apreensão, sentado em esplendor solitário lá no alto dos montes, e surgiu mesmo a estranha idéia de procurar encontrar o caminho de volta ao demônio que eu conhecia, com botas e tudo. Felizmente, o ruído de um carro distraiu minha atenção, e eu segui pela trilha até a estrada. A esperança é a última que morre.

O automóvel passou por mim sem reduzir a velocidade. Da mesma forma agiram outros ao longo da manhã, apesar de meus gestos amáveis com a cabeça e saltinhos de cumprimento. Experimentei ficar sentado no meio da estrada, mas eles só desviavam de mim, buzinando e demonstrando uma acentuada falta de simpatia. Acontecimentos dessa ordem depois de algum tempo testam nossa fé na natureza humana. Finalmente, porém, ocorreu-me que minha sorte poderia mudar se eu conseguisse apanhar as pessoas a pé. Pode-se ponderar com uma pessoa a pé, o que não é possível fazer quando elas estão passando a oitenta quilômetros por hora. Não há uma troca de idéias com carros, se é que vocês me entendem. Por isso, resolvi descobrir alguns pedestres.

O que era fácil só em teoria, porque meu velho companheiro de casa havia optado por me abandonar num canto que lembrava o

que ouvi falar da Nova Zelândia — árvores, arbustos, montanhas e quase só isso. Uma alegria para quem gosta dos panoramas imaculados, imagino eu, mas não muito estimulante para o viajante solitário à procura de companhia e ajuda. E assim, com o vento batendo no rosto, parti para ver se conseguia encontrar a civilização.



Parti para ver se conseguia encontrar a civilização.

As horas passaram, e a tarde já devia estar pela metade quando percebi pela primeira vez um leve cheiro de esgotos e emanções de óleo diesel. Talvez para vocês esses cheiros não tenham nenhum significado especial, e é ainda menos provável que exerçam alguma atração, mas para mim eles indicavam a presença de gente. De fato, do alto do monte seguinte, vi um grupo de velhas construções de pedra e, à medida que me aproximei, pude discernir sinais de atividade, rebuliço e o som de vozes. Não muito diferente das formigas, no fundo, porém mais barulhento.

Vocês devem se lembrar de que minha experiência anterior com as habitações humanas se havia limitado à ruína decrépita em que havia nascido, e isso foi para mim uma revelação — dezenas de

casas e presumivelmente centenas de pessoas. Em algum lugar entre elas, eu tinha certeza, estava minha futura alma gêmea. São ilusões como essa que ajudam a criatura a dar um passo atrás do outro ao final de um dia difícil.

O vilarejo me pareceu enorme, ruas saindo em todas as direções, aromas estranhos e maravilhosos em cada brisa, as pessoas caminhando com aquele seu jeito despreocupado de quando não têm muita coisa na cabeça além do que vai ser servido no jantar. Um grupo delas parou para tagarelar numa esquina, e foi ali que aprendi uma lição útil para a sobrevivência. As pessoas parecem não conseguir conversar com as mãos cheias. Não me perguntem por que motivo, mas quando duas ou três delas se reúnem para debater os problemas do mundo, lá se vão para o chão bolsas e cestas, convenientemente colocadas para a investigação por parte dos que têm minha altura. (Minha cabeça alcança algum ponto entre os joelhos e a cintura e consegue se debruçar confortavelmente sobre qualquer cesta que esteja sem vigilância.)

Não se deve hesitar quando a oportunidade surge, e assim eu me apoderei de uma bisnaga saliente e me retirei com ela para o abrigo de uma mesa do lado de fora do café da aldeia. Eu havia terminado com as últimas migalhas e estava pensando em mais uma investida na cesta quando uma mão apareceu. Ela me afagou a cabeça, sumiu e voltou segurando um cubinho de açúcar. Ergui os olhos e vi um casal de jovens à mesa ao lado, sorrindo radiantes para mim e fazendo aqueles barulhos ligeiramente ridículos que os humanos sempre imaginam ter grande significado para o ouvido canino. Eles também agem assim com os bebês, já percebi. Mas o tom da voz era acolhedor, e a mão amiga é uma mudança agradável

em comparação com um pé calçado de bota. Por isso, mostrei-me simpático.

Bem, seria de imaginar que eles nunca haviam visto um cachorro em toda a vida. Mais arrulhos, afagos na cabeça e cubinhos de açúcar em grande quantidade, todos os indícios de amor à primeira vista. Por ser um novato naquela ocasião, considerei tudo isso um convite para acompanhá-los quando eles saíram do café, e fui alegre atrás deles, pensando — não vou negar — numa cama macia e uma vida nova logo ali adiante. Podem me chamar de ingênuo, se quiserem; mas, como minha experiência do comportamento humano estivera limitada a maus-tratos de um tipo ou de outro, eu não estava acostumado a gentilezas e presumi mais do que devia.



Resolvi me reanimar fazendo compras.

Agora já sei que os problemas costumam começar quando um ato simpático é levado ao pé da letra. Eu tinha, ou pelo menos imaginava ter, razões para acreditar que meu encontro com esses jovens no café era o início de um relacionamento maravilhoso. Ai de

mim! Eles não encaravam da mesma forma e, quando chegamos ao seu carro, houve uma certa confusão constrangedora enquanto eu tentava entrar com eles, terminando com um firme empurrão para fora do veículo e a porta batendo com violência alguns centímetros ao norte do meu focinho. Essa história tem uma moral, qualquer coisa a respeito de quando a esmola é muita, e agora posso ter uma atitude filosófica, mas na época foi decididamente um revés.

Um cão inferior poderia ter entrado em desespero. Conheci, por exemplo, spaniels que têm uma propensão a cair, rolar no chão e balançar as pernas no ar diante do primeiro sinal de adversidade. Comigo não. Capacidade de recuperação é meu segredo. Avançar sempre. E, assim, resolvi me reanimar — como ouvi dizer que as pessoas costumam agir — fazendo compras.

Seguindo pela rua, parei de supetão com o perfume do paraíso que saía de uma loja aberta: carne fresca e crua — costeletas de porco, pernis de cordeiro, lingüiça caseira, tripa e fígado, ossos com tutano, carne de vaca — e não havia viva alma à vista quando entrei seguindo meu olfato. O zumbido monótono de uma televisão vinha de um aposento nos fundos; mas, fora isso, o silêncio era o de um túmulo. Eu ouvia até mesmo o ruído das minhas patas no piso coberto de serragem enquanto seguia direto para a profusão de delícias arrumadas numa mesa de madeira muito limpa.

Resolvi pesquisar um pouco antes de fazer minha escolha definitiva, sem ter consciência de que o comprador indeciso costuma perder as melhores oportunidades. Só que eu estava limitado ao que pudesse carregar na boca, e não queria tirar da mesa um pedaço de carne de pescoço se havia a chance de levar filé. Isso se chama o

exercício da capacidade bem informada de escolha. Grande vantagem tirei daí, como acabou se revelando.

Um par de pés de porco havia chamado minha atenção, e eu estava me decidindo entre eles e um belo corte de vitela quando soou um berro tremendo dos fundos da loja. Entrou o açougueiro, com os olhos esbugalhados de raiva enquanto procurava reforços. Felizmente, a primeira arma ao seu alcance era uma vassoura em vez de uma serra de ossos ou de um cutelo. E ele não foi muito hábil com a vassoura, derrubando uma fileira de potes de vidro — *confit* de pato, ao que eu me lembre — na sua ânsia de entrar em contato comigo. Isso ajudou a prejudicar sua pontaria, e eu consegui saltar por cima do estrago e sair dali sem nada mais do que um golpe de raspão nos quartos traseiros. Eu nunca deveria ter vacilado. Quem hesita fica com fome. Passo-lhes esse conhecimento como algo a ter em mente quando se vai às compras.

Estava na hora de reavaliar minha tática. Se o episódio com o açougueiro era algo pelo qual eu devia me pautar, havia nas lojas da aldeia um certo preconceito contra os cães. Notável, quando se pensa na balbúrdia instantânea que as crianças podem provocar, e nunca soube que elas fossem ameaçadas com armas ofensivas, mas a vida é assim mesmo. Dois pesos, duas medidas. E então me ocorreu, enquanto observava um homem sair da padaria com um vira-lata sem ser agredido: talvez nem todos os cães despertassem o instinto guerreiro. Talvez isso só acontecesse com cães desacompanhados. Segui pela rua até a *épicerie* e esperei do lado de fora para pôr em execução o Plano B.

Como muitas grandes idéias, ele era simples. Eu me ligaria temporariamente a um freguês que entrasse no recinto. Uma vez lá

dentro, nós nos separaríamos, cada um para cuidar dos seus assuntos, e eu sairia, adequadamente carregado, enquanto meu acompanhante desviava a atenção do proprietário. Parecia à prova de erro.

Alguns aromas estimulantes vinham de dentro da *épicerie* — não que chegassem à variedade e riqueza sangrenta do açougue, mas mais do que suficientes para ativar a imaginação — e foi com uma forte sensação de expectativa que esquadrinhei a rua em busca de um cúmplice.

Eu nunca havia visto tanta gente antes, e creio que meu interesse perene pelo comportamento humano tenha começado naquele final de tarde há tantos anos. Todas as formas, todos os tamanhos, movimentando-se juntos sem nenhum sinal da curiosidade pelo outro que um grupo de cães demonstraria. Nada de farejar, nada de dar a volta em torno do outro, nada do ritual da perna levantada — muito pouco do que eu chamaria de contato social, a não ser um eventual gesto de cabeça ou aperto de mãos. É claro que agora estou acostumado com isso, mas lembro-me de ter pensado como era estranha essa falta de interesse. Algo relacionado ao excesso de população urbana, não era para eu me surpreender. Deve embotar os sentidos.

Eu estava tão absorto na observação do desfile diante de mim que dei um salto quando senti a mão de uma mulher me afagar a cabeça. Erguendo os olhos, vi uma cesta de compras vazia e um rosto sorridente; e ela desapareceu porta adentro, mergulhando na perfumada meia-luz da *épicerie*. Aproveite a oportunidade, disse eu a mim mesmo, e como uma sombra fui atrás dela, fazendo minha melhor imitação de um cão acompanhado em missão oficial.

Era uma *épicerie* correta, no estilo tradicional. Hoje em dia são muitas as que só estocam latas, caixas e massas misteriosas embrulhadas em plástico, mas aqui havia comida de verdade, em sua maior parte descoberta — peças de queijo, lingüiça da montanha, presuntos curados e uma longa fileira de pratos prontos. Como vocês sabem, os franceses sabem se tratar, e havia de tudo, desde *crépinettes* de frango recheado até patês que me traziam lágrimas aos olhos.

Minha companheira parou diante dos legumes, que nunca tiveram qualquer interesse para mim, e eu segui pelo corredor estreito, ignorando a breve tentação do setor de biscoitos enquanto me aproximava do fundo da loja. Era ali que os tesouros estavam expostos, e eu fiquei muito impressionado com a lasanha caseira. Só que não havia um instante a perder em contemplação. Depois da minha experiência anterior no açougueiro, eu não ia me demorar e estava totalmente esticado nas patas traseiras, com as dianteiras em cima do balcão e as mandíbulas prontas a se fechar num quilo do melhor presunto curado, quando houve o maior pandemônio lá embaixo.

Se vocês estivessem numa veia de generosidade, talvez pudessem ter descrito a fonte do problema como outro cão — uma coisinha esquelética, que não alcançaria os joelhos de uma ratazana, com um rabo absurdo, bem encaracolado, que parecia uma minhoca em apuros e um grito de um falsete penetrante capaz de acordar os mortos. Por um momento, pensei que seus órgãos genitais tivessem ficado presos na máquina de fatiar, mas aquilo era só sua desprezível imitação de um latido. Por mais faminto que eu estivesse, foi impossível lidar com o presunto quando o cãozinho

começou a dar mordidas no meu tornozelo e foi enquanto eu tentava me livrar dele que uma montanha ambulante, com uma expressão irada e um avental, apareceu dos fundos da loja para se reunir a ele. Tenho a vaga lembrança de um rolo de pastel também. Em suma, pareceu-me imprudente ficar por ali.

Foram essas as boas-vindas que recebi dos comerciantes do vilarejo, e tudo o que posso dizer é que não se deve confiar naqueles cartões-postais com moradores alegres sorrindo para a câmara. Os dois que conheci naquele dia teriam dado pesadelos a Gêngis Khan. (Dizem que ele costumava comer cachorros quando faltava carne, vocês sabiam? Imagino que tenhamos feito algum progresso desde aquele tempo.)

Voltei para meu refúgio anterior em baixo da mesa do café e refleti. Uma rejeição e duas tentativas de assassinato em troca de um pão pequeno e um punhado de cubinhos de açúcar. A tarde não havia sido um sucesso notável, e agora as sombras começavam a se alongar, a noite se aproximava e eu ainda estava tão longe de casa e comida quanto no início da manhã. O dia de amanhã traria novas alegrias e oportunidades, disso eu tinha certeza, mas enquanto isso continuava sem solução o problema de onde passar a noite. Ficar debaixo da mesa ou procurar abrigo no imenso desconhecido, essa era a questão.



Estava resolvido o problema do jantar.

Ela foi respondida pelo dono do café, armado com a vassoura onipresente que todos os aldeões pareciam manter ao seu lado, supostamente para a eventualidade de uma invasão. Ele havia saído para varrer as migalhas do dia de debaixo da mesa para a rua. Imagino que para alegria geral do público. Enquanto ele vinha se aproximando, nossos olhos se encontraram. A vassoura foi erguida para a posição de ataque. Eu gostaria de ter apresentado um pequeno sinal de agradecimento pelo carinho do seu cumprimento, mas não houve tempo nem mesmo para uma rápida levantada de perna. Mais uma vez, saí apressado, para procurar a paz no campo.

Eu estava bem ao largo da aldeia, meditando sobre minha experiência mais recente com a bondade inata do ser humano, quando meu faro foi atraído por um cheiro decididamente interessante no ar. Vinha do final de uma trilha estreita, onde uma grande lata de lixo fora virada e seu conteúdo espalhado na grama. Cheguei mais perto, com as narinas vibrando, e descobri que o problema do jantar estava resolvido. Examinei o cardápio.

Nunca deixo de me surpreender com o que as pessoas jogam fora. Ossos, cascas, miúdos de aves, sardinhas em perfeito estado — tudo isso, e muito mais, estava espalhado como pedras preciosas em meio a latas vazias, papel e plástico. Empurrando para um lado um sapato jogado fora, eu estava a ponto de limpar o primeiro prato — um pedaço de pele de frango *en gelée*, se não me falha a memória — quando ouvi um resmungo. Na realidade, era mais como um rosnado — de irritação em vez de boas-vindas, fosse como fosse. Ergui os olhos para ver a metade da frente de um cachorro que vinha saindo da lata, com a boca tensa, os dentes à mostra, o pêlo eriçado em alerta, o próprio Rex defendendo o santuário do lar.

Gosto de pensar que não me falta coragem, especialmente quando o oponente é bem velho, enfermo e muito menor do que eu, tudo o que ele era. Procurei, portanto, ignorá-lo enquanto terminava com o frango e passava para uma casca de queijo muito boa. Contudo, como tenho certeza de que vocês já descobriram, não é fácil apreciar a comida na presença de ganidos constantes e muito cansativos a pouca distância dos nossos ouvidos. Ouvi dizer a mesma coisa a respeito de jantares que incluem altos funcionários de bancos de investimentos. Vocês devem saber disso melhor do que eu, mas parece que eles têm uma compulsão para falar ininterruptamente, sempre no mesmo tom. Era assim o nosso amigo da lata de lixo.

A não ser por essa pequena irritação, porém, eu me tratei com bastante fartura, recuperando-me o suficiente para considerar a questão das acomodações para dormir com uma perspectiva mais esperançosa.

Depois de alguns minutos de pesquisa, ficou claro um padrão. Partindo da estrada da aldeia, a cada cem metros de ambos os lados, saíam pequenas trilhas, cada uma com uma casa no final. E cada trilha parecia ter sua própria lata de lixo, semelhante àquela ocupada por meu rabugento companheiro de jantar. Aplicando as leis da lógica, concluí que todas essas latas de lixo conteriam uma seleção comestível de um tipo de alimento ou outro — nada que pusesse minhas orelhas em alerta talvez, mas o suficiente para me manter vivo, sem grande vigilância e de fácil acesso. O faro confirmou minha teoria, e eu lembro de me sentir gratificado com o fato de o cérebro e o nariz estarem trabalhando unidos pelo bem maior do estômago.

Com a refeição da manhã já providenciada, voltei minha atenção ao abrigo para a noite, e nesse ponto comecei a enfrentar alguns obstáculos inesperados. Devo ter visitado meia dúzia de casas, com a intenção de me enrodilhar para passar algumas horas em paz em algum puxado; mas, onde quer que eu fosse, era recebido com uma rajada de ameaças, gritos de alarme e ruídos de censura geral — nesse caso, não de pessoas, mas da minha própria espécie. Cada estabelecimento tinha pelo menos dois cães residentes; e, pela algazarra que faziam, daria para pensar que eu estava tentando roubar a prataria da família.

Felizmente, a maioria deles estava amarrada, por uma corrente ou corda, a algum objeto fixo. Isso impedia a satisfação dos seus instintos assassinos, e eu pude pô-los no seu lugar marcando o território, com a perna levantada imediatamente fora do alcance das suas mandíbulas salivosas. Saibam que essa atitude é considerada um insulto, no mesmo nível de comentários depreciativos sobre o

gosto de uma pessoa para escolher cortinas, e é preciso que eu diga que ela os deixou enlouquecidos. Um deles — criatura grande e sarnenta, com dentes gigantescos — jogou o peso contra a corrente com tanta violência no seu entusiasmo para me alcançar que deve ter arrebatado as cordas vocais. O latido de repente se transformou num guincho agudo, e ele pareceu nitidamente constrangido. Bem feito.

Essas diversões passageiras, entretanto, não estavam me deixando mais perto de um bom repouso noturno. O dia fora longo, cheio de acontecimentos e muito instrutivo; e eu estava cansado o suficiente para não ser muito exigente quanto ao lugar onde descansaria a cabeça. Desde que fosse bem longe de vassouras e mandíbulas, serviria. Tentei uma última casa, provoquei mais uma sinfonia histérica de latidos e uivos e resolvi passar a noite entre os arbustos nos limites da floresta.

A idéia romântica de uma floresta, como espero que vocês saibam, é de clareiras tranqüilas e recantos sombreados, o refúgio sereno da Mãe Natureza, um lugar para repousar em paz. Vocês deveriam experimentar morar lá, como tentei ao longo das semanas seguintes. A lembrança que guardo da floresta é do barulho. Os gritos das aves e seu horrendo coro na alvorada de cada manhã, os caçadores e seus tiros durante o dia, o interminável rastejar e farfalhar das criaturas noturnas, com as corujas arengando a noite inteira — tudo aquilo é minha idéia de um pandemônio. Eu me virava e me debatia, ansioso por um sono sem interrupções.

Cheguei a um estágio em que comecei a fazer visitas regulares ao vilarejo para obter algum alívio daquele tumulto. Desde que eu me mantivesse a uma distância prudente do açougueiro e do

meu outro *sparring* na *épicerie*, eu podia ficar à vontade na aldeia, e me deixavam perambular em paz. Na verdade, dois ou três dos moradores menos bárbaros começaram a me reconhecer e a me oferecer a mão da amizade. Como antes, porém, a mão era retirada sempre que eu procurava convertê-la em algo mais permanente.

E então, quando a vida de vagabundo estava ficando menos divertida a cada dia (e ainda menos divertida a cada noite), o destino interveio. Foi um marco, uma encruzilhada, ou talvez os dois. Seja como for, vou lhes contar o que aconteceu, e vocês podem fazer seu próprio julgamento.

Eu estava a caminho da aldeia depois de uma noite na floresta na qual toda a população de corujas pareceu escolher meu cantinho para ter uma discussão. Ou, quem sabe, seria sua época de acasalamento, embora eu não seja muito competente nessa história de corujas e seus hábitos e, por isso, não possa afirmar com certeza. Fosse qual fosse a razão, foi uma noite barulhenta e insone, e eu estava me sentindo um trapo enquanto seguia pela estrada. Abatido e desanimado, seria possível dizer, praticamente sem nada do meu costumeiro espírito e vivacidade.

Ouvi um carro atrás de mim, e pulei para a vala a fim de deixá-lo passar. Mas ele parou.

Dele desce a motorista, e eu pude ver imediatamente que era um espírito irmão por uma atitude muito simples. Em vez de me examinar de uma enorme altura, ela se agachou para que nossos rostos ficassem aproximadamente no mesmo nível. Isso pode lhes parecer uma ninharia, mas para um cão tem grande significado — solidariedade, um desejo de se comunicar em bases de igualdade e, não nos esqueçamos, boas maneiras. Encarem a situação da

seguinte forma: se alguém se dirigisse constantemente a vocês, olhando por cima do nariz, de mais de um metro acima da sua cabeça, vocês não iam gostar. Mera falta de cortesia, vocês pensariam, e teriam toda a razão. Portanto, podem entender por que reagi às iniciativas de madame com movimentos vigorosos do corpo e do rabo, pequenos gritos de alegria e uma pata amável sobre seu joelho.

Ficamos assim alguns minutos, em confraternização ao lado da vala, e então ela pareceu tomar uma decisão e abriu a porta do carro. Minhas orelhas caíram, assim como meu ânimo, porque experiências anteriores me haviam levado a reconhecer esse ato como o prelúdio para uma despedida apressada, o carro indo na direção do pôr-do-sol e este seu servo continuando como antes, o andarilho solitário.



Minhas orelhas caíram, assim como meu ânimo.

Não dessa vez, porém. Fui convidado a entrar, o que fiz, procurando incomodar o menos possível no chão do automóvel. Imaginem minha surpresa, para não mencionar o súbito afluxo de esperança renovada, quando fui incentivado a me sentar no banco ao lado da minha nova melhor amiga.

Todos temos nossas maneiras de demonstrar entusiasmo e emoção. Os humanos pulam de alegria e dão tapinhas nas costas uns dos outros quando acham necessário. Eu prefiro mastigar alguma coisa — não num sentido agressivo, compreendam bem, mas só para demonstrar minha aprovação da situação corrente. E assim comecei a me dedicar a um conveniente cinto de segurança enquanto nos afastávamos da aldeia, voltando pela estrada, e subíamos por uma trilha entre dois vinhedos.

Ela levava a uma casa não muito diferente de algumas das outras que eu havia visitado durante as últimas semanas, até mesmo pelo som familiar de outros cães ladrando por meu sangue. Eram dois e também não estavam amarrados, como vi da segurança do assento do passageiro. Foi preciso que madame me coagisse a sair do carro para me apresentar ao comitê de boas-vindas, mas para alívio meu eram duas cadelas — uma velhota peluda, mostrando longínqua semelhança com um cão de caça, e uma Labrador negra e manca. Elas me pareceram suficientemente inofensivas e, uma vez encerradas as formalidades, saíram indolentes e foram se deitar no jardim.

A essa altura, eu já estava me permitindo a sensação de que poderia haver mais no desenrolar dos acontecimentos do que uma simples visita. Madame tinha uma expressão pensativa no olhar enquanto recolhia fragmentos de cinto de segurança mastigado dos

meus bigodes e me levava para dentro de casa, murmurando alguma coisa sobre o outro membro da família. Que não seja um gato, lembro-me de ter pensado com meus botões, nem um homicida de botas carregando uma espingarda. E engraçado que essas imagens passam como raios pela mente em momentos decisivos da nossa vida.

Acabou se revelando ser a outra metade da administração — desarmado e descalço, o que era um bom começo, e com um ar ligeiramente perplexo. Trocamos amabilidades, mas eu pude perceber que ele não compartilhava totalmente dos sentimentos de madame, porque os dois foram para um canto e iniciaram uma conversa particular, deixando-me para dar uma olhada no ambiente.

Não sou grande avaliador de propriedades exceto por uma perspectiva muito particular, mas aquela me pareceu bastante adequada para minhas necessidades — jardim na frente e atrás, a mata intocada a confortável distância dos fundos da casa, tapetes no chão e o cheiro das duas cadelas onde quer que eu fosse. Estava óbvio que elas não dormiam ao relento. No todo, a casa me serviria muito bem. E, como já havia dois cães ali residindo, que diferença faria mais um?

Atravessei a sala até onde o encontro da administração estava se realizando e prestei atenção. Parecia haver dois tópicos em discussão, estando madame firmemente a meu favor e a outra metade indecisa entre ser a favor ou contra. Três cachorros não eram demais? E se não fossem, como e onde eu me encaixaria? Surgiu uma argumentação sem muito empenho no sentido de procurar meu dono, mas madame arrasou com ela de imediato, fazendo críticas angustiadas aos maus-tratos, à desnutrição e à

inexistência de privilégios de acomodação noturna. Depois passou a comentários mais íntimos sobre minha acne, meus ossos salientes e o estado geral de abandono, terminando com um apelo em meu nome por atenção e cuidados intensivos. Isso era música para os meus ouvidos, e eu me aproximei para me encostar na sua perna num gesto de solidariedade.

Ela acabou vencendo, Deus a abençoe — percebi que as esposas geralmente costumam vencer — e foi combinado que eu ficaria para um período de experiência. Bem, eu sabia o que isso significava. Se mantivesse meu focinho limpo, me submetesse educadamente às duas cadelas e olhasse onde estava pisando com a outra metade, estaria admitido.

Lembro-me, como se fosse ontem, de rolar na grama depois da minha primeira refeição razoável em semanas, a administração observando da soleira da porta, o sol na minha barriga e o mundo me parecendo uma perfeição. Que momento extraordinário!



*Manobras noturnas
e um confronto com a higiene*

O RESTO DAQUELE DIA confirmou minhas primeiras impressões, e havia fortes sinais de que a sorte voltava a sorrir para mim. À tarde demos um passeio pelo caminho por trás da casa e comecei a mudar

minhas opiniões sobre a floresta. O lugar tinha seus méritos se usado para finalidades puramente recreativas — uma excelente seleção de árvores, criaturas pequenas e apavoradas que desapareciam correndo ante uma presença em movimento, ruídos farfalhantes e curiosos no mato baixo. Cheguei mesmo a encontrar o cadáver maduro de um pombo, o qual rolei alguns minutos, dando atenção especial às partes difíceis de alcançar como a nuca e o espaço entre as orelhas. No todo, um lugar divertido para visitar, a floresta. É claro que eu não ia querer morar lá. E agora não precisava mais.

Voltamos para casa, e havia mais comida. Eu não estava acostumado a tanta abundância e, depois de me servir, tudo que pude fazer foi cambalear para baixo da mesa a fim de tirar uma sesta, usando a Labrador bem acolchoada como travesseiro. Quando acordei, já havia escurecido. Ainda sonolento, aos poucos fui percebendo discussões sussurradas entre o pessoal da administração — cumprimentos, esperava eu, pela sorte que me trouxera à sua porta.

Na verdade, o ouvido atento captou, então, uma mensagem diferente e bem ameaçadora. Minhas acomodações noturnas estavam sendo revistas, e parecia estar havendo uma preocupação perfeitamente desnecessária quanto à permissão para eu ficar dentro da casa. Creio que o perfume de pombo apodrecido que permanecia em volta do meu pescoço e nos ombros pode ter sido um fator, e houve alguma menção por parte da outra metade no sentido de me deixar livre para voltar ao meu endereço anterior se assim me aprouvesse. Pensei em deixar claro que estava muito satisfeito e que não deveria ser perturbado debaixo da mesa, mas as

peessoas às vezes podem ser extraordinariamente insensíveis, e eu fui empurrado para a noite lá fora e levado a uma dependência ao lado da casa.

Admito que foi um avanço em relação àquilo a que eu estava acostumado — um cobertor espesso, uma vasilha d'água, um biscoito para a hora de dormir, tapinhas carinhos e expressões de boa vontade — mas não era dentro de casa. E dentro de casa é onde eu queria estar, com a cabeça repousando numa robusta Labrador, dormindo o sono de alguém da família.

Essa noite, porém, por algum motivo, não era a noite; e, quando as luzes se apagaram, fiquei olhando para as estrelas pela porta aberta do meu modesto aposento. Refleti, como se costuma fazer em momentos semelhantes, sobre as desnorteantes reviravoltas que a vida costuma dar — num minuto para cima, no outro para baixo; tão perto e contudo tão longe; a rica textura da experiência pessoal e assim por diante. O que Proust teria feito em circunstâncias semelhantes?, perguntei-me. Abriria o berreiro chamando pela mamãe, suponho, mas a verdade é que ele, para começar, não estaria num puxado. Estava sempre dentro de casa, creio eu.

Achei que valia a pena tentar um uivo ou dois para inspirar pena, completados com um vibrato de soluços no final, e esperei para ver se as luzes seriam acesas. O que de fato aconteceu, e lá veio a administração, os dois preocupados com a possibilidade de eu ser atacado ferozmente na cama por algum camundongo militante. Quando me encontraram incólume e pronto para acompanhá-los de volta a casa, sua simpática disposição mudou. Palavras ásperas foram ditas, e mandaram que eu me acalmasse.

Há ocasiões em que argumentar não adianta — dizem que é o caso quando se lida com bombeiros hidráulicos e advogados — e eu percebi que atravessava um desses momentos. Dei um suspiro; e, embora meus suspiros sejam obras de arte, longos, suplicantes e sobremodo comoventes, esse, especificamente, não surtiu efeito algum. Dois corações de pedra, enrolados nos seus roupões, me deixaram à própria sorte solitária. Eu ainda estava me perguntando como poderia convencê-los de quanto estavam equivocados nas suas atitudes quando adormeci.



Dois corações de pedra, enrolados nos seus roupões.

Vocês sabem como acontece, às vezes, quando se dorme com um problema na cabeça? O inconsciente começa a trabalhar, preocupando-se durante a madrugada inteira e pela manhã, *voilà!* Surge a solução. Foi exatamente isso o que ocorreu comigo, porque acordei com um plano.

O erro que eu havia cometido residia obviamente em superestimar a inteligência humana. De um modo geral, não se

podem negar certas realizações da humanidade — por exemplo, a invenção das costeletas de cordeiro e do aquecimento central —, mas muitas pessoas são estranhamente insensíveis às nuances. A insinuação, a cutucada diplomática, a indireta — são coisas que com muita freqüência ficam além do seu alcance, e homem e cão se descobrem olhando um para o outro através de uma bruma de incompreensão. Foi assim com a administração e comigo. Amáveis e acolhedores, sem dúvida, eles eram, mas aparentemente não muito rápidos de percepção. Eram necessários sinais mais claros, mas eles precisavam ser executados com alguma delicadeza. Às vezes pode-se ser direto demais, e tudo terminar em lágrimas, como descobriu um bull terrier meu conhecido quando começou a mastigar a mobília por não se sentir amado. Não, a sutileza é tudo. E creio que vocês concordarão que meu plano era um modelo de astúcia e charme.

Havia um toque fresco e agradável no ar quando saí do meu *boudoir*, com a brisa exata para trazer uma interessante variedade de aromas da vizinhança até meu nariz. Detectei outros cães para o lado do leste, misturados ao cheiro irresistível de galinhas vivas; e fiz uma anotação mental para visitá-las assim que estivessem resolvidas as questões domésticas. A galinha, como vocês sabem, é a feliz combinação de esporte e nutrição. Ela corre e cacareja de uma forma assaz gratificante quando perseguida, e também é muito saborosa desde que as penas lhe sejam arrancadas. Uma ave útil, ao contrário da maioria delas.

Com o plano firmemente estudado, fui até a casa. Havia silêncio quando coleí minha orelha à porta, as venezianas fechadas, nenhum indício de atividade no interior. Eu tinha resolvido não latir, preferindo métodos menos convencionais, e comecei a arranhar a

base da porta. Demorou alguns minutos, mas acabei conseguindo despertar as duas cadelas — que de qualquer jeito deveriam estar acordadas e em movimento a essa hora, pois já passava muito do amanhecer — e elas ergueram as cabeças como uma dupla de sopranos de segunda linha e começaram a uivar e se queixar num belo estilo, que era exatamente o que eu queria. Sobre elas cairia todo o peso da censura por despertar a casa, e eu estaria sentado ali fora, com a boca fechada, um santo, calado como um túmulo.



Percebi que madame torcia o nariz.

Não demorou muito para a porta se abrir, e as duas velhotas saíram correndo num estado de grande excitação, seguidas pela administração a esfregar os olhos e piscar ao sol da manhã. Etapa número um concluída com sucesso. Uma vez seguro de ter toda a sua atenção, voltei para o puxado, recolhi meu cobertor e o arrastei até a porta, agitando o rabo o tempo todo. Pronto, pensei. Se isto não indicar um desejo sincero de cruzar a soleira, não sei o que mais indicará. Para me garantir, porém, fui me rebolando para o lado de madame, agarrei delicadamente seu pulso com meus dentes e a

puxei de volta para a casa, fazendo sons discretos e persuasivos enquanto seguíamos. Soltei seu pulso, assumi a posição de sentado debaixo da mesa — as costas retas, as patas unidas, a cabeça para um lado, o típico cão dócil e bem-educado — e esperei os acontecimentos.

Os dois se agacharam diante de mim, e eu lhes ofereci mais um breve coro de mansos ganidos. Percebia-se perfeitamente que eles estavam a ponto de ceder quando percebi que madame torcia o nariz. E então ela usou uma palavra que não significava nada para mim naqueles tempos: *toiletage*. Bem, pelo que eu sabia naquela época, poderia ter sido algum cereal exótico para o café da manhã ou o nome da sua sogra. Por isso, apenas permaneci sentado e procurei transmitir entusiasmo da melhor forma possível. À luz da experiência subsequente, talvez tivesse sido mais aconselhável manter minha distância até que o persistente cheiro de pombo morto se tivesse dissipado, mas é fácil tirar conclusões depois do acontecido.

O importante foi que tanto o cobertor quanto eu tivemos permissão para ficar dentro da casa, e eu considerei isso um grande avanço. Alvoroei-me para ajudar na cozinha com o resto deles enquanto o desjejum era preparado e consumido, e estava em dúvida se ficava debaixo da mesa ou se me arriscava a um passeio no jardim lá fora, quando fui convocado para o carro. Aparentemente, a outra metade e eu íamos fazer uma expedição.

Chegamos a uma aldeia da qual eu me lembrava vagamente das minhas andanças e paramos diante de uma casa que, mesmo daquela distância, exalava um cheiro extraordinariamente forte e repulsivo de desinfetante. O cheiro foi ficando pior a partir de

quando entramos, e eu estava instintivamente procurando recuar quando fui agarrado pela frente e por trás por duas moças robustas que me levaram para a câmara dos horrores e me puseram fisicamente dentro de uma banheira.

Traumatizante é a única palavra para descrever o que aconteceu em seguida: encharcado de água, ensaboado, enxaguado, ensaboado e enxaguado mais uma vez; e isso era só a abertura. Seguiu-se uma sessão interminável com um cortador de grama em miniatura, depois um ataque com tesouras, que picotaram orelhas, bigodes, rabo e outras regiões sensíveis. A indignidade final foi ser polvilhado, cujo pó era um perfume como uma mistura de *Noite em Paris* e herbicida.

Nu, perfumado e extremamente constrangido, fui afinal transferido à sala de espera para ser recolhido. Lembro-me de que havia ali uma poodle, que me olhava do alto da bolsa da sua dona, sorrindo daquele jeito típico dos poodles quando sabem que estão em segurança. Espere só, disse eu com meus botões. Quando eles tiverem terminado com você, não vai sobrar muita coisa além de quatro patas e um ganido. Não sou muito afeiçoado a poodles, como vocês provavelmente concluíram, mas senti um toque de compaixão por ela.

Portanto, era isso o *toiletage* e, no que me diz respeito, ela se situa com os canis, as aulas de obediência, os termômetros retais e a imposição da abstinência sexual entre os grandes erros da humanidade.

Mas a verdade era que estava na hora de mais uma surpresa. Fui levado de volta para casa e recebido como se tivesse ganho na loteria federal — biscoitos, carinhos intermináveis, gritos de prazer e

admiração, fotografias, a recepção completa para um herói, o que considerei bastante enigmático. Afinal de contas, eu só havia passado por um corte de pêlos e um xampu, mesmo que fosse profundamente desagradável. Será que essas demonstrações de alegria extática aconteciam todas as manhãs depois das abluções no banheiro da administração? Eu não descartaria a hipótese. Eles têm uma estranha predileção pela higiene.

O final da manhã quase me trouxe lágrimas aos olhos. A outra metade foi até o carro e retornou a casa carregando uma grande cesta redonda, que colocou na cozinha. Dentro da cesta puseram meu cobertor, e foi aí que eu me toquei. A tortura medonha não havia sido em vão. Ela era meu passaporte para as alegrias do interior da casa. Eu podia assumir minha posição de comandante dos latidos, residente permanente e defensor do recinto contra lagartos invasores e ruídos sinistros. Nunca mais uma vida de subsistência; nunca mais botas nas costelas. Estendia-se diante de mim uma vida de privilégios — *luxe et volupté*.

Foi uma percepção inebriante, e eu pensei em celebrar a ocasião com um rápido chafurdar nos restos do pombo morto, para me livrar do cheiro de limpeza que me impregnava, mas resolvi não fazê-lo. Se a administração preferia meu eu higienizado, era assim que eu me manteria. Pelo menos, até o dia seguinte. Quanto mais velho o pombo, melhor.



O nome de um cão

A EXPERIÊNCIA ME ENSINOU que batizar um cão não é de modo algum a questão simples que vocês poderiam imaginar. Os nomes duram a vida inteira, e erros terríveis são cometidos, geralmente com

intenções humorísticas. Costumo pensar com compaixão em dois conhecidos meus, uma buldogue anã chamada Gertrude Stein e Fera, o Chihuahua. Muito engraçado, sem dúvida, do ponto de vista humano, mas um constrangimento diário para os cães envolvidos. Não é brincadeira passar a vida inteira como objeto de galhofa. As pessoas nos apontam o dedo, e há uma expansão de hilaridade vulgar.

É esse sentido perverso da diversão que arrebatava algumas pessoas, vocês sabiam? Elas mal percebem as cicatrizes emocionais que deixam. O desafortunado Fera chegou a um ponto, depois de anos sendo alvo de zombarias, em que se tornou praticamente um recluso total. Ele se acostumou a passar as horas do dia debaixo de uma cama, saindo dali apenas para satisfazer suas necessidades ou para morder seu dono na parte que alcançava do tornozelo.

Por felicidade, a administração parecia ter opiniões bastante equilibradas quanto a nomes quando os dois tentavam pensar em algum que combinasse comigo. Eu estava deitado no pátio naquela manhã decisiva, com madame me fazendo massagem na barriga enquanto trocavam sugestões, sem que eu mesmo tomasse parte ativa no processo, mas meu interesse era suficiente para me manter acordado. Na minha existência anterior, as pessoas se dirigiam a mim com gritos, golpes e imprecações, de tal modo que pensar em um título oficial era uma espécie de novidade.

A questão do tamanho, por exemplo, nunca me havia ocorrido até ouvir a outra metade defendendo o nome de uma única sílaba. Mais fácil para o ouvido do cão captar a uma certa distância, disse ele, e mais fácil para a voz humana. Imaginem ter de gritar Beauregard ou Aristóteles de cara para um vendaval uivante. Os

pulmões não dariam conta do recado. E além do mais, prosseguiu ele, os nomes compridos acabam sendo abreviados no uso diário mesmo. Vocês se lembram de Vercingetórix d'Avignon III, o beagle premiado? Só o chamavam de Fred.



Um título oficial.

Madame arrulhava para mim naquele seu estilo infinitamente tranqüilizante, dizendo-me que eu era um bom menino, e eu respondia com o rabo e a pata erguida, quando ela parou com seus carinhos e se debruçou na minha direção.

— Boy? — disse ela. — Boy?

Bem, era claro que ela não estava se dirigindo à outra metade. É de conhecimento geral que sua época de menino é uma questão de história remota, e por isso acelerei o rabo e assenti educadamente com a cabeça, como se faz quando alguém fala com a gente. Isso pareceu resolver o assunto.

— Viu? — disse madame. — Ele gosta. Vamos chamá-lo de Boy.

Para ser absolutamente sincero, tanto fazia para mim naquela ocasião. Eu teria respondido a Heathcliff, César Augusto ou Mitterrand, se isso significasse comida caseira, tratamento cortês e massagens na barriga, mas eles pareceram gostar da escolha, e eu sou Boy desde então. No fundo, sou-lhes grato. É um nome curto, honesto, prático. Bem parecido com os da melhor classe de bassês.



Uma formação equilibrada

NAQUELES PRIMEIROS DIAS, eu era um diamante bruto, cheio de potencial, mas algo carente no traquejo urbano. Antes, eu nunca havia comido numa vasilha. Tinha uma atitude descuidada com as

funções corporais, o que causou um erguer de sobrancelhas ou dois por parte da administração. Não estava acostumado a andar em meio à mobília. O mundo da gastronomia era um território desconhecido, e eu não me sentia à vontade com gente do comércio. Em outras palavras, faltava-me ser lapidado. O que não era de surpreender, no fundo, quando se considera que meus primeiros meses de vida foram passados em solitário confinamento, com visitas eventuais de um homem cuja idéia de *savoir-faire* era tirar as botas antes de ir para a cama.

No entanto, não vou me deter nas minhas origens humildes, a não ser para dizer que elas não me haviam preparado para minha nova vida de refeições regulares, de hábitos higiênicos e coexistência harmoniosa com duas cadelas velhas. Eu tinha muito a aprender.



Eu tinha muito a aprender.

Felizmente, mesmo naquela época eu era dotado de um profundo sentido de observação. Há neste mundo os que olham apenas, mas nada absorvem. Ocorrem-me nesse caso os setters

irlandeses; e ouvi dizer o mesmo a respeito de recepcionistas de escritório, embora nunca tenha conhecido uma delas. Eu, porém, faço mais do que olhar. Observo atentamente. Absorvo. Anoto e assimilo no meu íntimo. Gosto de me considerar um eterno estudioso do comportamento — formigas, lagartos, outros cães, gente, todos me fascinam, e o estudo dos seus estranhos rituais e idiossincrasias ajudou imensamente meu desenvolvimento intelectual, meu conhecimento da vida, meu controle social e todo o resto daquelas qualidades de que se precisa para conviver com o homem em harmonia.

Para começar, prestei atenção especial às minhas duas companheiras. Essas eram a Labrador, com seu traje preto e empoeirado de bombazina, e a mais idosa, mais tapete do que cadela, que, de acordo com algumas pessoas de gosto altamente suspeito, seria parecida comigo. Parti do pressuposto de que as duas haviam passado anos aprendendo os segredos do ofício e, ao usá-las como modelo em questões de rotina e de conduta geral, eu captaria os necessários conhecimentos domésticos num piscar de olhos, impressionaria a administração e ascenderia à minha posição natural de primeiro lugar da turma.

Vocês já tentaram morar com duas fêmeas idosas já acomodadas nos seus hábitos? E provável que não. E, se eu fosse vocês, nem tentaria. Elas resmungam, vocês sabem? E costumam se ofender com os fatos mais banais. Vou lhes dar um exemplo, que ocorreu logo depois da minha chegada, e que me deixou manco uma semana.

Já lhes disse que nunca havia comido numa vasilha. É algo que tem seus segredos porque, quando se está ansioso, a tendência

é mergulhar o focinho nela; e quanto mais ávido se está, mais a vasilha vai escorregando para longe da gente. Desde então aprendi a imprensá-la num canto, de onde ela não possa escapar, mas naquela época minha técnica consistia em pôr uma pata na vasilha para mantê-la firmemente ancorada. Eu deveria também mencionar que não sou desses comedores luxentos que dão um longo passeio entre bocados. Não largo a vasilha enquanto não estiver vazia, o que considero bom senso e boas maneiras; e como com prazer (há quem possa dizer com voracidade desenfreada, mas é preciso recordar minhas privações infantis).

Fosse como fosse, eu já havia terminado e estava chupando o finalzinho grudado à minha pata quando percebi que a vasilha ao lado estava desacompanhada e cheia pela metade. Não posso tolerar o desperdício. Por isso, transferi a pata para a vasilha vizinha e estava a ponto de lidar com o conteúdo quando a cadela mais velha voltou do seu passeio, me encontrou limpando o que ela havia deixado e me deu uma mordida extremamente dolorosa na coxa. Seguiram-se rosnados coléricos, e fui obrigado a sair manquitolando em três pernas. E aí terminou qualquer simpatia que eu pudesse ter tido pelo movimento feminista. Elas, o sexo fraco, são mais do que capazes de cuidar de si mesmas e eu tenho as cicatrizes para provar o que digo.

No entanto, a não ser por essa atitude possessiva em relação à comida, descobri que elas eram razoavelmente afáveis e de enorme ajuda para orientar meu percurso pelos recifes e correntes rotineiras da vida doméstica. Seguem-se algumas das lições que aprendi.

É permitido latir para os cães da vizinhança que tenham saído do seu território, para o homem que aparece uma vez por mês tentando vender assinaturas de uma revista de ioga e para desconhecidos que apareçam no nosso portão. Não é permitido latir para o telefone cada vez que ele toque, para o electricista em missão de conserto ou mesmo para uma centopéia que se encontrou na cesta às três horas da madrugada. Rosnares e exibição de dentes não são apreciados, da mesma forma que grandes escavações nos canteiros de flores, ossos escondidos nas bolsas das visitas e travessuras em cima do sofá.

Considera-se grande falta de educação soltar pum, e nisso devo dizer que a Labrador impera. Infelizmente, ao adquirir uma reputação nesse tipo de setor, costuma-se ser tratado com suspeita automática, às vezes injustamente. Lembro-me de uma noite de inverno, a lenha estalando alegre na lareira, amigos em volta da mesa de jantar, nós, os três cães, sem incomodar ninguém enquanto as brincadeiras corriam de um lado para o outro, quando a atmosfera de bem-estar foi conspurcada por um verdadeiro torpedo, conseqüência, talvez, de queijo em excesso. Era impossível ignorá-lo, e a conversa parou enquanto todos procuravam o culpado.

Ora, eu por acaso estava deitado perto do responsável, um jornalista pequeno e nervoso. Agora, suponhamos: Houve por parte dele qualquer movimento no sentido de reivindicar a autoria? Claro que não. Com o descaramento experiente derivado, tenho certeza, de muitos lapsos semelhantes no passado, ele meneou seu copo de vinho na direção da Labrador e disse literalmente: "Policia!l, prenda essa cachorra." A pobre coitada foi expulsa para o relento da noite, vítima da sua reputação.

Não quero que vocês pensem que minha formação doméstica tenha sido limitada a evitar repreensões da administração. Com base, imagino eu, no afeto e na gratidão, aliados talvez a um toque de interesse pessoal, eu também queria agradá-los. Não demorou que captasse algumas pistas inestimáveis de como me estabelecer favoravelmente aos seus olhos, preparando como que um estoque de benevolência para enfrentar o dia — acidentes e equívocos costumam acontecer, como todos sabemos — quando se fizesse necessário.



O ser humano reage bem a demonstrações espontâneas de afeto.

O ser humano reage bem a demonstrações espontâneas de afeto. Elas podem assumir a forma do olhar de adoração sem disfarces, com a cabeça pousada no joelho, ou do cumprimento matinal com o rabo em agitação total, até sinais mais complexos de alegria, confiança, fidelidade e um desejo de conagraçamento. O transporte e entrega de objetos preciosos, por exemplo, nunca deixa de agradar. Em seguida a um *faux pas* banal de minha parte, certa vez desenterrei, com certa relutância, os restos de um camundongo

que estava guardando para quando atingisse seu pleno estado de maturação e os depusitei aos pés de madame quando ela estava na cozinha fazendo maionese. Ela foi dominada pela gratidão; pelo menos acho que era gratidão. Convocou a outra metade, e os dois ficaram olhando o camundongo com expressões de assombro. Foi muito tocante mesmo, e bem valeu o ínfimo esforço envolvido, já que fui imediatamente perdoado. Tive quase as mesmas reações gratificantes diante de outras provas de estima: almofadas, chapéus, passagens de avião perdidas e peças de *lingerie* descartadas dos aposentos de hóspedes, um livro favorito, faxes urgentes de países estrangeiros ou a parte traseira de uma cobra não venenosa. A natureza do presente parece não ter importância. O fato de eu me dar ao trabalho de fazer a escolha pessoalmente é o que conta.

Tenho muita facilidade para aprender quando isso resulta em alguma vantagem; e, por isso, não demorou muito para que eu dominasse a rotina da vida doméstica diária. Pude, então, voltar minhas atenções ao aprendizado do mundo exterior. Nesse caso, naturalmente, precisei confiar mais na administração, e talvez seja acertado nesta oportunidade fornecer-lhes um breve perfil das criaturas.

Descobri que não são como os outros casais devido ao fato de os dois ficarem em casa. Ao que eu soube, em circunstâncias normais, as pessoas saem de mau humor pouco depois do café da manhã e vão trabalhar. Elas têm escritórios onde se realizam atividades importantes e sérias, reuniões, administração de papelada e sei lá mais o quê. Não é esse o caso *chez nous*. Evita-se o emprego honesto, e eu às vezes me pergunto por quê. Madame me parece perfeitamente capaz, em especial na cozinha, e eu teria

imaginado que um emprego fixo numa cantina não estaria fora do seu alcance.

A outra metade, ai de mim, não tem talentos visíveis. Observei seus esforços na área da jardinagem e em pequenas tarefas domésticas ao longo dos anos, e eles costumam terminar em dor ou derramamento de sangue. Ferimentos com chaves de fenda, pás e tesouras de poda; dedos escaldados em utensílios de cozinha; dedos dos pés quebrados pela falta de jeito em lidar com objetos pesados; e cegueira temporária decorrente de uma fraca pontaria na pulverização de roseiras — são apenas alguns dos seus desastres. Graças a Deus ele não caça. Ele não é habilidoso, exceto por uma certa destreza com o saca-rolhas. Mesmo essa pequena capacidade poderia ser aproveitada comercialmente — afinal de contas, os bares precisam de balconistas —, mas ele não demonstra nenhum sinal de ambição, preferindo ficar trancado num quarto por longos períodos, a apontar lápis, o olhar perdido na parede. Estranho, se querem saber.

Mesmo assim, eles me parecem bem contentes, e para mim a situação é muito conveniente. Como tenho certeza de vocês já terem descoberto, não é freqüente gostar dos dois membros de um casal. E nesse ponto eu me considero sortudo — feliz com qualquer um dos dois, mais feliz com ambos. Eles são pontuais com a comida, grandes apreciadores dos benefícios de ar livre e de exercícios e solícitos quanto às minhas aflições. Para o meu gosto dão ênfase demais à higiene, mas ninguém é perfeito e, em termos de atenção e cuidados gerais, não tenho queixas graves. Se me permitem uma crítica — e como este livro é meu, acho que permitem —, é que eles simplesmente não conseguem se harmonizar com seus próprios

hábitos sociais, o que pode ser um pouco exasperante de quando em quando.

Em voz alta e com freqüência, eles alegam ser amantes da vida tranqüila, contentes em vegetar, admirar as belezas do campo e se enfiar na cama com um chocolate quente logo depois que o orbe dourado do sol mergulha lentamente no oeste (palavras deles, não minhas). Eles se iludem com essas bobagens. Para duas pessoas que gostam de acreditar que estão a um passo do eremita do bosque, eles são fracassos lamentáveis. Não me lembro da última vez em que estivemos algumas horas com a casa vazia. Se não são os vizinhos ou os homens que parecem estar em plantão permanente com uma betoneira, é uma delegação de refugiados de além-mar — um grupo arrogante e mal-afamado de ostensivos viciados em álcool, em dormir tarde, em música alta e em mexericos.

Não que eu me importe. A vida é raramente monótona; e se, como eu, vocês tiverem uma curiosidade saudável pelas questões do mundo, não existe lugar mais propício do que meu ponto debaixo da mesa de jantar, local perfeito para o aprendizado do bisbilhoteiro.

Isso já vem acontecendo há anos e me forneceu o que se poderia chamar de uma formação eclética e abrangente. Eu sei, por exemplo, que 1985 foi uma safra excepcional em Châteauneuf; que um dos prefeitos da região gosta de se travestir com um uniforme de enfermeira e tocar trombeta; que todos os políticos e advogados são canalhas; que os escritores são santos e artistas injustiçados, explorados por editores brutais; que o Túnel do Canal será o fim da Inglaterra como a conhecemos; que um padeiro no vilarejo mais próximo fugiu com uma dançarina exótica de Marselha; que uma

dieta de *foie gras* e vinho tinto prolonga a expectativa de vida; que a Comunidade Económica Europeia é dirigida por uns palhaços corruptos; que a família real britânica está se mudando para Hollywood, e assim por diante. Toda a vida humana está ali, e é fascinante quando se consegue ficar acordado.

O que às vezes chega a ser ainda mais interessante é a avaliação crítica na cozinha assim que os convivas se vão embora; e aqui voltamos à administração.

Procuro nunca perder essas conversas amenas enquanto se contam as garrafas vazias e se deixam cair os pratos. E há uma familiaridade reconfortante no curso que a conversa toma. Ela começa com uma animada diferença de opiniões quanto à qualidade da comida, quando madame exprime decepção com sua culinária, e a outra metade indicando as provas em contrário dos pratos raspados e dos ossos limpos.

Segue-se uma prolongada discussão dos pontos de interesse especial da diversão noturna e comentários pessoais, nos quais não precisamos nos deter, sobre os diversos convidados. O terceiro ato é um voto unânime de evitar todo contato social pelos próximos seis meses. Mas então temos o bis, que é a conscientização de que convites foram aceitos para uma repetição. E assim vão eles para a cama. Entenderam o que eu quis dizer? Eles falam uma coisa (“Nunca mais”) e fazem exatamente o oposto (“Nos veremos na terça”).

No entanto, o constante fluxo de convidados sempre foi e é instrutivo, como espero que vejam a partir das páginas seguintes. E, ao manter os olhos e os ouvidos atentos, aos poucos aprendi grande parte do que sei hoje. Seria possível dizer que a observação e a

bisbilhotice me forneceram uma sólida base intelectual. Para conhecimentos práticos, porém, não há o que substitua a experiência na escola da vida. Passo-lhes o incidente do bombeiro hidráulico debaixo da pia.

Seu nome é Henri, e ele costuma aparecer aqui perto do final da manhã para arrumar suas ferramentas no chão da cozinha. Essa é aparentemente uma parte vital do procedimento de bombeiro, uma espécie de aquecimento antes que sejam investigados os mistérios da válvula, da torneira e da inundação. E assim ele arruma suas fileiras de martelos, chaves inglesas ajustáveis, brocas, maçaricos e seu capacete especial com a lâmpada na frente para espiar em cantos escuros, olha para o relógio e sai para almoçar. O bombeiro hidráulico afirma que não pode trabalhar de estômago vazio. É preciso que madame evite pisar nas ferramentas e ela resmunga, no seu estilo habitual, sobre sua intenção de desistir de tudo e ir morar numa tenda; enquanto a outra metade, também no seu estilo habitual, descobre alguma coisa urgente para fazer o mais longe possível da cozinha.

Normalmente, não presto muita atenção aos encanamentos, mas nessa ocasião eu estava intrigado. Há alguns dias vinha um aroma interessante e cada vez mais forte do armário debaixo da pia. Eu mesmo não conseguia identificá-lo, mas ouvi Henri dizer que, na sua opinião profissional, havia uma pequena criatura morta, ou talvez um ninho delas, em algum ponto no encanamento. Nunca sou avesso a um cadáver desde que não seja o meu e, por isso, resolvi supervisionar as atividades e ver com meus próprios olhos quem estava escondido no trato intestinal da cozinha.

Henri voltou do almoço, e a administração recolheu-se ao esconderijo, um hábito seu diante de catástrofes em potencial. Desde o infeliz episódio com a bóia lá de cima, acho que eles temem o pior sempre que Henri investe contra os encanamentos, e devo admitir que seu desempenho é irregular: jogou trinta e duas partidas, venceu dez e perdeu as demais, e isso apenas desde que comecei a computar. Seja como for, com a administração bem longe do perigo, éramos só nós dois na cozinha.

Henri pôs o chapéu cuja luz acendeu, engatinhou para baixo da pia e começou o processo do diagnóstico, que consistia em bater em tudo que estivesse à vista com um martelo. Ele fala sozinho enquanto trabalha. Por isso, consegui mais ou menos acompanhar seu progresso, embora não haja grande emoção em tudo aquilo, a menos que se tenha um interesse especial por juntas gastas e canos de escoamento gastos.

E então ele devia ter encontrado o que procurava porque de repente respirou fundo e disse *voilà!* várias vezes num tom satisfeito, antes de sair do armário, de marcha à ré, para remexer na sua coleção de ferramentas no piso. Ocupei seu lugar embaixo da pia, e para mim ficou imediatamente claro onde se encontrava o corpo estranho: no meio do sifão. Fiquei espantado de ele não conseguir farejá-lo, mas assim são os bombeiros, imagino — só força bruta e chaves inglesas, e pouquíssimo talento nas narinas.

Havia um calunga ali dentro, disso eu tinha bastante certeza, e estava pensando em algum lugar conveniente para enterrá-lo quando senti um tapinha nas costas e me volvei para dar com Henri e seu capacete iluminado. Acho que ele estava ansioso para eu sair dali porque me arrastou para fora pelas pernas traseiras, me disse

algum nome ofensivo, embora tecnicamente correto, e me empurrou para o lado ao entrar no armário.

Nesse instante, alguma coisa nos genes me dominou, um desejo selvagem e primitivo de participar da fase final. Além do mais, o armário era tanto dele quanto meu. Entrei novamente, espremido, para poder olhar por cima do seu ombro e testemunhar de perto a extração do calunga. Henri me expulsou com uma cotovelada. Eu me enfiei no armário de novo. E isso prosseguiu por alguns minutos. Era uma guerra de nervos, mas minha determinação acabou prevalecendo, como costuma acontecer. Os cães são mais persistentes do que as pessoas, sabem? Como vocês terão percebido se algum dia observaram alguém tentando tirar um Jack Russell* de uma toca de coelho.

* Parson Jack Russell, um cão terrier original de Devon, Inglaterra. (N. da T.)

Suponho que Henri teria dado de ombros se houvesse espaço para isso, mas ele preferiu fazer que sim, acenou para eu me aproximar mais e começou a trabalhar com a chave inglesa. Criatura tola e confiante que eu era, pensei que nossas divergências territoriais tivessem sido resolvidas. Por isso, descansei meu queixo no seu ombro, para melhor observar o que ia acontecer em seguida. Um erro. Ele deu uma última volta com a chave, abaixou-se para o lado e deixou para mim todo o restante do calunga morto e de alguns litros de água retida, bem no meio dos olhos. Ele também me culpou pela inundação subsequente. Moral: jamais confie em bombeiro hidráulico num ambiente confinado.

É o tipo de experiência que deixa uma marca emocional, e lamento dizer que houve outras. O carteiro, por exemplo, que faz objeção a que eu saia correndo para uma brincadeira inocente com sua caminhonete e guarda um punhado de pedrinhas à mão para atirar em mim. Ou o ciclista que tentou repartir meu cabelo com sua bomba. O que acabou acontecendo foi que ele perdeu o equilíbrio, caiu e se retirou machucado, com o short rasgado e o sangue escorrendo pela perna. Esse foi um final justo e satisfatório, mas houve épocas em que as coisas não funcionaram exatamente como deviam — o episódio do treinamento com galinhas, por exemplo. Tratarei dele mais tarde, mas creio que vocês me entendem. Há uma abundância de armadilhas, e as pessoas são imprevisíveis. O mundo pode ser um lugar perigoso.



A arte da comunicação

AO QUE ME DISSERAM, sou uma decoração para qualquer casa, um companheiro simpático, dócil ouvinte, um sábio, fonte de permanente diversão e um sistema ambulante de alarme contra

ladrões. Descobri, porém, ao longo dos anos que essas virtudes não bastam para algumas pessoas. Elas são quase sempre do sexo feminino, de acordo com minha experiência, e têm algumas características em comum, todas resultantes, suponho eu, de terem sido expostas a um excesso de contos de fadas quando jovens. Não há melhor exemplo da espécie do que um dos nossos monumentos vivos, madame Bilboquet, uma senhora avantajada que se dedica a boas obras e ao porto de boa safra, que ela considera *très anglais*.

Ela usa trajes volumosos em tom pastel e tem o cheiro de flores secas que ficaram guardadas muito tempo numa gaveta. Sua bolsa tem gosto de talco. Ela coleciona bibelôs de porcelana de porcos gorduchos e vacas ruminantes. Escreve cartas em papéis com coelhinhos correndo ao longo da borda inferior. Vocês conhecem o tipo. O coração dela está no lugar certo, sem dúvida, mas ela sofre dessa infeliz tendência ao sentimentalismo.

Posso dizer o que está por vir quando ela me encara com um olhar úmido e sentimental e dá um sorriso. Se eu não adotar nenhuma atitude evasiva, ela me dará um tapinha no alto da cabeça com aquele jeito hesitante e afetado que as pessoas assumem quando vão apanhar um pardal morto. Depois ela suspira. E tudo começa. "Ele não é um amor?", diz ela, com a voz que geralmente reserva para seus desafortunados coelhos. "Eu gostaria de saber no que ele está pensando."

Na maior parte do tempo, é sobre sexo, ou de onde virá a próxima refeição, mas é claro que ela não deverá saber disso. Sou tentado a pôr um fim na questão mergulhando numa investigação ruidosa das minhas partes pudendas. Mas desisto. Faço sua vontade. Nunca se sabe com madame Bilboquet. Já ouvi dizer que ela guarda

biscoitos no que chama de sua bolsinha. Por isso, adoto minha expressão mais comovente e me preparo para o inevitável.

De fato, após mais um suspiro, lá vem, o ingrediente que faltava. “Vocês não queriam que ele falasse?”

E eu lhes pergunto. Ali está ela, uma mulher adulta, babando tanto que daria para envergonhar um poodle, e todos nós sabemos que puxa-sacos *eles* são. O fato é que não tenho necessidade de falar. Sei deixar meus sentimentos e desejos perfeitamente claros para quem quer que tenha os poderes de observação mais rudimentares. A administração me compreende. Os vizinhos me compreendem. No outro dia recebemos a visita de um dos fiscais de tributos da região. Não é nenhum Einstein, mas até ele pareceu me compreender. Na realidade, saiu meio apressado, com uma perna das calças ligeiramente úmida, mas isso já é outra história.

Seja como for, posso não falar, mas gosto de pensar que sou um dos grandes comunicadores. Meu latido é viril e característico. Minha farejada é eloqüente. Meus ganidos de pavor servem para desencorajar quaisquer tentativas de me escovar. Ao que me disseram, tenho um ronco expressivo. E meu rosnado é um modelo de ameaça, um rugir profundo que desperta o terror nos corações de pequenas aves e vendedores hesitantes. Infelizmente, ele me dá dor de garganta. Por isso eu o uso com parcimônia.

Vocês terão percebido que essas capacidades, embora impressionantes em sua variedade e registro de oitavas, são todas baseadas no som. E, sejamos francos, a maioria dos cachorros consegue fazer barulho quando lhes convém, embora talvez não com uma noção muito perfeita de ritmo e tom. Em todo caso, o barulho nem sempre é o meio certo para obter o que se quer.

Perguntem a qualquer político. Ele lhes dirá que o elogio bem-direcionado e, quando o estômago é forte, a eventual rodada de beijos em bebês produzirão resultados mais satisfatórios do que os gritos. Assim é com os cães e com as pessoas. O charme sai vitorioso onde os latidos falham. Podem acreditar em mim.

O segredo disso tudo, na minha opinião, está no que os sociólogos chamam de “expressão corporal”. A pata suplicante, o rabo vibratório, o olhar fixo e amoroso, os tremores de êxtase — todos esses gestos falam mais do que as palavras quando utilizados por um especialista. E eu gosto de pensar que sou um especialista. Deus sabe que tenho bastante prática.

Permitam-me um exemplo, que aconteceu bem recentemente. Havia chovido a manhã inteira, e a administração resolveu sair para um almoço prolongado. Essa costuma ser sua reação ao tempo desagradável. Falta de consideração da parte deles, eu sei, mas é assim mesmo. Por isso, fui deixado na casa com as outras duas — uns amores sob muitos aspectos, mas algo carentes de espírito pioneiro. Relutantes a entrar na farra, se é que vocês me entendem. Creio que elas provavelmente receberam um excesso de treinamento nos seus anos de formação e nunca se recuperaram.

Como sempre faço quando estou encarcerado e me deixam à vontade, realizei uma inspeção do ambiente — verificando a cozinha em busca de traços comestíveis de tarefas domésticas imperfeitas, testando as portas e a fiação elétrica, rearrumando os tapetes soltos — em suma, fazendo algo de útil. Depois, por um capricho, resolvi dar uma olhada no andar superior, onde ficam trancadas as visitas que vêm para dormir. Por algum motivo, esse espaço foi designado

como zona proibida. Só Deus sabe o que fazem lá em cima, mas já deixaram bem claro que eu não sou bem-vindo.

Portanto, subi a escada, e o que encontrei? A porta ficara entreaberta, e as delícias do que tem o título imponente de “suíte de hóspedes” estavam disponíveis para minha inspeção.

Bem, um banheiro que se tenha visto, e já se viram todos. Lugares rígidos, desconfortáveis, que fedem a sabonete e a limpeza. Já o quarto era totalmente diferente — carpete de uma parede a outra, um monte de almofadas, uma cama espaçosa. E uma bela cama ainda por cima — não alta demais, com um farto sortimento de travesseiros e uma amplidão convidativa do que mais tarde descobri ser uma colcha antiga. A impressão que me deu foi a de um lençol branco do tipo comum, mas as antigüidades não estão entre meus interesses. Sou mais inclinado à escola de decoração de interiores dos tapetes de peles.

Mesmo assim, a cama exercia uma nítida atração — como exerceria sobre vocês se normalmente passassem as noites numa cesta pousada no chão — e por isso saltei para cima dela.

De início, fiquei um pouco desorientado pelo nível de maciez debaixo das minhas patas, o que me fez lembrar as vezes em que havia acidentalmente pisado na Labrador. Uma vez adaptados meus movimentos, porém, descobri que podia fazer a exploração em pulinhos curtos e bastante emocionantes. E segui para a cabeceira da cama, onde ficavam os travesseiros.

Eles estavam mal arrumados, a meu ver — enfileirados cuidadosamente, o que pode servir para o ser humano recostado mas não é uma disposição que convenha a um cão. Nós gostamos de dormir cercados. Acho que pode ser um desejo subconsciente de

voltar ao útero materno, embora pessoalmente não me aprouvesse uma segunda visita. Como vocês podem recordar, precisei dividi-lo com outros doze, e não tenho lembranças agradáveis da experiência. Mesmo assim, o instinto de me cercar persiste, possivelmente em busca de proteção, e então passei a arrastar os travesseiros para o meio da cama, até formar com eles uma espécie de ninho circular. E ali me instalei, num imenso conforto, para tirar um cochilo.

Mais tarde, fui acordado pelo barulho de um carro e os latidos das duas cadelas no andar inferior. Era óbvio que a administração havia se fartado de comer e resolvera voltar.

Vocês podem não saber, mas as pessoas que vivem com cães gostam de uma recepção festiva quando chegam em casa depois de alguma ausência. Isso faz com que se sintam amadas e bem-vindas. Também pode fazer com que se sintam ligeiramente culpadas de terem deixado seus fiéis companheiros sozinhos. Esse sentimento, por sua vez, pode levar ao que elas chamam de "agradados" e ao que eu encaro como pagamentos por desencargo de consciência para compensar pelo abandono proposital. Não importa como se encare a recepção, o fato é que em geral vale a pena estar presente à porta com os olhos brilhantes e o rabo lampeiro, com um comportamento geral indicativo de que sem elas a vida foi um deserto árido. O que ocorre é que eu poderia ter passado feliz o resto da tarde naquela cama, mas descii correndo para cumprir meu dever e me alinhei com as outras quando a administração entrou em cena.

Tudo seguia bem até escurecer, quando madame subiu para pôr umas flores e uma vasilha com repelente de insetos no quarto de hóspedes para visitas que chegariam no dia seguinte. Ela é

exigente quanto a esses pequenos toques, e sabe-se que se atormenta com detalhes como, por exemplo, a escolha da água — gasosa ou natural — a ser deixada nas mesinhas-de-cabeceira. É que ela quer que os hóspedes tenham conforto, o que, na minha opinião, só os estimula a ficar. A outra metade, pelo contrário, é totalmente favorável a que se lhes dê o *au revoir* com a máxima brevidade possível — e isto serve para demonstrar que o casamento pode ser uma questão de fazer concessões. Seja como for, lá estava madame no andar superior, na suíte de lua-de-mel.

Ouvi gritos distantes de alarme, fiz minhas deduções e supus que minha arrumação da cama estava provocando uma leve aflição. Conseqüentemente, enfiei-me na cesta mais rápido do que um rato subindo num cano e já estava fingindo o sono dos inocentes no instante em que ela desceu. Éramos três, raciocinei. Havia, portanto, uma boa chance de que uma das cadelas recebesse a sentença de passar a pão e água enquanto o verdadeiro culpado escapava. A detenção e o encarceramento por engano são muito comuns hoje em dia, ao que ouvi dizer, e eu esperava que esse fosse ser mais um capítulo nos anais da injustiça.

Com os olhos bem fechados e os ouvidos prontos para o pior, ouvi enquanto madame se queixava indignada de pegadas na colcha, travesseiros rasgados e amassados e mais umas poucas imperfeições que iriam nos desclassificar para o prêmio de Casa do Ano.

Ouvi que ela se aproximava da minha cesta, e me aventurei a entreabrir um olho. A figura acusadora de madame estava diante de mim, brandindo as provas do crime, sacudindo a colcha comprometedora na minha frente e se queixando como se eu tivesse

vomitado no seu melhor chapéu (o que eu fiz uma vez, mas havia circunstâncias atenuantes). Experimentei a reação indiferente e perplexa, mas o que eu não havia calculado era o tamanho das minhas patas e os traços de lama que restavam nelas do passeio matinal. Segurando uma pata incriminadora, madame a aplicou a uma pegada grande e bem-definida, e isso encerrou a questão. Sem possibilidade de recurso, culpado de acordo com as acusações e repercussões sérias a caminho, eu tinha certeza, a menos que agisse rapidamente.

Uma lição que aprendi na vida é que tudo tem seu preço. Nenhum crime, por mais abjeto que seja, está fora do alcance do perdão. Pode-se roubar o almoço de domingo, destroçar livros, arrancar a dentadas a cabeça de galinhas vivas e fazer pilhagens praticamente à vontade desde que sua técnica de apaziguamento seja confiável. Ela é conhecida como negociação para reduzir a pena e permitiu que réus muito piores do que eu saíssem impunes, quase sem manchas à sua reputação. Se não acreditam em mim, leiam os jornais.



A punição na nossa casa.

A punição na nossa casa, como no sistema jurídico em geral, depende não só da gravidade da infração mas também — e talvez esse fator seja ainda mais importante — do estado de espírito e da disposição geral do juiz e do júri. Dias há em que um delito ínfimo pode levar a castigos físicos e exílio temporário. Em outras ocasiões, tudo o que se recebe pela mesma infração é uma advertência verbal e meia hora de desprezo, com redução da pena por bom comportamento. Complicada, essa história de justiça. Nunca se sabe para que lado ela vai seguir.

A atmosfera naquela noite estava incomumente carregada. Tenho minhas suspeitas de que não se tratava meramente da natureza do crime mas também dos efeitos de um almoço pesado, que costumam aflorar no início da noite: uma dor de cabeça irritante, dispepsia e timpanismo, acompanhados de mau humor. Pelas minhas estimativas, a juíza ia aplicar a sentença máxima, e por isso decidi não me conter. Era imprescindível o repertório completo.

Ocasão própria para recorrer à dinâmica corporal avançada, ou ao que prefiro chamar de “sete gestos de apaziguamento”. Passo-lhes esses gestos na esperança de nunca precisarem usá-los.

PRIMEIRO

Role de costas, à moda do cocker spaniel, e agite as pernas, indefeso. Isso serve para indicar remorso e para anular o primeiro instinto do ser humano irado, que é o de ministrar golpes dolorosos nos quartos traseiros. Não se consegue dar nenhum golpe de força razoável ao nível do chão.



SEGUNDO

O tom da voz lhe dirá quando o pior já tiver passado e for seguro levantar-se para abordar o juiz e o júri. Essa aproximação deve ser feita com alteração do rebolado — a cabeça baixa, envergonhada, o resto do corpo se contorcendo em desculpas arrebatadas. Sons

suaves, contritos, são apropriados nesse caso, se fizerem parte dos seus talentos. Evite latidos ou qualquer exibição de dentes.



TERCEIRO

Sente-se. Erga a pata direita e a descanse sobre o joelho mais próximo. Por algum motivo, a maioria das pessoas considera essa atitude cativante, e as chances de um tapa na orelha são remotas.

QUARTO

Remova a pata e pouse o peso total da cabeça no joelho escolhido. Na maioria dos casos, isso provocará um afago involuntário, e você saberá que está são e salvo. Se não funcionar, prossiga com o resto do programa.

5



QUINTO

Descubra a localização de uma das mãos. Depois de se certificar de que não está segurando um copo de vinho tinto, dá-lhe uma cabeçada firme para cima. Mencionei o vinho tinto só por causa de um infeliz acidente do qual fui uma vez acusado, com total injustiça, e que serviu para estragar a magia do momento.

6



SEXO

A essa altura, tudo deveria estar perdoado, mas é importante não ser visto celebrando cedo demais. Eu sempre me disponho a alguns

minutos ternos de contato afetuoso — encostando-me numa perna ou num braço, o que for mais conveniente. Não importa qual seja o membro; vital é o gesto carinhoso.

E isso, nove em dez vezes, deveria resolver o caso. Somente em situações desesperadoras, quando todos os agrados são recebidos com uma rejeição feroz e persistem ameaças terríveis, preciso recorrer à solução final e acionar minha arma secreta.

Devo explicar sua história. Há alguns anos um dos meus admiradores me presenteou com uma réplica em tamanho natural de um tradicional enfeite natalino de borracha, vermelho brilhante, com festivos galinhos verdes de azevinho, flexíveis nas duas pontas, uma verdadeira peça de colecionador. Acontece que é um objeto muito satisfatório para ter na boca. O formato é bom, a textura tem a firmeza exata. É provável que vocês nunca tenham segurado com os dentes a coxa traseira de um esquilo. Eu já segurei, e meu brinquedo tem uma consistência semelhante. Firme mas que cede ao toque, se vocês me entendem. A outra semelhança com o esquilo é que meu brinquedo guincha quando morde. Isso me diverte e, por motivos que eu nem poderia começar a explicar, faz com que as pessoas riam. Ele nunca falha. E assim, *in extremis*, quando a catástrofe parece inevitável, eu desisto e aguardo a punição merecida? Eu me acovardo diante do olhar enregelante de censura? Claro que não. Eu vou buscar meu brinquedo.

SÉTIMO

Mesmo nesse caso, é necessário ter um certo refinamento no tato. Guinchos constantes irritam o ouvido humano, como percebi muitas vezes quando a televisão está ligada. Por isso, eu me sento com meu brinquedo preso nos dentes, com a aparência de maior

desamparo possível, e o faço guinchar a intervalos irregulares. E sabem de uma coisa? Sempre funciona. Sempre. Só Deus sabe por quê, mas em segundos as nuvens carregadas se dispersam e eu volto a ser visto com bons olhos, graças ao guincho que espanta a fúria. Há aqui algum tipo de lição para a humanidade. E, se vocês algum dia se descobrirem envolvidos em litígios, meu conselho é que sempre tenham um osso de borracha no bolso.

7





*Corpo a corpo
com o gato na garagem*

O MUNDO, COMO JEAN-PAUL SARTRE poderia ter dito se a idéia lhe houvesse ocorrido, está dividido entre os que gostam de gatos e os que não gostam. Sou membro fundador do segundo grupo, o que

não será nenhuma surpresa quando eu lhes contar como os gatos e eu travamos conhecimento. Foi durante minha tenra infância quando, como já mencionei, os tempos eram difíceis e a alimentação escassa — pelo menos para nós, os cães. As coisas eram muito diferentes para a gata da casa.

Chamada Hepzibah, de natureza perversa, ela passava os dias cochilando dentro de casa e, pela sua aparência, era escandalosamente bem alimentada. Era maior do que nós éramos na época — criatura monstruosa, de olhos como contas, coberta de um pêlo malhado em preto e marrom, com um dente amarelo e comprido saindo do lábio inferior e um jogo completo de garras, que todos nós, filhotes, sentimos numa ocasião ou noutra. Todas as noites, na hora de comer, ela costumava descer gingando e se juntar a nós no celeiro para inspecionar as sugestões do *chef* — sabendo que, provavelmente por engano, de quando em quando nos davam algo mais apetitoso do que pão velho e cartilagem. Sempre que isso acontecia, Hepzibah dava golpes a torto e a direito para chegar primeiro ao cocho. E, sabem de uma coisa, devia ser pelo prazer. Não poderia ter sido por fome. Ela era estofada como um sofá.

Até hoje, depois desse trauma juvenil, jamais consigo encarar os gatos com qualquer entusiasmo verdadeiro, e nunca deixo de me maravilhar com a popularidade de que goza o *Felix domesticus*. O que ele é, afinal de contas, além de uma bola de pêlo anti-social com ilusões de superioridade?

O disparate começou milhares de anos atrás, como qualquer historiador poderá lhes dizer, com os egípcios. Por algum motivo — cérebros atordoados em consequência do clima, possivelmente, ou loucura decorrente do excesso de construção de pirâmides — eles

elevaram o status do gato de mero caçador de camundongos para o de objeto religioso, protetor da Ninhada de Gatinhos do Faraó e ícone em chefe. É claro que os gatos, já orgulhosos demais de si mesmos a partir do nascimento, consideraram que isso lhes era devido e se tornaram senhores absolutos das areias do deserto, ocupando um lugar importante nos jantares do rei Tut, tendo suas patas tratadas com unguentos sagrados, desistindo da caça aos camundongos em troca de uma vida de indolência e no todo se fazendo detestáveis. E esse foi seu quinhão desde aquele tempo.

Quando caiu a supremacia dos faraós — o que acabaria acontecendo, se considerarmos as pessoas desorientadas que estavam no poder — seria de supor que o mundo tivesse aprendido uma simples lição de causa e efeito. Ou seja, os que idolatram os gatos têm um fim problemático. O máximo que podem esperar é uma atadura para o corpo inteiro e uma vaga de estacionamento numa tumba mal ventilada. E mais uma coisa, ninguém vai encontrar o bichano enrodilhado aos seus pés em eterna lealdade. Se lhe derem a menor chance, ele já estará procurando o próximo que lhe ofereça carinho.

Bem, podem vocês alegar, aqueles eram tempos primitivos e obscuros, e já avançamos muito desde então. O conhecimento aumentou em saltos quânticos, e agora temos deuses mais modernos — a televisão, por exemplo, ou os jogadores de futebol. Se for essa a sua opinião, caro leitor, devo dizer-lhe que o movimento felino não só sobreviveu mas prosperou tremendamente, seus tentáculos peludos atingindo onde quer que se olhe.

As artes, por exemplo. Há quadros de gatos, volumes de prosa e verso dedicados aos gatos, fileiras medonhas de cartões

festivos com o Gatinho escancarando seu sorriso superior. Segundo ouvi dizer, há até mesmo um musical sobre gatos. Esse eu até gostaria de ver porque a idéia de homens e mulheres adultos se exibindo com rabos postiços e bigodes de náilon atrai meu sentido do absurdo. Imagino que tal espetáculo faça o maior sucesso no Egito.

Tudo isso — e há muito mais, mas não quero bater excessivamente no assunto — é para explicar minha posição com relação ao gato. Não sou fã deles. Podem dizer que as uvas estão verdes, se quiserem, ou pôr a culpa na horrenda Hepzibah; mas, quando penso nessas criaturas muito acolchoadas com acesso livre à mobília e a refeições gastronômicas de creme de frango, meu sangue ferve nas veias e eu tenho sérias dúvidas sobre o senso de prioridades da humanidade.

O nosso é um lar iluminado, alegro-me em dizer; e por isso, a não ser pelo eventual vislumbre de gatos se esgueirando pela floresta em alguma missão furtiva, não sou incomodado por eles. Eu certamente não espero encontrá-los em parte alguma do nosso espaçoso terreno, e muito menos na garagem. Um dia de manhã, porém, há não muito tempo, eu estava passando pela porta aberta da garagem a caminho de um trabalhinho leve em meio à população de lagartos, quando fui parado de chofre pelo meu faro. Ali estava, forte e inconfundível, o cheiro de um gato.

Há um equívoco muito difundido — claro que descaradamente estimulado por exibições ostentatórias de limpezas, lambidas e patas atrás das orelhas — relativo ao fato de o gato ser uma das criações mais limpas da natureza, isento de odores e consciente do bem da comunidade no que diz respeito ao

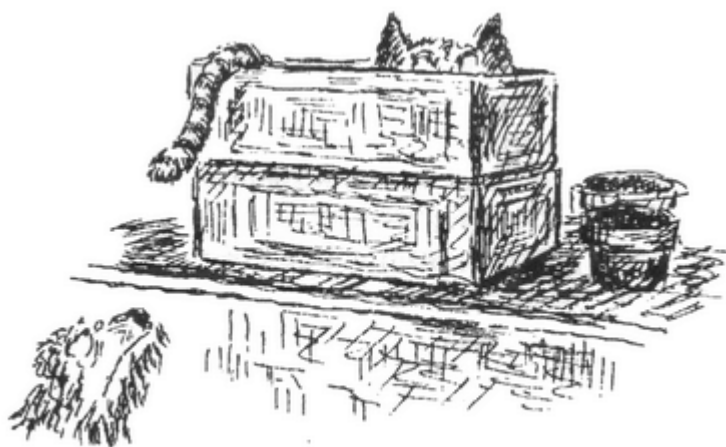
tratamento de dejetos. Tolice. Ponham um gato macho adulto num lugar confinado, como a garagem por, exemplo, e precisarão prender a respiração. De tão desagradável que é.

Enfiei minha cabeça pela porta e dei uma olhada geral. Para ajudá-los a imaginar a cena, eu deveria informar que a garagem não ganharia nenhum prêmio de limpeza e organização. O carro fica no centro, cercado de sacos de adubo, rolos de mangueiras, um cortador de grama, três ou quatro cadeiras de jardim espalhadas entre encontros, galões de spray para roseiras, velhos vasos de barro e uma série de prateleiras contendo de tudo, desde latas de tinta até uma serra elétrica. Apesar de todos os seus talentos, nunca suspeitei de que a administração cometesse furtos, mas essa confusão de equipamentos dá a impressão de ter sido subtraída, na calada da noite, de alguma loja de ferragens e jogada a esmo no seu novo lar à medida que ia saindo da caçamba de um caminhão. E em algum lugar ali, escondido entre os destroços, estava o invasor.

Entrei pela porta, movimentando-me com infinita ameaça, e olhei ao redor. Nada se mexeu. Era provável que estivesse colado numa parede, paralisado de terror, ou quem sabe estaria enfiado atrás da terra para vasos? Mas não o vi em nenhum desses lugares óbvios. Sabe-se que gostam de se esconder debaixo de carros, motivo pelo qual é comum vê-los com uma elegante mancha de óleo nas costas. Esse, porém, estava muito bem escondido.

Eu, no entanto, sabia que ele estava ali pelo faro, e fui abrindo caminho em meio à bagunça na direção das prateleiras ao fundo, com o nariz à procura e todos os meus sentidos em alerta. Uma arma letal pronta para o ataque. Foi então que o descobri — ou, para ser estritamente exato, que vi parte dele.

A prateleira mais alta era usada para armazenar pilhas de bandejas rasas de madeira para sementeiras, e percebi que a bandeja mais alta parecia ter desenvolvido um rabo. Peludo, alaranjado e imundo, semelhante às escovas que as pessoas usam para desentupir ralos e, na minha opinião, igualmente repugnante. Estava pendurado da lateral da bandeja. Ah, ah, disse com meus botões. Siga o rabo e encontrará o gato.



Percebi que a bandeja mais alta parecia ter desenvolvido um rabo.

O plano era dar um puxão repentino no rabo pendente e ver se nosso visitante alaranjado conseguiria quebrar o recorde de vôo sem propulsão, saindo da garagem sem tocar no solo. Para minha grande irritação, porém, a ponta estava exatamente fora do meu alcance, mesmo quando eu me esticava ao máximo nas patas traseiras. Eu andava de um lado para o outro, ruminando que tática usar e determinado a preservar o elemento surpresa quando senti que estava sendo observado. É um dom que tenho, uma espécie de percepção extra-sensorial desenvolvida durante os velhos tempos de vida difícil e manobras para evitar vassouradas, e que até hoje não me deixou na mão.

Ergui os olhos, e a visão era de assustar. A cabeça do bichano havia aparecido, do tamanho de um melão pequeno, com duas orelhas bastante estropiadas e olhos da cor de excremento velho de coelho. Tenho uma alma generosa, por isso direi apenas que ele não teria ganho nenhum concurso de beleza, e não se toca mais no assunto. Olhamos um para o outro em silêncio por alguns segundos, e então resolvi lhe mostrar que não tinha nenhuma intenção de acolher inquilinos. Ergui-me nas patas traseiras e lhe dediquei meu repertório completo. Rosnei, lati, espumei com sede de sangue. Vocês não poderiam imaginar a brutalidade disso tudo a menos que já tenham comparecido a um coquetel literário com distribuição irrestrita de bebidas. E sabem o que ele fez? Bocejou e deu toda a impressão de que ia adormecer.

Nessa altura eu já estava meio rouco e, para ser franco, não tinha muita certeza do próximo passo, quando veio uma súbita rajada de vento e a porta da garagem se fechou com uma explosão. Isso acordou o animal, e num átimo de segundo ele estava fora da bandeja de sementes e em posição de alerta atrás do cortador de grama.

Se isso era possível, no nível do chão ele parecia ainda menos atraente, e sua aparência foi mais prejudicada pela postura ridícula que assumiu. O rabo apontava para o céu; as costas estavam arqueadas; o pêlo todo eriçado, como se tivesse acabado de engolir um leite de alta voltagem; e suas mutiladas orelhas se colavam na cabeça roída de traças. Lembro-me de ter pensado que ele não teria sorte se fosse fazer um teste para o musical, e então tudo sucedeu com muita rapidez.

Lutamos alguns segundos, eu saltitando e me desviando, ele dando alguns golpes sem sucesso com a pata até perceber que eu lhe era superior. Fiz com que fugisse. Em meio às latas de tinta e às garrafas vazias seguimos, espalhando tudo diante de nós até chegarmos à porta, que, como lhes disse, estava fechada. Agora ele estava onde eu queria. Pausa para respirar antes do segundo *round*.

Aqui aprendi mais uma lição de conhecimento prático que lhe recomendo ter em mente quando as circunstâncias exigirem. Não se deve confiar no oponente encurralado sem nenhuma possibilidade de fuga. Como vocês sabem, costuma-se dizer isso a respeito de ratos e de altos funcionários do governo apanhados com a boca na botija ou com as calças arriadas, e é a perfeita verdade. Eles saem ao ataque, ignorando as possíveis conseqüências, causando dor e aflição a pessoas inocentes — e foi exatamente o que me aconteceu.

Eu estava com o invasor encurralado nas cordas, por assim dizer, encostado na porta da garagem, sem nenhuma chance de escapar. Se ele se rendesse pacificamente, eu lhe teria dado apenas uma breve surra, fazendo com que se mandasse dali, mas ele saiu daquele canto como que possesso e me acertou no focinho com uma força surpreendente para uma criatura tão pequena e rechonchuda. Além disso, também estava com as garras de fora. O instinto deve ter assumido o controle nessa hora, imagino eu, porque no próximo instante percebi que eu tinha dado um salto para trás e para o alto, aterrissando no capô do carro. Desonroso, poderão dizer, mas a verdade é que não foi com vocês.

Nessa altura a administração, atraída pelo alarido das nossas negociações, veio em socorro do gato, abrindo a porta. Ele disparou como uma pulga em skates, acompanhado por mim em perseguição

moderadamente impetuosa, e encontrou refúgio nos galhos altos de uma amendoeira. Tomei posição ao pé da árvore, rosnando, batendo as patas e contorcendo os bigodes como se estivesse louco por mais ação, mas, para que se faça a verdade, eu ficaria perfeitamente satisfeito em deixar as coisas naquela situação. Mas não era para ser assim.

Uma das desvantagens da vida no campo é que nunca se está completamente livre da curiosidade dos vizinhos, que costumam aproveitar toda oportunidade para suspender o que estão fazendo e vir olhar o que *você* está fazendo. Eu permanecia em pé nas patas traseiras, dando uma boa impressão de estar tentando subir na árvore, quando se ouviu um grito do vinhedo abaixo da casa.

— *Attention!* — disse a voz. — Esse é o gato de madame Noiret! Ele é velho e frágil! Afastem seu cachorro!

Olhamos em volta, a administração, o gato e eu, para ver uma figura maltrapilha sentada no seu trator, agitando freneticamente os braços, como os franceses costumam fazer em momentos de crise. Eu lati. O gato subiu mais uns dois galhos. A outra metade me segurou por trás. O enxerido saltou do trator e veio subindo pelo caminho para se juntar a nós.

Ele insistiu em apertos de mãos, o que me deu a chance de escapar das garras da metade que me segurava e pôr entre nós uma certa distância. Recusei o convite da administração para me recolher dentro de casa e fiquei sentado fora do alcance, esperando que a força da gravidade exercesse seu efeito mágico sobre o gato. Ele agora estava desconfortavelmente empoleirado no alto da árvore, oscilando com o vento, e eu tive visões agradáveis do galho se

quebrando — a amendoeira não é demasiado resistente — e do míssil alaranjado sendo arremessado ao chão. Assim perecem todos os invasores da propriedade alheia.

Alarme e consternação ao pé da árvore. O gato precisa ser resgatado; madame Noiret tem que ser informada. Uma crise *dramatique* — o que devemos fazer? Eu sabia o que ia fazer, evitar que me prendessem e esperar que o intruso caísse do poleiro. Isso parecia cada vez mais provável à medida que o vento ia se animando, e eu estava interessado em ver se os gatos de fato aterrissam de pé.

A outra metade resmungou qualquer coisa sobre um compromisso urgente e começou a se afastar na direção do bar, mas nosso homem do trator tinha novas idéias.

— Vocês devem apanhar uma escada — disse ele —, e recuperar o gato enquanto vou buscar madame Noiret. *Allez!* Vamos estar de volta com a maior rapidez possível. — E lá foi ele na sua missão de caridade.

Com muito arrastar de pés, a outra metade foi até a garagem e voltou com uma escada de extensão, que pelo menos dessa vez conseguiu armar sem mutilar os dedos. Ele a encostou na árvore, praguejando o tempo todo, enquanto madame lhe dizia que tivesse cuidado e moderasse sua linguagem com o gato. À medida que ele subia pela escada, o alto da árvore começou a se curvar de uma forma sobremodo promissora, com o bichano alaranjado se agarrando como louco e silvando furiosamente.

Eu estava bem situado para ver o que aconteceu em seguida. A outra metade fez barulhinhos tranqüilizadores e estendeu sua mão salvadora, que foi imediatamente atacada com unhas e dentes.

Bichos ingratos, os gatos, como sempre foi minha opinião, e a outra metade proferiu algumas expressões perfeitas para descrevê-los enquanto voltava à terra com arranhões até o cotovelo, exatamente a tempo de dar as boas-vindas a madame Noiret e seu capanga.

É claro que ela estava num belo estado de espírito acerca daquela ocorrência, retorcendo as mãos, uivando e gritando para que seu pequeno raio de sol, pendurado lá em cima nos galhos, se acalmasse. *Maman* estava aqui, dupla porção de fígado de vitela no jantar se ele descesse, e assim por diante. Mas ele não queria saber de nada; e, depois que se constatava o dano causado ao braço da outra metade, houve uma nítida falta de voluntários para subir e apanhá-lo.

Se estivesse no comando, eu o teria deixado ficar no alto até o outono, quando ele teria caído junto com as folhas, mas madame Noiret estava entrando em extrema agitação.

— É tudo culpa sua — disse ela à outra metade. — Foi esse seu cachorro que assustou meu pobre Zouzou. Como é que o senhor vai resolver isso?

Palavras às quais ele respondeu com bastante bom senso, na minha opinião, depois de ser ferido em combate.

— Madame, seu gato estava na minha garagem. Minha escada está à sua disposição. Tratarei de fazer um curativo no braço e depois é provável que vá tomar um drinque para me recuperar. Tenha um bom dia.

Essa resposta não serviu de modo algum. Madame Noiret inchou como um balão enraivecido e exigiu o uso do telefone. Diante de comportamento tão desumano, ela disse sentir-se forçada a invocar as autoridades superiores. Os ingleses podiam não ter

nenhuma consideração por animais indefesos, ou foi o que ela alegou, mas os franceses, por serem civilizados, sem dúvida têm. Chamaremos os *pompiers* e deixaremos que os bravos rapazes do corpo de bombeiros salvem Zouzou.

Qualquer coisa por um pouco de tranqüilidade é o lema da administração. E assim entraram todos na casa para dar o telefonema e lançar olhares irados uns para os outros. Eu, a essa altura, já estava bastante entediado, e saí a fazer escavações com a Labrador, para passar o tempo até a chegada dos rapazes de azul, com seus guindastes e, eu esperava, extratores de gatos hidráulicos. É muito moderno, o corpo de bombeiros francês, e eu fazia uma imagem mental de Zouzou sendo arrancado do seu galho por um fórceps gigantesco.

O que acabou acontecendo, porém, não foi exatamente o clímax alegre que se poderia ter esperado. Os *pompiers* apareceram com a presteza habitual, e todos nós descemos pela entrada de carros para lhes dar as boas-vindas. Madame Noiret ia à frente, com gritos de alívio, derramando bênçãos sobre quem estivesse de uniforme e fazendo acusações zombeteiras à outra metade. Velha mandona e desagradável era ela. Mereceu perfeitamente o que aconteceu em seguida.

O capitão a interrompeu no meio das baboseiras e lhe perguntou onde estava o gato em perigo.

— Siga-me — comandou madame Noiret. — Traga seus homens e equipamento adequado. E *vite!* Não se pode perder um instante.



A árvore estava desocupada.

A procissão subiu até a amendoeira, com madame Noiret gritando daquele modo repulsivo que as pessoas usam quando se dirigem aos seus gatos, e então houve o que só se poderia descrever como um silêncio sugestivo e constrangido. A árvore estava desocupada. Zouzou, afinal demonstrando um vestígio de bom senso, acabara indo embora enquanto as condições lhe eram favoráveis e todos nós estávamos ocupados com outras coisas.

O melhor ainda estava por vir. Madame Noiret, dando o telefonema, foi obrigada a pagar por convocar as forças do corpo de bombeiros sem causa justificada. Ela protestou e se queixou, como percebi que as pessoas sempre fazem quando sua bolsa está sendo ameaçada, mas sem resultados. O capitão preencheu a nota ali mesmo.

A outra metade passou o restante do dia sorridente, apesar dos ferimentos.



A degustação

SE, COMO EU, vocês têm uma propensão racional, uma natureza amante da boa vida e uma consciência de regra inoperante, há um certo aspecto do comportamento humano que pode exigir demais da

sua paciência. Ele é chamado, sempre num tom farisaico, de moderação — nada de excesso disso, nada de excesso daquilo, dietas, abstinência e comedimento, irrigação do cólon, banhos frios antes do café da manhã e leituras regulares de trechos para o aperfeiçoamento moral. Vocês já devem ter se deparado com isso e até pior se têm algum amigo da Califórnia. Eu, pessoalmente, sou grande seguidor da filosofia de viver a vida e deixar os outros em paz, desde que cada um guarde suas tendências para si. Sigam o caminho da negação, se é isso o que querem, e tudo o que direi é pior para vocês e me poupem dos detalhes.

Infelizmente, não se pode evitar de todo o excesso de virtude, e essa estranha desconfiança do prazer de nenhum modo fica mais evidente do que no caso da bebida. As pessoas gostam de beber. Isso ficou óbvio para mim pouco depois que cheguei à casa das mil garrafas (a maioria das quais, vazia). No entanto, beber raramente é o processo simples e espontâneo que deveria ser, porque sempre há a questão da hora. Não dá para lhes dizer quantas vezes presenciei isso. Quando lhes oferecem uma bebida, qual é a primeira coisa que as pessoas fazem? Olham para o relógio, como se a hora tivesse alguma coisa a ver com a sede. Invariavelmente elas aceitam o drinque, mas nunca antes de uma demonstração simbólica de relutância, geralmente dispersada quando invocam o apoio dos fusos horários internacionais. Alguém, em alguma parte do mundo, está embalando uma bebida forte com gelo. Parece que isso fornece o necessário selo de aprovação.

Depois, temos os pretextos, embora eu não consiga compreender por que se dão esse trabalho. Eu nunca precisei de pretextos para seguir meus impulsos e mostrar a fera que sou. Já

eles precisam, e se agarram a qualquer motivo. Aniversários, casamentos, velórios, a chegada de um novo ano, a partida de uma sogra, a comemoração do aniversário da morte do cavalo preferido de Napoleão — a lista é longa e engenhosa. E já vi garrafas rolaem por nenhum outro motivo além do vislumbre do primeiro cuco do ano. De acordo com minha experiência, porém, não há nenhum pretexto tão transparente quanto a degustação de vinhos, um nítido caso de exageros deploráveis mal disfarçados como boa educação, eis o fato. Mas é melhor que prossigam com a leitura e julguem por si mesmos.



O herói da ocasião era um baixinho de pernas arqueadas e com o bolso cheio de saca-rolhas, conhecido por seus admiradores como Gaston, o Nariz. Ele fornece para muitos dos habitantes da região vinho que alega ser de vinhedos de propriedade da sua família e acessível apenas a poucos privilegiados. Isso sempre cai bem com os proprietários de terras, que costumam acreditar em

qualquer coisa que os lisonjeie; e eles também apreciam seu hábito obsequioso de entregar a encomenda a domicílio, o que faz com que evitem a perigosa viagem de volta depois de algumas horas de libações no vinhedo.

Não sei ao certo como Gaston conseguiu — o suborno não me surpreenderia —, mas um belo dia ele de algum modo convenceu a administração a abrir as portas da nobre residência e proporcionar um local adequado para uma *dégustation extraordinaire*. Amigos foram convidados, com o pontapé inicial ao meio-dia, e não se esqueça de trazer o talão de cheques. É que a idéia principal consistia em deixar a clientela meio tocada e disposta a fazer encomendas extravagantes.

Gaston chegou cedo para preparar o evento. Como eu já disse, ele é um homem pequeno — a não ser pelo nariz, impressionante — e era como observar um jóquei agitado à procura do seu cavalo enquanto ele entrava e saía apressado, para buscar seus tesouros. Ele os dispôs sobre a mesa: fileiras de garrafas, copos de tamanho exagerado, pequenos baldes para cuspir e guardanapos para aqueles com tendência a babar. E então ele manuseou o saca-rolhas de cerimônia e começou a cantarolar consigo mesmo enquanto abria as garrafas. Cada uma era uma pequena maravilha, segundo ele; e ele não parava de correr até a cozinha para agitar rolhas perto do nariz de madame enquanto ela se esforçava ao máximo para organizar o arraçoamento. A outra metade até tirou um intervalo na sua atividade de apontar lápis para dar uma mãozinha, e num piscar de olhos a sala de jantar ficou com a aparência da barraca de alimentos na festa da aldeia.

A sede deve estimular a pontualidade, imagino eu, porque antes do meio-dia os estudiosos da uva já estavam presentes e reunidos. Rostos conhecidos, em sua maioria — Eloise, a pintora com bloqueio de aquarelista; a mulher que cria lesmas mais adiante no vale e seu marido, o bebedor profissional com um problema de gostar de escrever; Angus, o refugiado escocês; Jules e Jim da aldeia; e o especialista britânico Charles, um senhor inglês comerciante de vinhos, perfeito com sua tez rosada de tanto grogue — em outras palavras, um apanhado representativo da escória da sociedade local, todos impacientes pelo primeiro copo do dia.

Fazia calor lá fora, e por isso resolvi ficar à sombra da mesa e aguardar a eventual contribuição vinda lá de cima. Madame vinha se esmerando ao máximo na cozinha, e, entre outros petiscos à disposição, havia patês, salames, presunto, tortas de vários gêneros e queijos. De experiências anteriores, eu sabia que o vinho propicia mãos descuidadas. Os dedos perdem sua capacidade de segurar, e geralmente há uma seleção de delícias para os que ficam à espera. Infelizmente, nada nesta vida deixa de ter seu preço, e nesse caso fui obrigado a ouvir os mais rematados disparates que ouvira desde que desisti do meu confronto com a televisão.

Tudo começou de forma bastante tranqüila, com Gaston falando alvoroçado sobre as normas da *dégustation*, a importância de seguir o procedimento a fim de que o palato seja preparado para apreciar as sutilezas cada vez maiores do sabor, o papel crucial das narinas e mais algumas pérolas de mistificação. A isso seguiu-se um breve silêncio, supostamente enquanto os provadores ali reunidos faziam suas devoções sobre os copos, e então — isso de fato fez com que eu de deitado me sentasse, por imaginar que o estado dos

encanamentos da casa havia piorado — os efeitos sonoros dominaram tudo.

Enxaguar, essa é a palavra. Eles enxaguaram a boca em unísono; gorgolejaram; fizeram ruídos prolongados de sucção. E cuspiram. Eu já soube de crianças que foram mandadas para a cama debaixo de opróbrio por comportamentos muito menos ofensivos à mesa, mas eles pareciam estar extremamente satisfeitos consigo mesmos, com o pequeno Gaston parabenizando-os pelo que chamou de “técnica profissional”. Prestem atenção, ele provavelmente teria dito as mesmas palavras se os convivas tivessem preferido beber nus em pêlo através de um canudinho desde que lhe apresentassem um pedido ao final do dia. Elogios de um vendedor, na minha humilde opinião, são dos cumprimentos menos convincentes nesta vida.

Os sons de sucção continuaram em ritmo acelerado, embora eu percebesse que, com o passar do tempo, o nível de cuspidas sofria uma acentuada redução. E então, após uma sessão especialmente prolongada e ruidosa de estralejares e gargarejos, tivemos o privilégio de ouvir uns comentários ilustres de Charles, o cavalheiro comerciante de vinhos.

— Amora-preta — disse ele —, trufas, especiarias, um traço de estultica, uma complexidade desconcertante, mas — e isso trouxe o teatro abaixo, portanto pode-se dizer que eles haviam bebido além da conta àquela altura — não é um pouco jovem para estar na festa tão tarde?

— *Mais non* — protestou Gaston, empertigando-se ao máximo da altura que tinha, o que não era muita coisa. — Este vinho é deliciosamente precoce. Tem corpo, pernas, envergadura,

vigor, *pedigree*, uma personalidade formidável. Além do mais, tem ambição. — E, com isso, os copos foram novamente abastecidos enquanto os outros especialistas se juntavam ao debate.

Tinha tudo para resultar num bate-boca bem interessante, com o contingente francês cerrando fileiras contra o “milord” inglês. Ele começou a encará-los com superioridade e cometeu o erro de falar das glórias do Bordeaux, o que é claro foi um presente para nosso lado. Jules e Jim lhe perguntaram, com uma boa dose de zombaria, como estava a vindima daquele ano em Wimbledon, e a discussão ia degenerando por um caminho bastante promissor quando Eloise acordou do seu transe.

— O espírito deste vinho — disse ela — é decididamente castanho queimado. Dá para ver. Há uma aura. Os pintores conseguem sentir essas coisas. — Isso, reparem bem, vindo de uma pessoa que ninguém vivo se lembraria de ter visto pôr a mão num pincel.

Com companheiros menos exaltados, é claro que um comentário desses seria enviado como um sinal seguro de embriaguez em terceiro grau, e Eloise teria sido mandada para um quarto escuro com sais aromáticos e um copo d’água. No entanto, por espantoso que seja, os sábios ali reunidos a levaram a sério, e minhas esperanças de uma barulhenta ruptura nas relações internacionais desapareceram enquanto eles se contentavam em discutir a aura dos vinhos. E o que lhes digo.

Por mais estudioso da condição humana que eu seja, existe um limite à quantidade de baboseiras pretensiosas às quais posso prestar atenção, e já estava na hora do meu passeio vespertino. Esse passeio eu geralmente dou na companhia da administração,

mas eles estavam enraizados nas suas cadeiras com sorrisos fixos e vidrados, enquanto a conversa ia ficando cada vez mais sem sentido. Por isso, resolvi deixar que se defendessem sozinhos.

Até que uma expedição solitária me era conveniente porque eu há algum tempo vinha planejando uma visita a uma fazenda vizinha onde residia uma cachorra nova. Eu já a havia visto da trilha da floresta. Uma coisinha encantadora, ela era, pequena mas de proporções perfeitas, e eu já teria aparecido para lhe fazer uma visita antes se a administração não me tivesse arrastado para longe. E assim deixei o grupo de peritos entregue às suas deliberações e saí da casa de mansinho. Uma missão aos vinhedos, pensei, seria a coisa certa para desanuviar a cabeça depois dos rigores intelectuais de uma degustação de vinhos.



O olfato bem informado.

Nessas ocasiões, nada de pressa. Podem me chamar de antiquado, mas não acredito que seja bom chegar para um encontro Ofegante e com a língua de fora. De nada adianta parecer interessado demais. Além disso, eu nunca me apresso quando passo pela floresta para não perder alguma coisa. Prefiro rondar, com

todos os sentidos alertas, senhor da selva e flagelo dos bichinhos que guincham.

Vocês sabem? A floresta muda todos os dias, talvez não para os olhos do homem, mas sem dúvida para o olfato bem-informado. Pode-se sentir o cheiro de onde estiveram cães de caça, se um javali cruzou a trilha, se coelhos estiveram ou não passeando por ali, bem como os traços da passagem de humanos. E por trás de tudo isso, o perfume seco e penetrante das folhas de pinheiro e de ervas silvestres a se misturar, num dia feliz, com o *buquê* de um sanduíche de presunto rançoso deixado por um excursionista de passagem. Cheia de surpresas, a natureza.

Segui caminho numa grande volta em meio às árvores, correndo aqui e acolá conforme os sons e os cheiros exigissem minha atenção, até chegar a um ponto de observação numa colina acima da casa de fazenda. Olhei para baixo, e lá estava minha bela adormecida, amarrada à sombra, roncando delicadamente, a imagem da inocência. Bem, pensei eu, vamos acabar com esse problema, mas me contive por alguns instantes — não por nenhum sentimento romântico ou cavalheiresco, para ser franco, mas para poder me certificar de que não havia à espreita nenhum idiota perigoso portando uma arma.

A barra estava limpa, e eu me aproximei em total silêncio. De perto, ela era menor do que eu havia pensado, mas bem torneada, com um delicioso aroma de frescor e uma barbicha encantadora. Acordei-a com uma focinhada investigadora na traseira. Ela se pôs de pé com um salto, ganiu, me mordeu e se enfiou atrás de um enorme vaso de plantas — todos os sinais, caso vocês não estejam

familiarizados, de atração instantânea. Na realidade são estranhas as expressões do amor.

Nós flertamos. Ou melhor, eu me esforcei o que pude para flertar, e ela afinal começou a entrar no espírito da coisa, mas havia um sério obstáculo. Eu era duas vezes mais alto; e, sem ajuda artificial, não havia meios pelos quais pudéssemos nos relacionar, se é que vocês me entendem. É vital lembrar esse fato, considerando-se os acontecimentos subseqüentes, mas vocês podem acreditar no que digo. A vontade existia; no entanto, considerações práticas interferiram.

Não desisto sem lutar e, ao cair da tarde, eu ainda estava tentando aplicar a lógica ao problema quando o interlúdio terminou em tom dramático. Ah, vocês devem estar pensando, a terra afinal se moveu. Nada disso. Eu estava tão ocupado com o problema que não fazia a menor idéia de que éramos observados até sentir um tremendo chute nas costelas e ouvir os gritos furiosos do dono, que cambaleava de volta para casa vindo da sua aula de bordado para nos encontrar no que ele supôs, com sua mente imunda, ser um flagrante delito.

Não era ocasião para eu me demorar por ali. Retirei-me para meu posto de observação na colina próxima à casa, escondi-me atrás de um arbusto e refleti. Tão perto e, entretanto, tão longe, pensei. Amantes infelizes separados por uma cruel reviravolta do destino, um anseio não saciado e, como se não bastasse para um dia, eu começava a sentir um vazio avassalador, que me lembrou não ter almoçado. Enquanto o crepúsculo se tornava noite, parti na direção de casa, com as lembranças agridoces cedendo lugar à expectativa do que poderia estar à minha espera na cozinha. Não

sou do tipo que definha por amor — pelo menos, não de barriga vazia.

A floresta não é geralmente um lugar movimentado depois que escurece. Por isso, fiquei surpreso ao ver clarões de lanternas à minha frente, na trilha e entre as árvores. Parei. A cautela é tudo quando a gente depara com estranhos à noite. Talvez fossem caçadores, e eu não tinha nenhuma intenção de ser confundido com algo comestível. Os acidentes acontecem de vez em quando, e todos sabem que os caçadores atiram primeiro e pedem desculpas depois, como fizeram com o gato de madame Noiret no outro dia. Ela não se conformou, mas pelo menos dessa vez ninguém pôde pôr a culpa em mim.

Desviei-me da trilha até conseguir chegar a um ponto seguro acima das lanternas, e em meio ao bruxuleio da luz distingi um grupo de pessoas. Vinham atabalhoadamente pelo mato baixo, dando encontrões nas árvores e tropeçando elegantemente em pedras, ou ainda sentando-se com aquele movimento súbito e peculiar provocado pelo fato de as pernas, sem nenhum aviso prévio, não agüentarem mais. Foi quando um deles deu um grito de dor, depois de escolher um lugar pontiagudo para se sentar, que reconheci a voz e, ao me aproximar mais um pouco, vi que era de fato Gaston, o Nariz, com sua alegre turma de especialistas ao redor. A programação do dia incluía obviamente um passeio pela natureza depois da degustação.

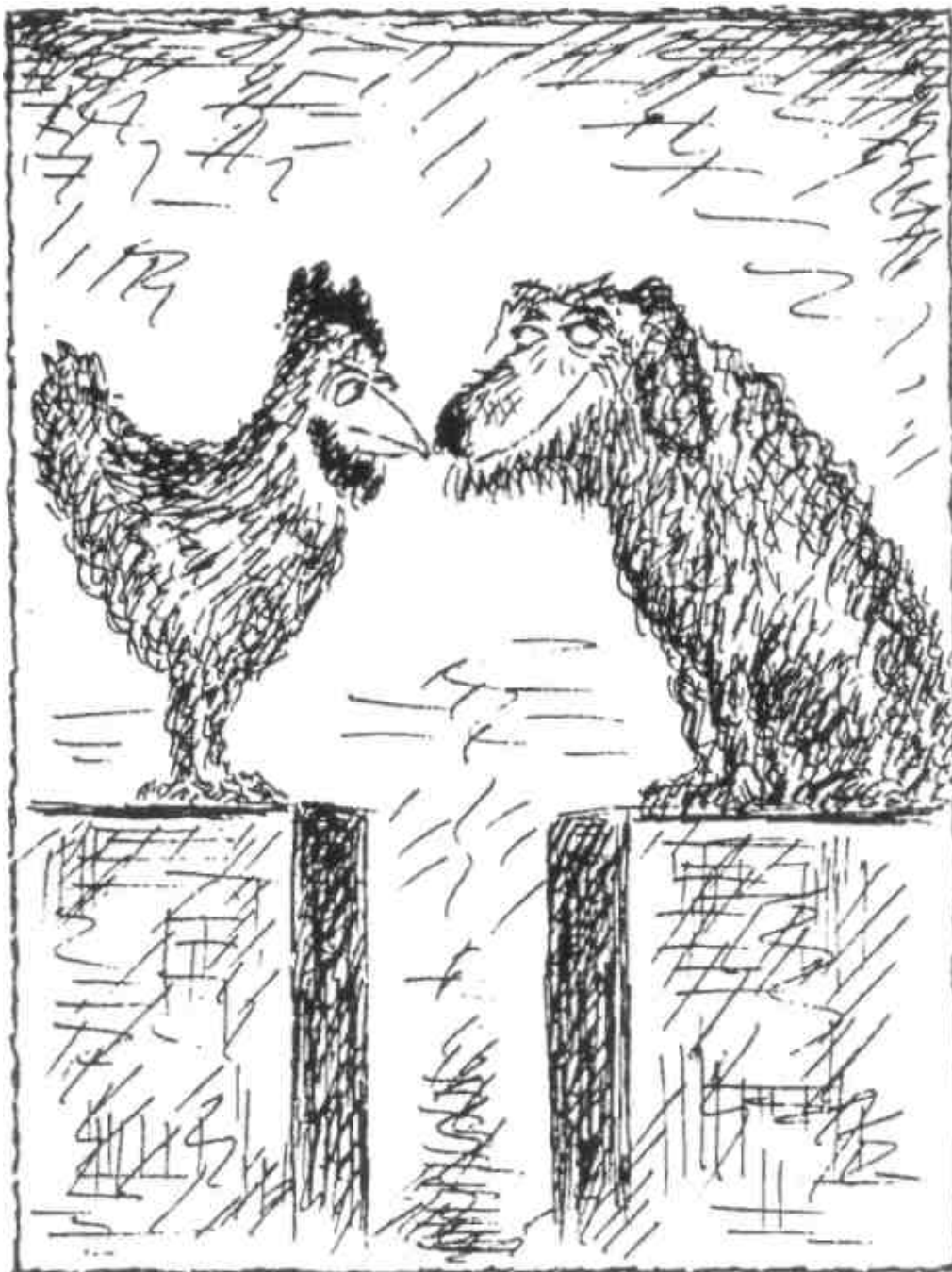
Pensei em me juntar a eles por alguns minutos antes de voltar para casa e fui chegando por trás de Gaston enquanto ele massageava sua contusão. Lati com educação para mostrar que era eu.

Que recepção. Esquecido da sua contusão, Gaston gritou para os outros:

— Macacos me mordam, é Boy; eu o encontrei. Madame vai ficar maravilhada, graças aos céus e aos anjos protetores. — E, em meio a carinhos, arrulhos e emoção geral, percebi que esse era de fato um grupo de busca que saíra à procura deste seu criado. Eles provavelmente ainda estariam lá agora se eu não os tivesse encontrado, mas isso não vem ao caso. Fiquei muito comovido com o interesse, realmente, e me certifiquei de que todos estavam presentes e em bom estado antes de guiá-los de volta a casa.

Madame ficou devidamente maravilhada ao me ver de novo e, depois de alguns momentos de repreensões não muito sérias, o jantar foi servido. E muito bom ele foi, também, com o prêmio de um pouco de frango ao Marsala (que aprecio muito) como um auxílio para minha recuperação ao final de um dia difícil. E seria de pensar que a isso se seguiria um mergulho na cesta e o apagar das luzes.

Não foi o que aconteceu, e aqui volto aos meus comentários iniciais sobre a necessidade de um pretexto, por mais impalpável que fosse, para a bebida. Meu retorno são e salvo de horrores inomináveis foi tratado como motivo para comemoração, e não é que os valentes degustadores atacaram as garrafas de novo, com o pequeno Gaston assumindo o comando, saca-rolhas em riste, e o resto deles acotovelando-se em volta como camelos depois de um mês no Saara? A última coisa que me lembro de ter ouvido antes de adormecer debaixo da mesa foi que o rosé não agüenta viagens, mas eu não ia levar isso muito a sério. Os bons agüentam.



Tortura pela galinha

HÁ MANHÃS MÁGICAS na vida quando o sol toca o alto das árvores, perpassa um frescor no ar e orvalho sob os pés, todas as perspectivas são agradáveis e cada criatura tem uma sensação

especial de bem-estar. Fica-se brincalhão, se sabem o que quero dizer, e pronto para o ataque. Em manhãs como essa, com o sangue correndo nas veias, gosto de dar uma volta pelo vinhedo na esperança de encontrar alguma coisa pequena e pouco importante para aterrorizar. Ouvi falar que isso ocorre com frequência nos corredores de grandes corporações no mundo dos negócios quando o presidente dá uma circulada na empresa, à procura de vice-presidentes e executivos relapsos, e geralmente se torna inebriado com o seu poder. Aliás, é o mesmo princípio, só que, no meu caso, fico à procura de pêlo e penas em vez de ternos escuros.

A vinha estava fresca e úmida. Os túneis verdes à altura da cabeça se estendiam pelo morro afora e, pelo menos dessa vez, nenhum caçador à vista. Nunca tive muito tempo para dedicar a caçadores, como vocês sabem, principalmente porque sua falta de discrição estraga tudo para os restantes de nós. Um único caçador à espreita ao andar na ponta dos pés pelos campos faz barulho suficiente para apavorar qualquer criatura viva daqui até o outro lado da montanha. Só Deus sabe como os que passam o inverno hibernando têm um minuto de paz com todo o barulho de passadas e xingamentos. Talvez nossos amigos hibernadores estejam ficando cada vez mais surdos. É maravilhoso como a natureza se adapta à transformação das circunstâncias.

Enquanto essa idéia profunda me ocorria, vi um grupo de galinhas no final dos vinhedos e parei por um instante para refletir um pouco mais sobre o processo evolutivo. Aqui temos uma ave com asas que é incapaz de um vôo prolongado e cujos únicos talentos são o cacarejo e a postura indiscriminada de ovos. Estranho, quando se pensa nisso. E com esse tom de perplexidade,

deixei as reflexões de lado e me tornei a fera predadora, movimentando-me como um fantasma na direção das minhas futuras vítimas.

Deviam ser quatro ou cinco. E estavam ciscando a terra e movimentando a cabeça para cima e para baixo — na realidade, de modo não diferente de seres humanos dominados pelo impulso de dançar — quando saltei do esconderijo e caí sobre a que parecia a mais velha e mais lenta do grupo.

Lá se foi ela com as outras, demonstrando uma velocidade surpreendente no *starting-gate*, com gritos esganiçados e queixas como se eu já estivesse com meus dentes grudados nas suas partes vitais, e então saímos das vinhas em plena corrida. Imagino que, se a questão proposta é a de correr mais ou ter a cabeça arrancada a mordidas, isso costuma proporcionar esse ímpeto adicional. Tudo que posso dizer é que aquelas galinhas estavam cobrindo o terreno como puros-sangues, e eu ainda estava alguns metros atrás quando elas se enfiaram por um arco de pedra para dentro do quintal de uma fazenda caindo aos pedaços. Agora eram minhas, pensei. Uma galinha num local confinado é uma galinha com problemas. E assim, como a velocidade não era mais essencial, entrei lampeiro atrás delas resolvido a fazer minha escolha para o dia.

Nunca conte com o ovo, acredito que Voltaire costumava dizer — e como ele estava certo! Lá estavam elas, de fato, mas também havia um cara antipático parado junto a uma pilha de lenha, com a serra elétrica na mão, um brilho furioso nos olhos, a pele cor de beterraba, capuz de pano e botas. Reconheci o tipo da minha juventude, uma advertência viva para os perigos da consangüinidade e de um excesso de vinho tinto no café da manhã.

O que me espanta é que as autoridades lhes permitem que andem em liberdade, mas é isso aí.



Assumi um ar despreocupado.

Assumi um ar despreocupado, como se estivesse dando um passeio inocente sem nenhuma intenção de molestar sua preciosa galinha chocadeira, e o cumprimentei. Ele me lançou um olhar irado e observou a velha galinha, que, caída num canto do pátio, parecia estar tendo alguma dificuldade para respirar. As galinhas não foram projetadas para corridas de velocidade, sabem? E o esforço e a emoção haviam nitidamente causado seus estragos.

Bem, quase dava para ouvir as engrenagens funcionando no cérebro do homem enquanto ele se esforçava para analisar a situação. Finalmente deu o salto mental necessário para concluir que poderia haver uma relação de causa e efeito entre minha presença e a galinha em estado de exaustão, largou a serra elétrica e apanhou a acha mais próxima. Nunca sou lento para captar uma indireta e dei uma súbita meia-volta, dirigindo-me às vinhas. Quando parei para olhar para trás, ele estava ereto na entrada do quintal, a me

observar, com a acha na mão e, suspeito eu, pensamentos nada gentis na cabeça.

Tomei nota mentalmente para, no futuro, manter uma distância segura entre nós.

Podem imaginar meu alarme naquela noite, quando houve batidas fortes à nossa porta — e quem estava parado na soleira, com ar tempestuoso, se não o férreo guardião das galinhas? Ele veio conversar com a administração e, a partir das formalidades iniciais, não parecia ser uma visita de cunho social.

No entanto, para dar crédito a quem merece, a administração fez o possível para ser simpática, convidando-o para entrar, oferecendo-lhe um drinque e fingindo ignorar a trilha de lama, palha e esterco que ele deixava no chão. Eu tive o tato de ficar fora do seu alcance visual, na cozinha, com as orelhas baixas mas prestando atenção.

Foram feitas as apresentações, e Roussel, como ele se chamava, mergulhou na sua dolorosa história. Na manhã daquele dia, contou ele, havia sofrido a dolorosa perda da sua galinha mais produtiva — uma galinha, além disso, que ele havia criado desde o ovo até a esplêndida maturidade e à qual se tornara muito ligado; uma galinha de raro caráter e afetuosa disposição, uma verdadeira rainha entre as demais. Esse espécime raro havia esticado as canelas em consequência de um ataque do coração. Roussel fungou um pouco no copo de bebida para que apreciássemos a plena tragédia da sua perda.

A administração emitiu sons educados demonstrando choque e horror, mas eu sabia que eles não tinham a menor idéia do motivo

pelo qual estavam sendo incluídos no velório. É claro que eu previa o que estava para vir, e não demorou muito.

Roussel permitiu que insistissem para que aceitasse mais um drinque, conteve as lágrimas como um homem e foi direto ao ponto. O ataque do coração que havia interrompido a vida de uma das mais nobres realizações da natureza fora causado por excesso de esforço, disse ele, quando ela tentava escapar das presas impiedosas de um cão selvagem, sem treinamento. Cachorro que, infelizmente, morava nesta casa. *Beh oui*. Exatamente nesta casa.



A plena tragédia da sua perda.

Recuei mais para o fundo da cozinha ao perceber o que ele queria. A administração, de modo muito acertado, na minha opinião, pediu a Roussel alguma prova. Afinal de contas, disseram eles, havia dezenas de cães no vale, a maioria deles com ficha criminal por um

delito ou outro. O que o deixava tão seguro de que o dedo da suspeita estava apontado para a direção certa?

— Ah — acusou Roussel, inclinando-se para a frente e movimentando violentamente as sobrancelhas —, é que eu vi esse cachorro no meu próprio quintal. Posso descrevê-lo para vocês. — O que passou a fazer, e devo confessar que a experiência de ouvir um velho mentiroso, vingativo e parcial denegrindo meu caráter e fazendo comentários depreciativos sobre minha aparência física não foi uma situação pela qual eu queira passar outra vez. Ele era de um exagero sem disfarces, além de tudo o mais, e alegou que me viu com um bocado de penas na boca na manhã em questão. Por que não acrescentou logo garfo, faca e guardanapo já que estava com a mão na massa, pensei. E tenho certeza de que teria mencionado esses itens se eles lhe tivessem ocorrido. Foi nada mais nada menos do que um perjúrio descarado, e eu não pude acreditar que ele saísse impune.

Sabem de uma coisa? Ele saiu. A administração engoliu tudo, com eventuais expressões de horror de madame, e a outra metade ficou num senta-e-levanta a cada cinco minutos com a garrafa conciliadora. Aos meus olhos, uma cena repugnante. Eles deveriam tê-lo expulsado da casa.

Em vez disso — é difícil acreditar, mas é verdade —, acabaram reembolsando-o pela perda da sua velha galinha, que era o que ele queria desde o início, tenho certeza. E, quando finalmente pôs o boné na cabeça para ir embora, os três tagarelavam como amigos do peito. E assim tudo deveria ter acabado, com uma leve censura a este seu criado e nenhum rancor. Mas não.

Fortalecido pela bebida e tornado expansivo, sem dúvida, por um súbito aporte de dinheiro ao bolso, Roussel parou à porta e fez uma sugestão que me congelou o sangue nas veias.

— Seu cachorro — disse ele — poderia ser treinado para cuidar de galinhas. Existe um método que nunca falha; e como vocês foram tão compreensivos nesta minha hora de dor, será um prazer ensiná-lo.

Há momentos na vida em que se vêem a vingança e a catástrofe vindo de longe e não se pode fazer nada para evitá-las. Eu tentei tudo — todo o repertório de agrados, manqueei desajeitado, tive um acesso de tosse, tremedeiras debaixo da cama — em vão. A administração fora levada pelo velho sádico a acreditar que ele estava interessado em contribuir para beneficiar a minha formação. Considerei, no entanto, o problema muito claro: um generoso acordo financeiro não era suficiente; ele queria vingança. Ouvi dizer a mesma coisa sobre os divórcios.

A manhã do dia seguinte estava, apropriadamente, nublada e cinzenta enquanto eu era arrastado pelos campos para a academia de treinamento do Roussel e entregue nas mãos do meu professor. Ele disse à administração que voltasse dentro de uma hora, quando, ao que afirmou, encontrariam um cão mudado, livre de todos os hábitos nocivos e curado para sempre do vício de perseguir galinhas. E vocês sabem de uma coisa? Eles chegaram a agradecer. É difícil acreditar, não é? Pérolas raras, a administração, mas eu às vezes me pergunto se têm alguma competência na questão de avaliar um caráter.

Roussel me levou para dentro de um galpão e fechou a porta. Lembrei-me imediatamente do meu primeiro lar, até mesmo o

chão enlameado e os acessórios decorativos. Era um local apinhado e imundo, coalhado de bens da família — baldes enferrujados, uma bicicleta antiqüíssima, sacos em apodrecimento, barris partidos e uma variedade de implementos pré-históricos que Roussel estava obviamente guardando para dar aos seus netos agradecidos. Dei uma olhada geral à procura de possíveis meios de fuga e me descobri hipnotizado pela visão da velha galinha de ontem, agora em estado muito pior, esticada numa mesa de lata. Sua cabeça, com as barbelas murchas, estava pendurada numa das bordas, e um olho sem vida se fixava em mim, lamentoso. Uma cena mórbida, vocês poderiam dizer, e era mesmo, mas eu não conseguia entender por que ela estava ali e não sendo cozinhada em paz num fogão. Mesmo as velhas são bem saborosas se as cozemos por tempo suficiente, sabiam?

Roussel a apanhou pelas pernas e a balançou para a frente e para trás — não demonstrando nenhum respeito pela dileta falecida, lembro-me de ter pensado — e depois se aproximou e segurou a defunta na minha direção para que eu a inspecionasse. Mais por cortesia do que por verdadeiro interesse, inclinei-me para a frente a fim de olhar de perto, instante em que ele a girou para o alto e por pouco não conseguiu acertar um golpe direto na minha cabeça. Na realidade, o bico apenas me picou o focinho enquanto eu recuava — mas como doeu.

Foi então que eu compreendi a natureza da aula. Na sua mente simplória, Roussel esperava que alguns golpes com um instrumento cego cheio de penas iriam superar instintos que se tinham desenvolvido ao longo de gerações. Um esforço vão, é claro, mas ele não queria saber disso, e veio me perseguir de novo,

agitando a galinha no ar, enquanto eu me desviava e protegia a cabeça na medida do possível. Para avaliar a estupidez do homem, basta dizer que ele levou um tempo considerável para perceber que eu seria um alvo mais fácil se estivesse amarrado.

Houve um intervalo prolongado nas hostilidades enquanto ele esquadrinhava o galpão à procura de uma corrente ou de uma corda, ficando cada vez mais mal-humorado conforme ia pesquisando entre as relíquias. Quanto a mim, eu me mantinha o mais distante que o espaço permitia. Finalmente, ele deve ter se lembrado de onde guardava seu estoque de barbantes — provavelmente num cofre debaixo da cama — e saiu do galpão, a resmungar horrivelmente, fechando a porta e me deixando a sós com a galinha morta.

Situações desesperadoras exigem soluções desesperadas. Talvez vocês se lembrem de eu ter dito que o galpão tinha o piso cheio de lama, e eu aproveitei a ausência de Roussel para cavar no canto até fazer uma cova de tamanho suficiente para esconder a galinha inteira, exceto por uma perna obstinada, que se recusava a ficar na posição certa. O *rigor mortis* se havia instalado, creio eu, ou talvez a escassez de tempo tivesse me impedido de cavar na profundidade suficiente. Seja lá como for, não havia nenhum problema porque eu me sentei no túmulo para ocultar o membro saliente, e foi assim que Roussel me encontrou ao voltar com um pedaço de corda.

Havia uma falha no meu plano, que os mais atentos de vocês provavelmente já terão percebido, e ela surgiu quando Roussel se aproximou para me amarrar. Eu saí do canto para que ele não me alcançasse, e a perna ereta da galinha ficou plenamente visível.

Eu gostaria que vocês tivessem visto a expressão no rosto dele, mas vou lhes poupar os impropérios. Basta dizer que ele ficou perplexo. Largando a corda, ajoelhou-se para desenterrar o cadáver, a fim de que a aula pudesse continuar. Roussel escarafunchando a terra, com o traseiro voltado para a porta, foi o quadro com que a administração se deparou quando chegou para me apanhar.

Não fiquei para presenciar o resto. Assim que a porta se abriu, eu já estava fora, atravessando os campos de volta para casa, com nada mais a mostrar da experiência a não ser um ferimento superficial no focinho. Quando a administração voltou, tudo foi perdoado, como geralmente acontece, e tenho o prazer de dizer que a florescente vida social com Roussel parece ter chegado a um final súbito. De vez em quando eu o vejo no horizonte, e ele atira uma pedra na minha direção, recordando os velhos tempos, mas a pontaria não é seu ponto forte.

Será que eu aprendi alguma coisa com isso tudo? Sem dúvida. Nunca se aproxime de um homem armado com uma galinha morta. Há algo semelhante num pequeno livro chamado *A arte da guerra*, sobre como evitar o conflito com forças superiores. Sun Tzu é o autor, caso vocês se interessem.



A alegria das bolas

UM AMIGO DA FAMÍLIA que de vez em quando se abate sobre nós é uma das poucas pessoas que conheço que compartilha comigo o hábito de relaxar debaixo da mesa de jantar. Não lhe agrada a rígida

formalidade da cadeira e das relações sociais educadas. Sabe-se que vez por outra, depois de comer, ele escorrega delicadamente para se juntar a mim, e nós nos unimos. Vocês podem achar difícil acreditar, mas existem fotografias comprovantes. Ele sustenta que isso ajuda sua digestão, embora eu ache que é mais relacionado com o anseio por uma companhia tranqüila e serena depois dos embates verbais que ocorrem no convés superior. Seja como for, ele é uma alma irmã.

Acontece que é também algum tipo de autoridade no mundo do tênis britânico — gandula-chefe no Queen's Club, talvez, ou possivelmente alto executivo no ramo do fornecimento de refeições. Não sei ao certo. Seja ela qual for, sua posição lhe permite acesso aos níveis mais altos do Queen's Tournament, que se realiza anualmente. Ele anda ombro a ombro com jogadores e com a realeza; além de ter permissão para usar o toailete VIP, o que é aparentemente uma honra reservada a poucos afortunados. Tudo isso eu soube certo dia, durante uma longa sessão debaixo da mesa após o almoço.

Como já posso ter mencionado, gosto de ter alguma coisa para mastigar quando me dá vontade, de preferência algo vivo, mas isso envolve primeiro a captura e, por algum motivo, não gera grande simpatia na administração. Assim, *faute de mieux*, eu geralmente tenho de me contentar com algum objeto inanimado como, por exemplo, uma bengala, o cobertor da Labrador ou o sapato de um hóspede. Opções sem graça, em sua maior parte, apesar de eu uma vez ter conseguido agarrar o ursinho de uma criança. A luta não foi muito difícil, devo confessar, e houve recriminações lacrimosas sobre os restos, muita choradeira e ranger

de dentes, seguidos de confinamento solitário para o vencedor. Além disso, o enchimento me deu um ataque bilioso. Hoje em dia tudo é feito de fibras artificiais que, posso lhes garantir, são altamente indigestas. Se vocês já comeram lula num restaurante italiano barato, sabem do que estou falando.



Gosto de ter alguma coisa para mastigar quando me dá vontade.

Foi pouco depois do incidente com o ursinho que me deram a primeira bola de tênis, e eu me apeguei a ela imediatamente. Redonda, elástica e pequena o suficiente para eu carregar num lado da boca enquanto posso latir com o outro lado, ela foi minha companheira constante durante semanas. Vocês podem imaginar minha mágoa, portanto, quando o refugiado do Queen's chegou um dia, deu uma olhada na minha bola e zombou.



Não está à altura das normas de um campeonato.

— Não corresponde às normas de um campeonato — disse ele. — Além do mais, está careca, suja e fora de forma. — Bem, podia-se dizer o mesmo de um bom número de convidados que eu havia visto chegar e partir, mas não sou dado a insultos gratuitos. A boa vontade para com todos os homens é minha norma na vida, desde que eles se revelem úteis trazendo biscoitos.

Eu estava mais ou menos recuperado dos comentários depreciativos sobre meu equipamento de recreação quando, imaginem vocês, chegou a casa uma caixa volumosa, endereçada a mim. Isso foi raro o suficiente para que o carteiro entrasse e a entregasse em mãos, acompanhando a entrega com observações jocosas e totalmente desnecessárias quanto à minha incapacidade para assinar. Enquanto ele se felicitava pela fraca piada, aproveitei a oportunidade para erguer minha pata sobre uma bolsa cheia de correspondência a ser entregue que ele havia deixado lá fora, diante da porta. A vingança molha.

Voltei para encontrar a caixa aberta e a administração examinando uma carta que descrevia o pedigree do conteúdo. Eram

bolas de tênis às dúzias, praticamente virgens e com densas cabeleiras de brilhante pêlo amarelo. Mas não eram simples peças de rotina. De acordo com a carta, eram bolas de tremenda importância e fama, já tendo aparecido na televisão. Haviam sido usadas nas finais masculinas do Queen's Tournament e recolhidas, ainda quentinhas do esforço vigoroso, pelo nosso homem no campo e enviadas para meu uso pessoal.

Para começar, eu simplesmente me sentei e olhei para elas, babando. Depois de me ver limitado a uma única bola, uma caixa inteira me dava a deliciosa sensação de súbita prosperidade. Os políticos franceses devem ter uma sensação semelhante quando eleitos para altos cargos, com permissão para aproveitar à vontade os *châteaux*, as *limousines* e o caviar pago pelo governo. Não é de surpreender que continuem agarrados ao poder muito depois da hora em que deveriam ser recolhidos em asilos para idosos. Eu agiria da mesma forma.

Estava examinando as bolas antes de selecionar minha companheira para o dia quando me dei conta de uma diferença interessante nas mensagens que elas mandavam ao olfato. Se vocês um dia já assistiram a uma partida de tênis — estou certo de que algumas pessoas assistem quando não encontram nada melhor para se divertir —, terão percebido que os tenistas sempre guardam algumas bolas de reserva no bolso do short. Nesse local sombrio e superaquecido, ocorre algum tipo de osmose, e as bolas assumem a personalidade da coxa atlética e suarenta. E, se vocês por acaso possuírem olfato sensível e altamente sintonizado, como o meu, é possível que identifiquem o dono da coxa — não pelo nome, naturalmente, mas pelo lugar de origem.



Apliquei as faculdades dedutivas.

Apliquei as faculdades dedutivas e pude dividir as bolas em dois grupos. À esquerda, estava o Velho Mundo — complexo, maduro, com um longo refinamento teutônico e um leve traço de cerveja sem álcool. À direita, um nítido sinal do Continente Negro, quente e cheio de poeira, com o frescor penetrante das altas savanas. Ora, como já disse, não posso dar nomes; mas, se vocês examinarem os registros, creio que descobrirão que os finalistas naquele ano eram um alemão e um sul-africano. Vantagem, para *moi*. Fascinante, não é?

E esse, na minha respeitada opinião, é um dos poucos aspectos interessantes do tênis. Como em grande parte do que se passa no esporte, um princípio básico não foi bem compreendido. A essência de qualquer jogo, na minha opinião, consiste em obter a posse da bola e descobrir um canto tranqüilo onde se possa destruí-la em paz. Mas o que fazem essas pessoas extremamente bem pagas e vestidas em cores medonhas? Elas batem na bola, chutam,

atiram, fazem-na quicar, enfiam-na numa cesta, num buraco, e geralmente portam-se como palhaços com ela. Depois eles se beijam e se dão tapinhas ou têm um ataque de nervos e vão ficar amuados num canto. Homens e mulheres, adultos, é o que são, embora nunca se possa imaginar isso. Conheci crianças de cinco anos com um controle melhor sobre si mesmas.

No entanto, não quero que vocês pensem que sou totalmente desprovido de instintos esportivos. Minha versão de "apanhe a bola", por exemplo, me proporciona horas de diversão inocente e mantém os adultos participantes longe do bar e de encrencas. Além disso, eu sempre ganho, que é como deve ser.

Para começar, escolho um ponto elevado. Poderia ser o alto de um lance de escadas, um muro, a parte mais rasa da piscina — qualquer lugar que me dê uma vantagem de altura. A escada é a melhor opção em virtude do acréscimo de benefícios cardiovasculares, mas num minuto eu chego lá.

Assumo minha posição, com a bola na boca, e me estendo no chão com a cabeça baixa, no estilo do abutre que contempla a morte iminente da sua primeira refeição do dia. Mais cedo ou mais tarde, essa pose imóvel e bastante incomum atrai a atenção. "O que é que Boy está fazendo?", dizem eles, ou "Será que ele vai vomitar?" Tendo voltado para mim os olhos da platéia reunida, eu abro lentamente a boca e deixo que a bola quique livremente. Lá vai ela descendo a escada, muro abaixo ou para a parte funda da piscina. Eu permaneço perfeitamente imóvel, sem piscar, com os olhos fixos na bola. E um momento de expectativa e determinação.



É um momento de expectativa e determinação.

A expectativa dura até que alguém tenha o bom senso de captar o objetivo do jogo, que consiste em recuperar a bola e devolvê-la. Se os espectadores forem especialmente obtusos — e podem acreditar que já encontrei alguns que me pareciam desprovidos de cérebro —, posso ter de dar um curto latido para indicar que o jogo começou. A bola é apanhada, trazida de volta e entregue a mim. Eu dou aos jogadores um minuto ou dois para se acomodarem e se recuperarem da emoção, e em seguida repito o processo.

Mencionei escadas anteriormente. Elas têm a dupla atração do barulho e do saudável esforço físico, em comparação com o habitual programa das visitas, de flexão de cotovelos e exercício de levantamento de pesos com o garfo e a faca. A bola que cai produz múltiplos sons ao quicar, e quem a apanha precisa subir a escada para devolvê-la. Como qualquer médico lhes dirá, isso é muito benéfico para as pernas e os pulmões.

Admito, porém, que houve dias em que não me saí bem nesses lançamentos longos. As bolas podem quicar de modo infeliz,

como todos nós sabemos, e às vezes se perdem no mato. Ou, com maior frequência, os espectadores se envolvem demais com os comes-e-bebes para prestar atenção. Segue-se um exemplo inspirador, creio eu, da dedicação e da vontade de vencer, enfrentando todos os obstáculos.

Era uma daquelas noites em que nada que eu fizesse conseguia interromper a *happy hour*. Eu me abaixava, deixava a bola cair, latia; e mesmo assim a folia continuava. Sofri até mesmo a ignomínia de ter de ir buscar a bola sozinho — que, como lhes dirá qualquer um dos integrantes do mundo do tênis, é um destino pior do que ter de pagar as raquetes do próprio bolso. No entanto, em vez de explodir em lágrimas e chamar meu agente, como a maioria *deles* faria, recorri ao meu lançamento curto.

Os convidados ali reunidos — deviam ter sido oito ou dez, em vários estágios de incoerência — estavam todos sentados em torno de uma mesa de centro, queixando-se amargamente das agruras da vida enquanto caíam em cima dos *hors d'oeuvres* e exibiam seus copos vazios para mais uma rodada. Nenhum deles percebeu minha presença enquanto eu me esgueirava, como um espectro, em meio à floresta de braços e pernas até a mesinha.

E então — num *smash* do alto — deixei a bola cair na tigela de *tapenade*, que, como vocês podem saber, é uma pasta negra e oleosa feita de azeitonas. Ela costuma respingar de um modo extremamente satisfatório, e os que estavam nas proximidades ficaram cobertos de manchinhas negras.

Podia-se ouvir a perplexidade geral. Valeu perfeitamente o castigo que se seguiu; e até hoje, sempre que apanho minha bola preferida, sou encarado com o prudente respeito que se deve a um

campeão. Por sinal, se vocês nunca experimentaram uma bola de tênis com sabor de *tapenade*, posso recomendar a iguaria. Receitas a pedido.



A garota da vizinhança

NÃO FICO EMBARAÇADO COM FACILIDADE. Sinto-me à vontade em salas apinhadas de gente, na presença de estranhos e gosto de pensar

que tenho uma atitude modesta e elegante diante de elogios, com uma exceção.

“Olhem só para o Boy. Ele parece fazer parte da família.” Já ouvi essa frase idiota no mínimo umas cem vezes, e ela nunca deixa de me causar repulsa. A pergunta que faço a mim mesmo é com qual dos dois. Não pode ser com madame, em virtude da diferença de sexo, por isso suponho que eu esteja sendo comparado à outra metade. E se alguém considerar isso um elogio, é porque escolheram o cachorro errado. A outra metade é um sujeito admirável sob muitos aspectos, um príncipe entre os caminantes, e tem a mão generosa na hora da ração. No entanto, ele seria o primeiro a admitir que é míope, não tem pêlos no rosto, que sua coordenação é fraca, é um incompetente em relação a coelhos e é dado a prolongados acessos de ócio. Tenho certeza de que vocês me conhecem o bastante a esta altura para compreender minha falta de entusiasmo por essa comparação.

Ressalve-se que há algo a ser dito em defesa da teoria de que certas pessoas e certos cães têm os mesmos defeitos de personalidade, e até mesmo a eventual característica física. Disso eu me dei conta há não muito tempo quando recebemos Sven, o diminuto sueco, e seu repulsivo *corgi*, Ingmar. Eu deveria acrescentar aqui, antes que alguém da Liga Sueca Contra a Difamação se melindre, que, quanto aos suecos em geral, não lhes sou avesso: um povo abertamente simpático e que prepara um bom sanduíche sem cobertura.

Sven, no entanto, é um monstro total, menos no tamanho: agressivo, ditatorial, presunçoso, barulhento e arrogante. Ele também tem as pernas muito pequenas e um jeito de andar

empertigado. Ora, os mais observadores de vocês terão percebido que essa descrição, desde a agressividade ao andar empertigado, poderia ser facilmente aplicada ao *corgi*, que todos nós sabemos ter sido um dos esforços perdidos da natureza. E foi realmente fantástico ver a semelhança entre os dois, Sven e Ingmar, latindo em uníssono e dando pulinhos afetados. A outra metade deve ter tido a mesma percepção porque, quando apareceu com uma vodca hospitaleira numa das mãos e um biscoito em forma de osso na outra, houve um instante de confusão antes que ele decidisse quem ia ficar com o quê.

Mas estou fugindo ao ponto. O que eu ia lhes contar pode não ser nenhuma surpresa, já que vocês talvez tenham adivinhado que eu detesto a maioria dos cães que funcionam muito perto do chão. Não vou negar. Eles entram debaixo dos pés da gente e têm uma propensão a dar dentadas, mas sempre há uma exceção. E eu descobri que meus pensamentos se voltavam com uma frequência cada vez maior para aquela perolazinha tímida que conhecera recentemente, a garota da vizinhança com sua barbicha. Ao longo das semanas que se seguiram, eu fugia sorrateiro sempre que se apresentava uma oportunidade, na esperança de podermos encontrar uma solução para nosso problema inicial. O percurso do verdadeiro amor costuma ser juncado de obstáculos, como o pequinês descobriu quando criou um vínculo romântico com uma almofada; mas eu tinha convicção de que a engenhosidade acabaria por triunfar.

Os generais e os assaltantes matreiros irão dizer sempre que o reconhecimento é o segredo do sucesso; e eu passei muitas horas atrás do arbusto acima da casa da fazenda, observando as

atividades e esperando pelo *moment juste*. A mesma rotina era cumprida todas as manhãs, com a dona da casa levando minha prometida — Fifine era seu nome, se ouvi certo — para um decoroso passeio no campo antes de amarrá-la à porta dos fundos. Resolvi testar a defesa um dia, e soltei um pungente chamado de amor do meu lugar atrás do arbusto. Fifine ficou com as orelhas em pé, e me pareceu que ela mandou um beijo mais ou menos na minha direção, mas eu mal estava na metade do caminho ladeira abaixo quando a porta se abriu e surgiu uma visão de perversidade, brandindo uma faca de carne e rosnando.

Assim continuaram as coisas, com minhas investidas na direção de Fifine invariavelmente frustradas pela velha bruxa na cozinha, e então aconteceu algo que amorteceu meu ardor e me fez pensar que eu talvez pudesse ter mais sorte em outra freguesia. Era a hora do aperitivo, quando o proprietário tinha o hábito de descansar da labuta com um copo à sombra de uma árvore. Eventualmente, ele soltava Fifine da corda, e os dois ficavam contemplando o pôr-do-sol juntos, embora eu nunca vá compreender por que ela preferia ficar aos pés dele quando eu estava disponível. Não há como explicar o comportamento feminino. Sou toda sua numa hora, e mantenha-se à distância no instante seguinte. Essa é a minha experiência. Dizem que tem algo a ver com a lua.

Seja como for, lá estavam os dois debaixo da árvore quando quem me aparece pela porta dos fundos a não ser o professor Roussel, da academia de galinhas? Vinha acompanhado de um cachorro que parecia descender de uma longa linhagem de roedores: robusto, de pernas curtas, focinho estreito e totalmente

desprovido de beleza. Vocês já viram a peça em cartazes da vacinação contra a raiva. Era óbvio que se conheciam, pois os dois homens se acomodaram com uma garrafa enquanto Fifine e o gorducho brincavam na grama. Só isso já foi um golpe, mas o pior estava por vir.

Os dois homens mamavam na garrafa, absortos na conversa, e não perceberam o que eu vi nitidamente. Fifine, que estava mostrando todos os sinais de ser uma garotinha assanhada, começou a atrair seu companheiro para longe da árvore e para o outro lado da casa. Ela investia contra ele, saltava por cima dele (o que não era difícil), rolava de costas e depois fugia correndo. Provocação descarada de natureza sexual, não há outra forma de descrever tal comportamento. Seria o mesmo se ela o tivesse agarrado pela nuca e arrastado dali. Considerei a cena profundamente ofensiva, mas vocês sabem como é quando alguma coisa horrível, mas fascinante, está ocorrendo. A gente simplesmente não consegue parar de olhar.



Sonhos despedaçados.

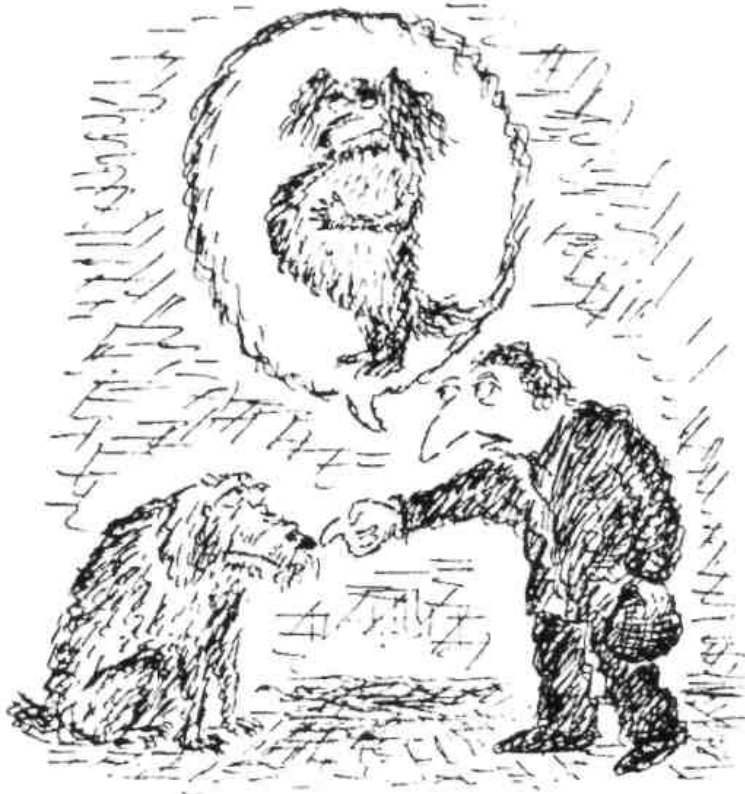
O tato me obriga a ocultar o que vi em seguida. Basta dizer que Fifine fez o que quis com ele atrás de uma roseira antes de voltar para os pés do seu amo, com a aparência de uma senhorita bem-comportada depois de uma extenuante partida de croqué. Com meus sonhos despedaçados, o coração partido, triste e perturbado, voltei para casa. Felizmente, encontrei o lugar onde a velha Labrador havia enterrado um osso com tutano, de modo que o dia não foi totalmente perdido. Mesmo assim, tratou-se de um revés sentimental, que confirmou todas as minhas impressões sobre os cães de patas curtas. Escravos da gratificação instantânea, se vocês querem saber, além de muito carentes de discernimento. Risquei Fifine da minha lista de interesses futuros e resolvi encontrar uma companheira mais adequada, talvez uma das irmãs Doberman que vejo nas manhãs de domingo na floresta, ou quem sabe as duas? Não sou egoísta.

Já eram meados do outono quando fui lembrado de Fifine, e ainda por cima com uma recordação extremamente desagradável. Pelo menos daquela vez, a noite ficara livre de compromissos sociais, e estávamos *en famille*. A lareira acesa, o jantar chegando aos preparativos finais na cozinha, as duas velhas cadelas respirando levemente nas suas cestas, quando se ouviu uma batida na porta. A administração não aprecia interrupções inesperadas como essa na hora de comer, e sempre há uma relutância considerável em receber o visitante desconhecido. Madame leva os olhos aos céus, a outra metade pragueja, e eu já soube de os dois irem se esconder no quarto, fingindo que não estão em casa. Mas as batidas continuaram, e a outra metade foi despachada para mandar o intruso embora.

Ele fracassou completamente, como costuma acontecer. Receio que lhe falte o instinto assassino à soleira da porta. Muitas vezes já me ocorreu ensiná-lo a morder. Quando ele ressurgiu, foi trazendo a reboque uma figura mirrada: o proprietário de Fifine, com o boné na mão e a expressão enfarruscada ao me ver deitado junto à lareira.

Mal ele se havia apresentado como Monsieur Poilu e já entrou num estado de fúria, agitando o boné na minha direção e exibindo a atuação dramática de um homem profundamente lesado.

— Minha querida Fifine, que é como uma filha para mim, já que madame e eu não fomos abençoados com filhos, foi conspurcada, violada, teve sua inocência roubada. Ela está esperando filhotes, e eu vejo nesta sala o canalha enlouquecido pelo desejo que é responsável. — Caso não estivesse sendo claro, ele se aproximou e apontou para mim, com o dedo trêmulo de emoção enquanto continuava se queixando. — Foi ele, a fera, e olhem só o tamanho dele. A idéia desse animal com a minha Fifine, tão pequena, tão indefesa, *quelle horreur*, sua vida destroçada. E além do mais, minha senhora em choque, já com uma visita caríssima do médico, toda uma família em desespero...



Uma ação para provar que eu era o pai.

Ele parou para respirar e procurar mais inspiração enquanto eu refletia sobre a injustiça dessa situação. Não só eu era perfeitamente inocente — embora não por falta de empenho —, como também havia presenciado o ato obscuro. E, se alguma inocência fora perdida, certamente não era a de Fifine. Mais provável seria a do pequeno gorducho. E enquanto eu repassava os acontecimentos daquele final de tarde, tudo ficou claro. Sem dúvida, Poilu soube pelo seu amigo Roussel da história da galinha supervalorizada e viu ali uma oportunidade para extrair algum auxílio financeiro para os honorários do ginecologista e os comprimidos contra a enxaqueca da sua mulher, com uma sobra substancial para um bom jantar. Em outras palavras, uma ação para provar que eu era o pai. Vocês podem achar que se trata de uma conclusão cínica,

mas eu conheço essa gente e posso garantir que consideram a carteira um dos seus órgãos vitais.

É claro que a administração não fazia a menor idéia da verdade, e ambos ficaram ali sentados, assentindo com movimentos solenes da cabeça enquanto Poilu andava atabalhoado pela sala, franzindo o cenho e espumando enquanto arengava sobre as conseqüências do pecado. Por um instante, pensei que ele fosse apresentar uma fatura, mas afinal ficou sem fôlego e parou olhando furioso para mim, seu peito viril arfando de emoção ou quem sabe de sede. Os discursos veementes costumam ter esse efeito sobre as pessoas.

Dessa vez, pelo menos, a administração não recorreu à garrafa tranqüilizadora, mas começou a lhe fazer perguntas. Ele havia testemunhado o ato? Quando se realizou? Não era possível que outro cão o houvesse perpetrado?

Poilu continuou vociferando, dando a impressão de que estava presente na hora com sua agenda, a anotar detalhes incriminatórios. E então ele cometeu o erro de voltar a mencionar a pequenez de Fifine, supostamente para estimular mais culpa e solidariedade por parte da platéia. Afinal, a administração fez a pergunta que eu estava esperando.

— Qual é o tamanho mesmo de Fifine?

— Ah, mas ela é muito pequena, uma coisinha de nada, um amor — e aqui Poilu fez gestos descritivos, indicando algo não muito maior do que um peixinho de aquário bem nutrido.

— Nesse caso — argumentou a administração —, como poderia essa ligação infeliz ter sido com nosso cão? Como o senhor vê, ele é grande, muitas vezes maior do que sua Fifine e tem pelo

menos o dobro da altura dela. Essas não são as condições mais propícias.

Exatamente meus sentimentos, é claro. E, como vocês devem se lembrar, eu havia feito o possível para superar os obstáculos naturais sem obter sucesso. Isso resolve a questão, pensei. Game, set e partida vencidos pela equipe da casa, meu bom nome restaurado, e Poilu desmascarado como o extorsionário embusteiro que eu sabia que ele era. Bocejei e me virei no chão, supondo que aquele havia sido o final.

Poilu, no entanto, não foi embora. Ele pediu uma caixa e, quando a outra metade trouxe um velho engradado de vinho da garagem, ele a ajeitou no chão e pôs o boné em cima.

— Agora, tenham a gentileza de apresentar seu cão ao boné.

Não sei quem ficou mais perplexo, eu ou a administração, mas eles resolveram fazer a vontade do velho valentão e me levaram para ser apresentado ao boné no engradado. Ele estava mais ou menos alinhado com meu peito, e isso pareceu animar Poilu tremendamente. Ele fez que sim algumas vezes e grunhiu enquanto dava uma volta em torno de mim.

— É como pensei. Imaginem que meu boné é a pequena Fifine. Podem ver que ela agora está com a mesma altura do seu cão; e com essa elevação adicional, tudo é possível. E — repetiu ele, esfregando as mãos, satisfeito —, exatamente como eu pensei. Foi assim que aconteceu.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo; e até a administração encontrava dificuldade para manter expressões adequadamente sérias. Antes que percebêssemos, Poilu estaria jurando com a mão no peito que me havia visto rondando a casa,

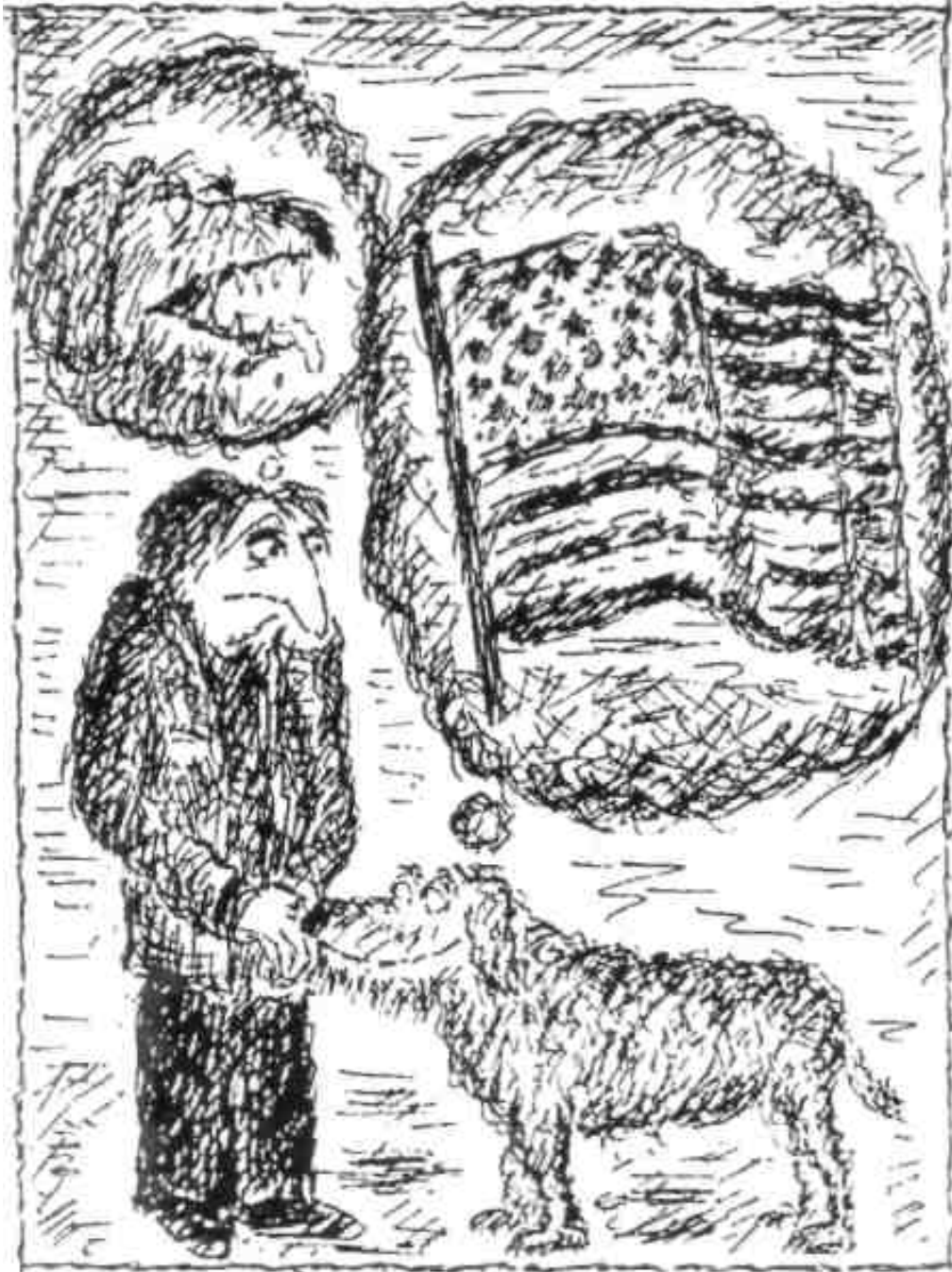
carregando um engradado de vinho, uma escada ou um guincho portátil, e tenho certeza de que ele tomaria esse caminho se madame não se tivesse lembrado do *rôti de porc* no forno. Na maior parte do tempo, ela é uma mulher equilibrada, mas quando sua culinária corre perigo, pode tornar-se irascível, e foi o que aconteceu.

— Um monte de baboseiras — disse ela, e saiu majestosa para a cozinha, deixando a outra metade e Poilu a trocar olhares de mau humor.

Eles passaram cinco minutos discordando um do outro até Poilu perceber que já passava da sua hora de dormir e era improvável que fosse receber algum cheque.

— Isso não vai ficar assim — ameaçou. — Vocês ainda vão ouvir falar de mim. — E com isso, agitou os cachos, apanhou o boné e saiu.

Só que nunca mais ouvimos falar dele, e o motivo ficou esclarecido quando Fifine acabou parindo um punhado de criaturas que só uma mãe cega poderia amar. Eu os vi um dia quando estava passeando com a outra metade — cinzentos, barrigudinhos, uns nanicos de pernas curtas, a exata imagem do pai. Caso encerrado.



Pelo cheiro os conhecerás

AQUI VAMOS NÓS MAIS UMA VEZ. Vai haver uma *soirée* hoje à noite, um jantar, uma reunião de pessoas cultas e sofisticadas que lançarão

epigramas de um lado da mesa para o outro, mantendo em jogo a bola da conversa. Pelo menos, é essa a teoria otimista. Veremos.

Enquanto isso, a administração está mostrando sinais de pânico, como costuma ser o caso; e ver os preparativos basta para fazer qualquer um ter suas dúvidas quanto aos prazeres da hospitalidade. Uma enorme quantidade de vinho é trazida da adega pela outra metade, que se diverte fazendo comentários indiscretos sobre os prováveis efeitos naqueles que irão consumi-lo. Isso irrita madame, a essa altura nos últimos estertores de um suflê, e ela lhe diz que essas pessoas são nossos amigos queridos. A outra metade ri com desdém e diz que anseia por conhecer um abstêmio. Madame também ri com desdém, e assim a coisa vai. Fazem com que eu me sinta supérfluo no que diz respeito às exigências da cozinha. Pés por toda parte, e para mim os pés são uma ameaça. Recolho-me para a segurança do jardim desejando meditar.

Por que é que as pessoas comem em rebanhos? E quando esse hábito tem início? Parece que elas não agem assim quando são pequenas, que é mais ou menos o melhor que se pode dizer a favor dos bebês. O bebê costuma comer sozinho, e também faz uma enorme bagunça, de tal modo que sempre cai alguma coisa do alto do poleiro. A não ser por isso, costumo concordar com W. C. Fields. Quando lhe perguntaram como gostava de bebês, ele respondeu: "Cozidos." Um ponto para ele. Uns macaquinhos imprevisíveis é o que eles são, na grande maioria dos casos, sempre puxando nosso bigode ou tentando desaparafusar nossas orelhas, embora eu geralmente consiga passar por cima das falhas quando o purê de carneiro começa a voar.

Felizmente, não haverá bebês hoje à noite. Sabe-se esse tipo de coisa através da disposição da mobília. Quando tudo foi tirado da casa para que ela lembre um campo operatório, pode-se ter certeza de que o Senhor Bebê vem fazer uma visita. Isso não aconteceu. Portanto, hoje à noite estamos obviamente esperando adultos. Perigosos também, ao seu próprio modo, mas mais fáceis de prever.

Eu diria que vai ser a bagunça de costume uma vez que a bebida começa a fazer efeito: uma tagarelice ensurdecadora, os pés voando com um abandono descuidado, comentários caluniosos sobre amigos íntimos, porém ausentes, com muito pouco mais do que uma eventual migalha que cai para a minoria silenciosa debaixo da mesa. E há quem chame o jantar de um dos grandes prazeres da vida civilizada. Reparem bem, essas mesmíssimas pessoas votam em políticos que dificilmente obteriam um atestado de saúde mental e se inscrevem em aulas de aeróbica. Pode-se dizer, portanto, que elas têm alguns parafusos a menos.

Ah, bem. Tudo passa, e sempre é possível esperar pelo enterro dos ossos. Tradicionalmente, ele se realiza entre os escombros na cozinha, onde as duas cadelas e eu nos reunimos para aproveitar as sobras do banquete e nos deliciar com os comentários do nosso simpático casal anfitrião, enquanto eles contam as garrafas vazias e juram nunca mais dar uma festa.

Houve alguns momentos clássicos, posso lhes garantir: dramas profundos, comédias rasteiras, lágrimas e acusações verbais, recriminações e remorsos; e até mesmo, numa ocasião, violência física. O que aconteceu foi o seguinte.

A sra. Franklin, uma espantosa americana que nos visita uma vez por ano durante seu majestoso deslocamento até Cap d'Antibes,

havia pedido para conhecer um *homme du coin*, um verdadeiro e autêntico morador do local. Aqui surgiu uma certa dificuldade, já que todos os moradores com um pingão de bom senso não aparecem no verão ou somem para algum lugar fresco e úmido, como a Escócia, onde podem usar roupas estranhas sem atrair comentários. Por isso, muito se pensou em pessoas insatisfatórias até que a administração conseguiu convencer Raoul, o ativista político, a deixar as barricadas de Avignon e vir honrar a mesa com a barba por fazer.

Por ínfimo que pareça, esse já foi um sacrifício porque nem madame nem a outra metade gostam de Raoul, cuja disposição de ânimo é espinhenta como seu queixo e que bebe como um gambá. No entanto, as opções eram limitadas, e ele era um verdadeiro filho da região, como não se cansava de dizer a todo mundo. Não só um filho autêntico, mas também um defensor ferrenho da pureza da refulgente herança cultural francesa (que, na minha opinião, consiste sobretudo em museus, gesticulações e uma enorme quantidade de esforços organizados para a bebida, mas estou só divagando). Seja como for, Raoul havia feito a concessão de vestir sua jaqueta de couro menos suja para vir, e a sra. Franklin, usando seu melhor vestido de *chintz* em sua honra, ficou bastante satisfeita.

Eles foram modelos de diplomacia durante o jantar, cumprindo as formalidades e professando um interesse mútuo e profundo nas opiniões do outro acerca do preço dos melões e da insidiosa ameaça de bonés de beisebol virados para trás. A noite parecia estar fadada à boa educação. Mas quando meu amo (que suspeito de, às vezes, estimular ativamente o mal para se manter acordado) os forçou a beber conhaque e mencionou a Euro-Disney, voaram penas para todos os lados.

Raoul quase engasgou com a biritá. *Quelle horreur!* A cultura francesa, a cintilante pedra preciosa na coroa da civilização, estava sendo aviltada por invenções americanas de sabor desagradável: *le Coca-Cola, les Big Mac* e agora esse execrável Mickey Mouse com suas orelhas gigantescas. De Gaulle jamais teria permitido tanta vulgaridade no solo francês.

Bobagem, disse a sra. F. Euro-Disney em nada supera a Côte d'Azur em termos de vulgaridade. E mais uma coisa, disse ela, enchendo o copo, os encanamentos funcionam em Euro-Disney, o que é mais do que se pode dizer do resto da França.

Bem, daria para pensar que ela estava sugerindo que Monsieur Mickey deveria instalar residência no Palácio do Eliseu. Não sei se Raoul tinha ou não avoengos reverenciados no setor de saneamento, mas a referência aos encanamentos o magoou fundo. Ele se levantou, deu um soco na mesa e proferiu uma violenta invectiva contra os males da influência americana, desde a goma de mascar até Sylvester Stallone (ambos muito populares na França, por sinal). E então ele cometeu o erro de passar com os braços movendo-se por toda parte e o conhaque voando *partout*, para a aparência da sra. Franklin.

— Olhem só esse vestido — depreciou ele, torcendo o lábio superior —, é *isso* o que quero dizer com vulgaridade americana. — É claro que estava exagerando, mas sempre se pode contar com ele para exageros, motivo pelo qual não é muito requisitado.

Seja como for, tais palavras foram o suficiente. A sra. Franklin, num átimo, já estava em pé e do outro lado da mesa, movimentando-se muito bem para uma mulher daquela idade, e o acertou bem no nariz com um cruzado de direita da sua bolsa, que

devia conter algo pesado (jóias de reserva para o fim de semana, talvez, ou meia dúzia de latinhas de gás lacrimogêneo), porque fez brotar sangue. Isso pareceu incentivá-la a maiores esforços, e ela expulsou Raoul de dentro de casa, com gritos de guerra e avançando com a intenção de lhe dar um nocaute.

Talvez vocês queiram saber o que os membros da nossa ilustre platéia fizeram enquanto tudo isso ia acontecendo. Absolutamente nada, o que me leva a crer que o mesmo princípio que se aplica aos cachorros vale para os humanos. Nunca interfira numa franca diferença de opiniões. Quem tenta interferir recebe dentadas dos dois lados.

Vocês vão concluir a partir desse exemplo que os jantares numa sociedade multirracial não deixam de ter uma eventual diversão inesperada, e eu espero que os competidores de hoje à noite formem uma turma animada.

Eu os ouço chegar agora, berrando a plenos pulmões antes mesmo de entrar na casa. Imagino que vocês já tenham ouvido burros no cio, com aqueles relinchos e bater de patas. E quase tão forte. O pior é que eles passam por mim sem sequer um cumprimento. Desesperados pela bebida, suponho. Entro atrás deles, avaliando as bolsas femininas para ver sua funcionalidade como armas ofensivas, e observo a ritual dança familiar que sempre precede as atividades sérias.

Ainda a considero estranha. Os homens apertam as mãos e as mulheres roçam as bochechas, mas nunca se vê o que se poderia chamar de contato corporal informativo. Eles se inclinam até a cintura, avançam e recuam, mas não chegam a um corpo-a-corpo, se é que vocês me entendem. Não há substância no intercâmbio.

Como se pode descobrir alguma coisa de interesse a partir de um aperto de mão à distância de um braço ou de um breve contato ligeiramente abaixo dos brincos?

Já meu jeito de cumprimentar é genuinamente cordial, ou é o que gosto de pensar, e extremamente revelador. Ao me aproximar, agito o rabo com vigor. Isso tranqüiliza as criaturas mais tímidas, induz uma sensação imediata de boa-vontade e abre caminho para uma saudação mais íntima: uma farejada investigadora na área central do convidado. Eu deveria acrescentar que minha altura me permite fazer isso sem recorrer àqueles pulinhos servis que os cães de estatura reduzida são obrigados a dar. Tenho certeza de que vocês já os viram, parecendo ioiôs peludos.



Meu jeito de cumprimentar.

Portanto, cá estamos, focinho aplicado à virilha. Arquejos e gritinhos das senhoras, e esforços viris por parte dos cavalheiros no sentido de tratar o encontro como mais uma faceta característica da vida bucólica. “Os meninos têm das suas”, dizem eles. Ou, com um

toque de apreensão, "Será que ele morde?" Devo confessar que já me senti tentado a dar uma dentada eventual, especialmente quando me chamam de Rover ou derramam gim na minha cabeça. Até agora, entretanto, consegui me refrear. Mas vai chegar um dia. Tudo tem seus limites, até mesmo minha calma.

Essa investigação inicial leva apenas alguns segundos, mas pode proporcionar muitas informações para aqueles com o faro treinado e uma percepção das diferenças étnicas. Hoje à noite, enquanto faço minha ronda, concluo que temos uma mistura de suspeitos de alguns países, e é interessante a frequência com que seus buquês particulares combinam com os estereótipos nacionais.

Temos aqui Jeremy, perfeitamente adequado ao perfil inglês. Ele cheira a umidade, com leves toques de xerez e sugestões residuais de *tweeds* antigos e xampu contra a caspa que não adiantou nada. Apesar do calor da noite, ele está usando calças grossas que fazem lembrar o outono e a má pontaria. Ele me chama de "dear boy", e parece bem decepcionado quando retiro o focinho para ir adiante.

Jules e Jim, os antiquários da aldeia, estão saltitando de um lado para o outro no seu costumeiro estilo animado. Eles, como a maioria dos seus compatriotas, têm o cheiro invariavelmente forte: uma penetrante *eau de cologne* associada aos efeitos retardados de um almoço tremendamente condimentado — alho, naturalmente, com uma contribuição considerável de anchovas e grãos de pimenta e uma leve lembrança de anis e alcaçuz remanescentes do *pastis* matinal. Uma combinação que costuma me fazer espirrar bem em cima das suas *espadrilles* brancas.

A jovem Linda e sua irmã Erica, de Washington, têm o cheiro de todos os americanos. Elas fazem com que me lembre de umas camisas recém-lavadas com as quais brinquei num momento de ócio. Há também um resquício de anti-séptico bucal. Eu raramente me detenho nos americanos em virtude de seu buquê sanitário. Além do mais, tenho a impressão de que muitos deles me consideram um perigo para a saúde.

Finalmente, temos o venerável Angus, velho amigo da administração, proveniente do lado ocidental das Highlands. Não perco a esperança de que ele um dia apareça de *kilt* e bolsa de pele, o que seria uma experiência diferente para nós dois. Hoje, infelizmente, ele está trajado em cotelê antigo e cheira, como sempre, a aveia pilada, uísque derramado, border terriers e cinza de charuto.

E é esse o elenco para esta noite. Será que eles vão se engalfinhar e restabelecer as velhas tradições de agressão verbal? Espero que sim, pois percebi que, quando as paixões se inflamam, surge um belo descuido com as mãos e a comida costuma cair da mesa em conseqüência.

Finalmente, depois que eles passaram cerca de uma hora grasnando uns com os outros, madame dá o sinal, e os convidados entram para jantar. Antes de me reunir a eles, faço uma limpeza nos canapés que alguma boa alma deixou para mim na mesinha baixa e reflito sobre a diversidade aromática da população humana do planeta. Espero com interesse pelo encontro com meu primeiro australiano.



A sessão de pintura

AS PESSOAS TÊM HÁBITOS extremamente enigmáticos — os regimes, as danças de salão, a filatelia e uma fé comovente na Bolsa de Valores, para mencionar apenas alguns —, mas um dos mais curiosos é sua

relutância em aproveitar os prazeres de um simples passeio. Pelo menos uma vez por dia, a administração e eu partimos em busca de exercício e aventura na floresta. Gentileza e consideração por parte deles, eu diria, embora haja ocasiões em que eu ficaria mais feliz diante da lareira. Mas eles parecem gostar, e eu sempre me mostro disposto. A floresta é um lugar enorme, afinal de contas, e eu não ia querer que eles se perdessem.

No entanto, o que ainda me surpreende depois de todos esses anos é a sua falta de iniciativa. Tudo o que fazem é seguir em frente — nada de farejar, nada de rolar descuidados no chão, nada de perseguir galinhas, nenhuma paradinha para irrigar a base das árvores, nada de rituais de enterros, nada de ciladas, escavações e pouquíssimas ocorrências de pulos ágeis de um penhasco a outro. Procuo incentivá-los pelo exemplo, mas eles estão acomodados nos seus hábitos e resistem ao treinamento. É claro que poderia ser a idade. Não se consegue ensinar um truque novo a um ser humano velho.

Seja como for, foi durante uma dessas expedições que um encontro casual me levou à minha breve carreira no mundo da arte. Que minha história seja um aviso de que nenhuma boa ação fica impune.

Estávamos nos morros por trás da aldeia, com a administração lá na retaguarda, como de costume, quando ouvi ruídos de movimentação e me enfiei pelos arbustos para investigar, na esperança de encontrar um coelho. Para minha decepção, tudo o que vi foi uma figura humana, e uma figura que reconheci. Era Eloise, a pintora, vagando pelas veredas como um fim de semana perdido, a tirar fotografias de gravetos. Ela usava seu folgado traje

de aquarelista, sandálias de dedo de tapeçaria com a alça da máquina combinando, e um chapéu pitoresco. Sem dúvida estava à procura de inspiração, que vem lhe escapando há alguns anos, pelo que eu sei. Ela me cumprimentou com um arrulho de prazer.

— Uuuuh, *c'est magnifique*. Fique aí mesmo, enquadrado no verde como uma figura de Le Douanier Rousseau. Tão *sauvage!* — E com isso ela tirou um retrato meu. Lembro-me de que estava com um ramo de madressilva grudado na orelha, e isso deve tê-la animado. Os artistas são uma gente estranha, dada a caprichos.

A administração chegou, esforçando-se para seguir pelo meio do mato, e eles e Eloise se beijaram e trocaram tapinhas, como se não se vissem há anos. Na realidade, ela vinha sempre lá em casa, provavelmente para ver se não deixara sua musa esquecida em algum canto; mas, quando amigos se encontram inesperadamente, eles costumam exagerar nas demonstrações de prazer. Não me perguntem por quê. Seja como for, eu estava prestes a ir atrás de um cheiro interessante de caça — poderia ter sido uma raposa, ou possivelmente o velho Roussel fazendo exercício — quando parei de supetão com algo que Eloise estava dizendo à administração.

Tudo lhe ocorrera num relance, disse ela, segurando o chapéu, cheia de entusiasmo, quando me viu surgir no meio dos arbustos. Foi um momento de forte criação, um ofuscante espasmo de inspiração; uma névoa havia caído dos seus olhos, e agora o caminho a seguir estava claro.

A administração fazia que sim e arrastava os pés com polidez, mas eu podia ver que eles estavam tão desnorteados quanto eu até Eloise continuar com a explicação. Ela no fundo não é muito boa nisso. Portanto, vou lhes dar uma interpretação resumida

dos dez minutos de tagarelice que se seguiram. Aparentemente, estivera planejando uma série definitiva de aquarelas de teias de aranha — daí a máquina fotográfica e as fotos de gravetos, para pesquisas — mas por algum motivo o trabalho não deslanchava. Ele raramente deslancha, a bem da verdade. Eloise é o que se poderia chamar de pintora latente, em vez de pintora em atividade. A meu ver, ela é mais feliz assim. Trabalha-se menos, por um lado, e a vida social não é prejudicada.

Agora, porém, em consequência da revelação no mato, ela havia resolvido abandonar o projeto das teias de aranha, deixar de lado a aquarela e se dedicar às telas e tintas a óleo — o esqueleto e o sangue, nas suas palavras, do pintor sério e maduro. Realmente, é preciso conhecê-la para apreciar o humor inconsciente desse comentário, mas foi assim que ela falou. A administração continuava a gesticular que sim, a arrastar os pés e a manter uma expressão neutra enquanto esperava que a conferencista deixasse Cézanne e Picasso e voltasse ao assunto.

Depois de algumas incursões no fauvismo e na influência do absinto sobre a obra de Van Gogh, nossa amiga da paleta afinal revelou seu plano. Consistia em criar uma obra-prima, um estudo em tamanho natural do rei da floresta saltando de um arbusto, a síntese da natureza na sua magnificência indômita. Bem, eu normalmente não sou lento para captar o rumo da conversa, mas devo dizer que levei alguns segundos para perceber exatamente sobre o quê ela estava falando. Ela queria pintar um retrato meu.

Nesse ponto, surgiram emoções conflitantes. Por um lado, havia o reconhecimento gratificante das minhas qualidades heróicas, a chance de ser imortalizado e, possivelmente, alguns ossos de

quebra a título de lanche para o modelo. Por outro lado, eu tinha minhas dúvidas quanto à pintora. Quando eu lhes disser que ela é uma mulher que ouvi admitir que tem sérios problemas artísticos todos os dias de manhã com a escolha do batom, vocês poderão compreender o que estava me passando pela cabeça. Passaríamos anos hesitantes no seu estúdio, a vida seguiria sem mim e, quando o retrato estivesse terminado, quer dizer, se ele algum dia fosse iniciado, eu estaria suficientemente velho para precisar de uma profissional de enfermagem que me ajudasse a levantar a perna.



A chance de ser imortalizado.

A administração, no entanto, não tinha nenhum receio dessa natureza. Creio que eles tiveram visões da minha imagem pendurada no Louvre, na seção de animais domésticos ao lado daqueles roliços querubins medievais que todo mundo parece admirar tanto. Seu

Boy, na companhia dos grandes mestres. Eles acharam a idéia emocionante. Coisa perigosa, o entusiasmo, especialmente se Eloise estiver envolvida. Mas estou me adiantando.

A conferência na floresta foi suspensa, Eloise saindo apressada à procura do seu material de pintura e a administração mergulhada em especulações otimistas sobre a data em que a grande obra estaria pronta. Minha própria estimativa era a de um bom ano e meio, e isso só para comprar os materiais. Por esse motivo, não pensei muito no assunto durante alguns dias. Eu tinha certeza de que aquilo não ia acontecer nunca e, para ser franco, estava aliviado. Não sou talhado para uma natureza-morta.

Ah, bom. Nenhum de nós é infalível. Para minha enorme surpresa, eu estava errado, e Eloise ligou uma semana depois dizendo que estava pronta para a primeira sessão. Fiquei pouquíssimo satisfeito, já que havia feito planos para o dia e, como já disse, tinha dúvidas quanto ao projeto como um todo. Já a administração ficou num estado de grande alegria; e, por eles, cometi o equívoco de cooperar. Depois de ser arrumado e ter os bigodes penteados, algo perfeitamente desnecessário, fui entregue à porta do que Eloise gosta de chamar de seu "ateliê".

Ficava no fundo do jardim, uma construção longa e estreita reformada — em época bem recente a julgar pelo cheiro — de um abrigo para cabras convalescentes. E ali à soleira estava a resposta moderna a Stubbs e Rembrandt, trajando uniforme de combate completo. Adeus às sandálias, ao largo camisa e ao chapéu amorfo dos dias em que brincava com aquarelas. Essa era uma Eloise nova e dedicada, vestida no que parecia ser um macacão de soldador, com botas de borracha e uma faixa escarlate na cabeça.

Ela me levou para dentro, sem parar de falar, de artista para modelo, sobre nosso trabalho conjunto pela glória maior da imagem pintada, enquanto eu fazia uma inspeção no recinto. Eu nunca havia estado num estúdio de pintor anteriormente, e por isso tudo era novidade para mim. Uma grande tela branca estava num cavalete no meio da sala; ao lado, uma mesa comprida com tubos de tinta, potes cheios de pincéis, paletas e — indispensável para todo grande artista, lembro-me de ter pensado — um telefone. E, diante do cavalete, via-se o que só posso descrever como uma gruta artificial.

Havia pedras, elegantemente arrumadas de modo a formar uma base irregular, com uma variedade de arbustos secos enfiados nas fendas. Quem tivesse uma imaginação forte e um olho pouco crítico poderia ter detectado uma longínqua semelhança com a natureza, mas eu não me convenci. No entanto, cheguei a perceber que alguns biscoitos haviam ficado numa das pedras, e me dediquei a eles enquanto ouvia Eloise dar um telefonema. Depois, ela deu mais um, mais outro e, a cada vez, era a mesma história. Ela estava ligando para os amigos, pedindo-lhes que não a perturbassem. No fundo, uma ironia, considerando-se o seu talento para se interromper em todas as oportunidades. Mas ela transmitia a mensagem de que aceitara uma encomenda, artista na agonia da criação, nenhum contato com o mundo lá fora até nova ordem, e assim por diante. Eu me perguntava como os velhos mestres se haviam saído sem telefones. Mensageiros com baquetas, imagino.

A essa altura, eu já estava ficando meio irrequieto, sentindo mais do que nunca que minha índole obsequiosa me havia custado uma longa dose de tédio. Lembrem-se do que eu disse sobre as boas ações? A gente paga por elas, não há a menor dúvida. E,

enquanto eu olhava pela janela ao som de mais um telefonema, quase lamentei ter nascido com uma aparência tão nobre. Tudo bem que os pintores sofram pela sua arte, mas eu preferia que eles deixassem a nós, os modelos, fora dessa obrigação.

Finalmente, Eloise largou o telefone, e os combates começaram. Ela me levou até a gruta para me instalar ali e fez numerosos ajustes antes de conseguir me deixar numa posição de extremo desconforto. Essa era a minha pose, foi o que ela disse, e eu não devia me mexer, não importa que uma pedra estivesse me incomodando o traseiro. Eloise deu um passo atrás, estendeu um braço, ajeitou o polegar, forçou os olhos, absorta, no estilo de Degas captando a perspectiva. Mas não. Não estava servindo. Faltava alguma coisa. Ela permitiu que eu ficasse à vontade enquanto saía para o jardim à procura do que quer que fosse.

Lá voltou ela, triunfante, com uma braçada de mato. A horticultura não é meu forte, por isso não posso lhes dizer o nome da planta, mas tenho certeza de que vocês já a viram. Ela cresce em gavinhas espiraladas e gruda nas pessoas como longas tiras de carrapicho. É um inferno até conseguir livrar-se dela, por isso quem tem um pingo de bom senso mantém uma boa distância. É claro que isso não se aplica a Eloise.

Ela começou a enrolar essa coisa medonha na minha cabeça e nos ombros, resmungando alguma bobagem sobre o efeito ficar perfeito com uma guirlanda verdejante. Quando terminou, eu me sentia perfeitamente ridículo, como vocês também se sentiriam se Eloise os tivesse fantasiado de arbusto. Já Eloise estava obviamente convicta do nosso progresso, e me empurrou para trás no meu poleiro pontudo, com exclamações de prazer artístico.

— Ah, agora, sim. Estou vendo essa cabeça emoldurada por um símbolo da fertilidade da natureza. *Superbe.*

Eu, pessoalmente, conseguia ver pouquíssimo através da folhagem suspensa da minha testa, e apresento esse fato como causa do acidente. Não se tratou de intenção criminosa, apesar do que ela disse depois.

Até aquele momento, nenhuma gota de tinta fora empregada a sério. Eu estava desconfortável nas duas extremidades, com apenas um quarto de visão e perdendo a paciência rapidamente. Foi quando o telefone tocou.

Será que Picasso teria atendido? Ou qualquer outro mestre do pincel? Claro que não. E Eloise? Claro que sim. Já ouvi dizer — palavras indelicadas, como a verdade costuma ser — que seria necessário fazer uma cirurgia para tirar um telefone do seu ouvido, e ela estava mergulhando numa discussão detalhada das vantagens da lipoaspiração com uma das suas amigas preocupadas com o peso quando resolvi dar um basta. Ergui-me do meu leito de dor e fui na direção da porta, com a intenção de me desenredar do disfarce folhoso. Infelizmente, com a visão prejudicada, tropecei no cavalete, a tela caiu na minha cabeça e uma combinação de instinto e irritação fez com que eu revidasse.



O momento que salvou o dia.

Foi o momento que salvou o dia. Não sei se vocês alguma vez já tiveram motivos para atacar uma tela de mais de um metro quadrado; mas, se algum dia estiverem se sentindo deprimidos, não há nada melhor que eu possa recomendar. Tela rasga como num sonho, e não há a menor chance de você se machucar. Ataquei-a como um tigre até não restar nada a não ser tiras e fragmentos, com uma Eloise enlouquecida fornecendo à sua amiga ao telefone uma descrição histérica do que estava acontecendo.

— Ele se transformou num assassino selvagem. Minha obra está em pedaços. Temo pela minha vida. Chame a polícia. — Eu deveria acrescentar que a artista apavorada acabara de subir para uma posição de segurança no alto da mesa, suas botas causando destruição entre os tubos de água-marinha e garancina, alguns dos quais espirraram e caíram em cima de mim.

Tenho certeza de que vocês podem adivinhar o resto. Uma ligação de emergência convocou a administração; eles vieram correndo e, sabem de uma coisa?, foi a primeira vez que cheguei a

vê-los recuar. Ali estava eu, enfeitado com plantinhas e pedaços de tela, decorado com pingos multicoloridos de tinta, patejando à porta para sair, e Eloise em cima da mesa, com o telefone junto ao peito, pronta para desmaiar. Eu mesmo não estava na melhor situação para apreciar a cena, mas tenho certeza de que algumas pessoas teriam pago uma pequena entrada.

A história acabou mal para todos nós. A administração prometeu um cheque pelo correio para compensar a destruição geral. Eu fui submetido a uma desagradável sessão com tesouras e removedor de tintas. E Eloise ficou em estado de choque, ao que ela mesma disse, por meses a fio. E assim a arte. Não vale o trabalho que dá, garanto a vocês.



Nota sobre a espécie humana

MESMO QUE EU CHEGUE a viver até os dezesseis anos, nunca vou compreender a riqueza das complexidades da natureza humana. Também nem sei se quero. Seria tarefa para uma vida inteira, e

refletir sobre os mistérios da existência é prejudicial para a saúde. Vejam o que acontece com os filósofos. A maioria deles acaba como louco de pedra, dependente da bebida, ou se torna professor de existencialismo em obscuras universidades.

Tendo dito essas palavras, não vou negar que, depois de muitos anos de felicidade no convívio com a administração e seus amigos eventualmente suspeitos, cheguei a certas conclusões sobre o animal bípede. Relances de *insight* ocorreram, como ocorrerão com quem observa atentamente, mantém a boca fechada e as orelhas atentas. Momentos instrutivos ficam na lembrança, acrescentando-se ao repertório de conhecimentos. Por exemplo, o dia em que aprendi a lição sobre a santidade do bebê humano.

Aconteceu durante aquele período socialmente perigoso após o jantar, quando os convivas em volta da mesa costumam sentir a tentação de disparar indiscrições saborosas, ou mesmo — *in vino veritas* — dizer a verdade. Eles com freqüência se arrependem no dia seguinte, o que resulta em telefonemas cheios de remorsos. Mas nessa altura, felizmente, é tarde demais.

Na noite em questão, tínhamos o privilégio de estar na companhia de uma mãe terra. Ela nunca deixava que ninguém se esquecesse do fato de que tinha três filhinhos — retratos com os coquetéis, relatos fascinantes dos seus feitos com o babador e o chocalho durante o primeiro prato, seguidos de histórias atualizadas, em detalhes extremos e desnecessários, do número de dentes e de suas experiências com as funções corporais. Achei difícil agüentar aquilo, e eu nem estava tentando comer nada, mas ela prosseguiu assim mesmo enquanto os outros convidados faziam o possível para engolir o cordeiro assado. Afinal, tendo esgotado as notícias

desagradáveis, ela propôs a teoria ofensiva de que as pessoas têm cães para compensar a falta de filhos. Equivocada e descortês, é claro, mas pouquíssimo original, e eu imaginei que o comentário fosse receber a indiferença que merecia.



Ele empinou as orelhas e revidou a dentadas.

Eu não havia contado, entretanto, com o efeito do seu monólogo sobre a outra metade. Posso ter mencionado antes que em geral é necessário algo do calibre de um tremor de terra para despertá-lo dos seus devaneios pós-prandiais. Àquela altura, porém, sem dúvida inspirado por um excesso de propaganda sobre as alegrias da fertilidade, ele empinou as orelhas e revidou a dentadas. E com um belo argumento, cujo cerne consistia no fato de que muitos casais nestes nossos tempos de excesso de população moram em pequenos apartamentos onde é proibido ter cães. Desesperados pelo companheirismo, o casal ou compra um periquito ou tem um filho, dependendo do espaço disponível para a gaiola. Portanto, seria de uma facilidade idêntica propor o argumento contrário, o de que os filhos são, de fato, substitutos dos cães. Tome mais um copo.

A outra metade já se meteu em encrencas antes, em conseqüência da sua atitude frívola diante de vacas sagradas, mas eu raramente vi uma reação tão dramática. Vibrando de emoção como um manjar no cio, a mãe terra fixou nele o olhar furioso e incandescente.

— Isso é um absurdo — disse ela. — Você está comparando meu pequeno Tommy com um periquito, a sério?

Caiu um silêncio sobre a mesa enquanto todos esperavam que a outra metade conseguisse se safar da situação. Mas ele estava um demônio naquela noite e não se sentiu a fim de temporizar.

— Por que não? Os dois são pequenos. Os dois são barulhentos. Os dois derramam a comida. E os dois têm dificuldade em controlar o intestino. — Tudo verdade, naturalmente, mas no fundo não era o que a mãe queria ouvir.

E foi o suficiente para concluir a diversão da noite. A parte ofendida jogou seu guardanapo na mesa, apanhou o álbum de família e arrastou o marido escuridão adentro, queixando-se em voz alta dos insultos à maternidade e jurando nunca mais dirigir a palavra àquele homem horrível.

— Que alívio — ouviu-se a outra metade sussurrar, o que fez com que ele fosse banido de castigo para a cozinha. Eu mantive a cabeça bem baixa. É claro que havia adorado cada minuto, mas não é conveniente tripudiar.

Ruminando sobre os acontecimentos na minha cesta depois que as luzes se apagaram, meus pensamentos se voltaram para outros temas delicados nos quais opiniões fora de moda ou algumas palavras proferidas de brincadeira podem levar ao alarme, ao desalento e ao rompimento de laços sociais. Quando se pensa nisso,

vê-se que existem muitos assuntos melindrosos, desde a política — que, calculo, muita gente ainda leva a sério — até o papel da camisinha na sociedade moderna. Já ouvi discussões acaloradíssimas sobre os dois temas e vi pessoas normalmente racionais e equilibradas se comportarem como furões dentro de um saco por causa de discordâncias insignificantes. É que elas gostam de vencer e se zangam quando isso não acontece. Não há nada mais estranho do que gente.

Foi com essa idéia em mente que passei alguns dias revendo os pensamentos reunidos nas páginas precedentes — para me certificar de ter incluído tudo que pudesse ser de interesse para a posteridade, ou para qualquer outra pessoa, por sinal. Para minha surpresa, concluí que eu poderia ter negligenciado minha própria espécie. E os jovens e inexperientes entre nós, ignorantes dos costumes humanos, vagando sem rumo num mundo estranho onde as pessoas se aliviam dentro de casa e castigam o cão que as imita? A lógica não oferece resposta. Apenas a experiência o faz. Por isso, apresento as seguintes dicas. *Pensées* a esmo, podem ser, mas não deixam de ter seu valor. O que é que vocês acham?

CONSELHO AO JOVEM CÃO

1. Cuidado com o Natal. É tradicionalmente uma época em que os filhotes são levados para o lar feliz como presentes. Se conseguirem sobreviver a uma dieta inicial de peru, tortas de frutas e especiarias, bombons com licor, papel de embrulho, papel laminado e enfeites de árvores, eles crescerão, como os filhotes crescem. Por algum motivo, isso provoca espanto e consternação

nos membros mais velhos da família, que não deveriam ter caído nessa. Só que caíram, e antes da primavera já estão procurando alguém disposto a assumir um cão que se tornou inconveniente. Os filhotes de Natal não deveriam fazer planos a longo prazo. E triste mas é verdade.

2. Nem procure tentar entender a atração da televisão. Gosto de me ver como um cão bastante sofisticado, capaz de me movimentar com liberdade entre diferentes grupos sociais, solidário com seus interesses por mais absurdos que sejam e assim por diante. Nesse ponto, porém, fico frustrado. Uma caixa cheia de gente pequena e barulhenta, um cheiro desagradável de plástico aquecido, a sala mergulhada na escuridão, conversas proibidas, e o leve ruído de roncos ao fundo — será que isso é divertido? Eu mesmo não consigo entender o que acontece. Vocês já viram coelhos hipnotizados pelo fecho de uma lanterna? É isso a televisão, no que me diz respeito. Para drama e diversão, prefiro as formigas em quaisquer circunstâncias.

3. Uma noite você poderá ser perturbado pela chegada sorrateira, através de uma janela, de cavalheiros que rondam a casa na ponta dos pés, em silêncio. São ladrões. Jamais se deve latir para eles. Além de não terem nenhum respeito pelos direitos dos animais, podem ser violentos. Deixe para fazer qualquer ruído depois que eles estiverem a uma distância segura da casa. Se você tiver sorte, eles podem ter levado a televisão.

4. A etiqueta do banho me confundiu durante alguns meses, mas as regras parecem ser as seguintes. É aceitável que as pessoas mergulhem na água todos os dias. Na realidade, elas consideram isso uma virtude e um prazer. Elas cantam; brincam com o sabão;

saem rosadas, reluzentes e satisfeitas. Ao ver isso, o cãozinho que deseja agradar pode ser tentado a seguir seu exemplo dando uma boa chafurdada numa poça. Isso não é aceitável. Nem é aceitável sacudir a água do pêlo na sala de estar, ou enxugar o pêlo facial esfregando-o no tapete. Como na maioria dos aspectos da vida, aqui atuam dois pesos, duas medidas, o que não favorece aqueles de nós com quatro patas e um sovaco enlameado.

5. Aprenda a distinguir entre amigos naturais e inimigos naturais. Sempre me afeição a jardineiros (por nosso mútuo interesse em escavações), pessoas desajeitadas ao comer, aqueles que compreendem os princípios do suborno para conseguir o bom comportamento e os que usam dentaduras, para quem os biscoitos são uma dificuldade. Tratar com cautela: qualquer pessoa vestida de branco, pessoas que façam perguntas condescendentes sobre seu *pedigree*, velhos rabugentos com bengalas e vegetarianos (a não ser na hora das refeições quando houver carne na mesa e eles quiserem se livrar dela discretamente). Evitar: mulheres que levam retratos do gato na bolsa. Essas não têm mais jeito.

6. Reconheça a necessidade da obediência seletiva. Sob circunstâncias normais, você poderá fazer mais ou menos o que quiser. A ociosidade inata ao homem e sua curta capacidade de concentração irão poupá-lo de um excesso de disciplina. Haverá momentos de crise, porém, em que vale a pena atender a um chamado das autoridades. Sempre dá para saber. As vozes ficam altas, a histeria avulta e soam ameaças. Quando eles gritam em maiúsculas — como em "BOY! INFERNO!" — volte imediatamente para a base, fingindo não ter ouvido da primeira vez. Agite o rabo com sinceridade, e tudo acabará bem.

7. Não traga para casa amigos do sexo oposto. Isso apenas irá despertar especulações indelicadas sobre suas intenções e pode levar a um período de prisão domiciliar. A meu ver, a melhor maneira de conduzir um romance é em terreno neutro, onde é mais improvável que você se veja encurralado e onde você pode manter o que é conhecido hoje em dia como “máxima possibilidade de negação”. Siga o exemplo dos nossos eminentes líderes. Não admita nada enquanto não estiver à mercê dos seus detratores.

8. Nunca morda veterinários, mesmo quando atacado por trás por um termômetro gelado. Eles têm boas intenções.

9. Finalmente, lembre-se de que vivemos num mundo imperfeito. As pessoas cometem erros. Coquetéis, mobília de cor clara, transplantes de cabelos, *reveillons*, vermífugos, *lycra* laranja aceso, coleiras cintilantes para cães, o *jogging*, a escovação, o sexo por telefone, a aplicação de cera nas pernas — a lista é longa, e a vida curta. Meu conselho é que se tire o melhor partido dela e que se façam concessões. Errar é humano. Perdoar, canino.

Alguém topa um passeio?



Errar é humano. Perdoar, canino.

Este livro foi composto pela
Art Line Produções Gráficas Ltda.
Rua Visconde de Inhaúma, 64 - Centro - RJ
e impresso na Editora JPA Ltda.
Av. Brasil, 10.600 - Rio de Janeiro - RJ
em maio de 1997,
para a Editora Rocco Ltda.

